

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**“DO RISO FEZ-SE O PRANTO”:
DISCURSOS SOBRE O MAGISTÉRIO**

DANIELA ROSOLEN GALETTI DA SILVA

**Maringá
2015**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**“DO RISO FEZ-SE O PRANTO”:
DISCURSOS SOBRE O MAGISTÉRIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Constituição do sujeito e Historicidade

Orientador (a): Prof. Dra. Maria Lucia Boarini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

S586d Silva, Daniela Rosolen Galetti da
"Do riso fez-se o pranto": Discursos sobre o
magistério / Daniela Rosolen Galetti da Silva. --
Maringá, 2015.
140 f. : il. color., figs. + anexo

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Lucia Boarini.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Departamento de Psicologia, Programa de Pós-
Graduação em Psicologia, 2015.

1. Trabalho docente - Educação escolar -
Psicologia. 2. Professor - Saúde. 3. Magistério -
Feminização - Brasil. I. Boarini, Maria Lucia,
orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro
de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de
Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
III. Título.

CDD 21.ed. 370.15

MN-002008

DANIELA ROSOLEN GALETTI DA SILVA

Do Riso Fez-se o Pranto: Discursos sobre o Magistério

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA



Prof.^a Dr.^a Maria Lucia Boarini
PPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)



Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Gomes Machado
DFE/Universidade Estadual de Maringá



Prof. Dr. Fernando Lacerda Junior
Universidade Federal de Goiás - UFG

Aprovado em: 27 de março de 2015.

Local da defesa: Auditório da Farmácia Ensino, Bloco Q04, Campus da UEM.

Às professoras, que sabem “a dor e a
delícia” de ser o que são.

AGRADECIMENTOS

No feliz ensejo da conclusão deste mestrado, com alegria externo aqui meus mais sinceros agradecimentos a todos – pessoas ou entidades - que, de alguma maneira, comigo se fizeram presentes e me prestaram seu valioso apoio ao longo dessa trajetória, mas de modo muito especial:

- à minha orientadora, mestra e amiga, Prof. Dra. Maria Lucia Boarini, merecedora de toda a minha admiração, pois me deu muito mais que o necessário para a realização deste trabalho, inspirou-me com seu modo de ver o mundo e com seu amor por aquilo que faz e acompanhou meus passos com competência, seriedade e leveza, alimentando a minha vontade de pesquisar e aprender;
- ao Rodolfo, meu companheiro e esposo, a quem dedico todo o amor, pois foi para mim acalanto nos momentos de inquietação e apoio na caminhada, me fazendo crer que era possível ir além;
- aos meus pais, Regina e Laércio, que sempre primaram pela minha educação, por terem, ao longo da minha vida, sustentado os passos que me trouxeram até aqui, e à minha irmã, Paula, por sua prontidão e alegria de viver;
- aos professores membros da banca examinadora, Dr. Fernando Lacerda Junior e Dra. Maria Cristina Gomes Machado, pelas suas valiosas contribuições;
- ao professor Dr. Ivo Tonet, que me fez enxergar o longo caminho que ainda tenho a percorrer, sem, contudo, me desencorajar de fazê-lo.
- aos meus professores, à Tania e aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, em especial à Maria Eliza, que compartilhou comigo os percalços e as alegrias desta caminhada;
- aos parceiros do Grupo de Estudos e Pesquisa em Higienismo e Eugenismo – GEPHE, pelo apoio e auxílio com materiais;
- à Secretaria da Educação de Campo Mourão, que viabilizou a realização da pesquisa de campo e aos amigos que fiz por lá;
- à CAPES, pelo apoio financeiro à pesquisa.

[...] são os tempos que mudam, são os velhos que em cada hora envelhecem um dia, é o trabalho que deixou de ser o que havia sido, e nós que só podemos ser o que fomos, de repente percebemos que já não somos necessários no mundo, se é que alguma vez o tínhamos sido antes, mas acreditar que o éramos parecia bastante, parecia suficiente, e era de certa maneira eterno pelo tempo que a vida durasse, que é isso a eternidade, nada mais do que isso (Saramago, 2000).

RESUMO

A partir de uma pesquisa de campo, buscamos entender como o professor tem pensado o magistério e qual a sua concepção sobre seu trabalho, pois nos diferentes meios de comunicação se fazem cada vez mais frequentes notícias que alertam para problemas enfrentados por professores no cotidiano das escolas de todo o Brasil, como violência em sala de aula, condições precárias de trabalho e afastamento por problemas de saúde em decorrência da profissão. A teoria marxista nos guiou no entendimento da categoria *trabalho*, que, enquanto trabalho em geral, é fundante da sociabilidade humana e manifestação da vida do trabalhador, mas na sociedade capitalista assume também a forma de trabalho alienado. Para pensar os discursos coletados, buscamos entender quais as condições sociais e materiais que estiveram e estão presentes no desenvolvimento da profissão docente desde a sua ampliação no final do século XIX e início do século XX. Para isso, recorreremos a fontes primárias e/ou a autores que se debruçaram sobre elas. Identificamos que o crescimento da profissão docente se deu concomitantemente à universalização do ensino, com a criação de escolas públicas na França. Nessa época a manutenção da ordem tornava-se, cada vez mais, uma necessidade na sociedade burguesa, pois valores pregados pelo liberalismo como igualdade, justiça e amor ao trabalho, já não podiam ser defendidos pela razão nem concretizados na prática produtiva, ficando a cargo daquelas instituições a manutenção desses princípios através da sensibilização e do apelo à moral. Assim a escola vem com o objetivo de disciplinar as pessoas para viverem nessa organização social, e o trabalho docente, historicamente, nasceu a partir das necessidades da organização social no sistema capitalista. No Brasil, percebemos que o desenvolvimento da profissão docente deu-se paralelamente ao incentivo à educação feminina e à aceitação da profissionalização da mulher, medidas que respondiam à necessidade de modernização do País, principalmente após a proclamação da República. A recuperação desses elementos históricos nos serviu de base para a análise das entrevistas realizadas com dez professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública de ensino do município de Campo Mourão, Paraná, no período de fevereiro de 2014. Entendemos que, apesar de encontrarmos discursos diferentes sobre a profissão docente, sobretudo no início do século XX e na atualidade, nos dois momentos o magistério esteve ligado à reprodução social, atendendo às necessidades do capital, o que o configura uma prática alienante. Se hoje o trabalho das professoras parece precário ao ponto de causar sofrimento, é porque as dificuldades narradas por elas em relação às condições de trabalho são a expressão de um acirramento, nas últimas décadas, da crise estrutural que o capitalismo vem enfrentando, a qual rebate não apenas na profissão docente, mas em todas as instituições criadas por esta organização social.

Palavras-chave: Trabalho. Trabalho docente. Educação escolar.

ABSTRACT

From a field research, we sought to understand how a teacher has been thinking about teaching and which is his/her conception about labor, because frequently in the different mass communication there are news bringing attention for problems faced by teachers in the everyday of the Brazilian schools, problems such as violence in class room, precarious conditions of work and retirement from work in consequence of health problems caused by teaching. The Marxist theory guided us in the understanding of the *labor* category, which, while as a work in general, founded the human sociability and manifestation of the worker's life, but in the capitalist society it also assumes the form of alienated labor. To reflect upon the collected speeches, we sought to understand which social and material conditions were and still are present in the development of teaching as a profession ever since its expansion in the end of the 19th century and beginning of the 20th century. Therefore, we searched through primary sources and/or authors that studied them. We identified that the growth of the educational profession occurred concomitantly to the universalization of teaching, with the creation of public schools in France. In that time the maintenance of the order became a need in the bourgeois society, because values disseminated by the liberalism such as equality, justice and love to the work no longer could be defended by the reason nor be materialized in the productive practice, being under the responsibility of those institutions the maintenance of those principles through the sensibility and appeal to the morals. Thus, the school came with the objective of disciplining the individuals to live in that social organization, and the educational work, historically, was born from the needs of the social organization in the capitalist system. In Brazil, we noticed that the development of the educational profession occurred as the same time to the incentive to woman's education and the acceptance of the woman's professionalization, measures that answered to the need of modernization of the Country, mainly after the proclamation of the Republic. The recovery of those historical elements served us as a base for the analysis of the interviews accomplished with ten teachers of the early years of public Elementary School of the municipal district of Campo Mourão, Paraná, in the period of February 2014. We understood that, in spite of having found different speeches on the educational profession, especially in the beginning of the 20th century and at the present time, in both moments teaching was linked to the social reproduction, assisting to the needs of capital, what configures an alienating practice. If nowadays the teachers' work seems precarious to the point of causing suffering, it is because the difficulties reported by them in relation to the work conditions are the expression of a stimulus, in the last decades, of the structural crisis that the capitalism is facing, which strikes not only the educational profession, but all the institutions created by this social organization.

Keywords: Labor. Teaching. School education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Normalistas da Escola Caetano de Campos com o diretor Gabriel Prestes no final do século XIX.....	10
Figura 2	Normalistas com professores e diretor da Escola Caetano Campos em 1928.....	10
Figura 3	Normalistas da Escola Caetano de Campos com parte da bandeira bordada por elas, 1909.....	31
Figura 4	Turma de Formandas do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas, Uberlândia – MG, 1937.....	44

SUMÁRIO

1	O MAGISTÉRIO EM PAUTA.....	11
2	O TRABALHO SOB A ÉGIDE DO CAPITAL.....	21
2.1	O LUGAR DA EDUCAÇÃO ESCOLAR LAICA E OBRIGATÓRIA.....	27
3	A MULHER PROFESSORA: “A SEGUNDA MÃE”.....	32
4	HOJE, O QUE DIZEM AS PROFESSORAS.....	48
5	E O PRANTO TOMOU LUGAR DO RISO.....	62
	REFERÊNCIAS.....	65
	ANEXOS.....	72



Figura 1. Normalistas da Escola Caetano de Campos com o diretor Gabriel Prestes no final do século XIX.
Fonte: Acervo Escola Caetano de Campos (2014).



Figura 2. Normalistas com professores e diretor da Escola Caetano Campos em 1928.
Fonte: Acervo Escola Caetano de Campos (2014).

Se não fosse imperador, desejaria ser professor. Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as inteligências jovens e preparar os homens do futuro (D. Pedro II citado em Klintowitz, 2014).

1 O MAGISTÉRIO EM PAUTA

Neste estudo, buscamos entender como o professor tem pensado o magistério e qual a sua concepção de trabalho, a partir de uma pesquisa de campo realizada com professores do primeiro ciclo do Ensino Fundamental atuantes na rede pública de ensino da cidade de Campo Mourão, Paraná.

O nosso interesse pelo tema deu-se devido a inquietações da prática em psicologia escolar, na Secretaria da Educação do mesmo município, que nos colocou frente aos impasses que os professores vivenciavam no exercício do magistério. Ao escutarmos suas queixas e anseios, nos interessou saber o que estava implicado em seus discursos.

Sabemos quão amplo pode ser nosso tema, que se desdobra no terreno do trabalho, da educação e da profissão docente. Entre aqueles que discorrem sobre as relações entre a profissão docente e a organização capitalista, destacamos, a título de exemplo, o estudo de Giovanni Alves (2012)¹ intitulado ‘Professoras de Marília’, e a pesquisa de Marta Sforini (1996) sobre as mulheres e o magistério, intitulada *A feminização do corpo docente na democratização do ensino no século XIX*. Por se tratar de um tema complexo, não temos a pretensão de esgotá-lo, mas de contribuir com esta discussão.

Pensar o trabalho do professor implica olhar para a escola e para a qualidade do ensino. Dados do relatório ‘O direito de aprender’, da Unicef (2009), que trata da situação da infância e da adolescência no Brasil, apontam que, em 2009, 97,6% das crianças e adolescentes entre 7 e 14 anos estavam matriculados na escola, o que representava cerca de 27 milhões de estudantes; contudo, o nível de escolaridade média da população de 15 anos ou mais era de seis a sete anos. Dessa forma, ainda que o acesso à escola seja considerado universal, o percentual daqueles que concluem o Ensino Fundamental é baixo e apenas 64% das crianças conseguem finalizar o Ensino Fundamental com a idade esperada: 14 anos.

Dados oficiais ilustram a realidade do ensino no Brasil. Criado em 2007 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira / INEP, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica / IDEB combina dois fatores que interferem na qualidade da educação, a saber: os indicadores de fluxo e de desempenho, a partir da Prova Brasil e do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica / SAEB. Estas avaliações são

¹ Trata-se de uma coleta de depoimentos de professoras da rede municipal de ensino da cidade de Marília, São Paulo, que estão reunidos no vídeo-documentário “Professoras de Marília”, de Giovanni Alves (Práxis Vídeo, 40 min. 2012), que está disponível para visualização no canal de vídeo Cine Trabalho no endereço eletrônico: <https://vimeo.com/channels/cinetrabalho>.

realizadas a cada dois anos com alunos do 5º e 9º anos do Ensino Fundamental, no caso da Prova Brasil, e do 3º ano de Ensino Médio, no caso do SAEB (IDEB, 2014). O IDEB possibilita assim uma compreensão da qualidade do ensino oferecido pelas escolas de todo o país, sobre a qual os últimos dados apresentados não são animadores. Por exemplo, em 2011, em uma escala de zero a 10,0, o IDEB do Brasil alcançou a média de 5,0 pontos para as séries iniciais do Ensino Fundamental, 4,1 para as séries finais do Ensino Fundamental e 3,7 para o Ensino Médio. Esta pontuação é considerada distante da média dos países desenvolvidos, que é superior a 6.0. No ano de 2013, os resultados foram 5,2, 4,2 e 3,7, respectivamente. Vale lembrar que esses dados correspondem ao total das escolas avaliadas, tanto das públicas quanto das privadas. Se tomarmos para análise apenas as escolas públicas, as médias são menores.

Consta no portal do INEP que o Brasil tem por meta alcançar até 2021 a média 6,0, estipulada a partir do resultado obtido pelos países componentes da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (IDEB, 2014). O atual Plano Nacional da Educação (PNE), sancionado em junho de 2014² com vigência até 2024, propõe outras metas e estratégias com vistas a melhorar as condições de trabalho, aumentar salários e valorizar o trabalho dos professores. Dentre as vinte metas estipuladas pelo PNE, as de número quinze e dezesseis destacam a preocupação com a formação dos profissionais da Educação Básica e apresentam ações estratégicas para assegurar aos professores formação específica, em nível superior e em nível de pós-graduação, correspondente a sua área de atuação.

Estas informações nos ajudam a montar o cenário da educação no Brasil, mas o que nos interessa saber é como esses dados estão relacionados com a figura do professor e sua prática.

De acordo com Nagel (2002, p. 1), “[...] de tempos em tempos, a interrogação sobre qual é a função da escola volta a assombrar os educadores”. A autora chama a atenção para o fato de que esses questionamentos coincidem com crises no trabalho em nível internacional. Por esse motivo, acredita que a resposta dependerá do paradigma do interrogante, mas, independentemente de qualquer resposta que possa ser dada, no caso brasileiro, “[...] a insatisfação com a escola é generalizada” (p. 1).

Nos últimos anos, temos visto cada vez mais presentes nos diferentes meios de comunicação dados referentes aos inúmeros problemas enfrentados pelos professores no cotidiano de seu trabalho, evidenciados por meio de pesquisas que apontam os problemas

² O PNE completo está disposto na lei Lei n. 13.005/2014 (Brasil, 2014).

relacionados à sua formação, às condições de trabalho, ao aumento do número de afastamentos em decorrência de problemas relacionados ao trabalho, ao fenômeno crescente da medicalização não só dos alunos, mas também desses profissionais, às situações de violência enfrentadas nas escolas e tantas outras questões que se refletem na maneira como o professor pensa e exerce sua prática. Constatamos isso quando utilizamos *sites* de busca na internet com palavras-chave como ‘trabalho docente’, ‘educação no Brasil’, ‘saúde do professor’, em que rapidamente aparecem inúmeras indicações de artigos científicos, matérias de jornais e depoimentos em *blogs* variados.

Paro (2010), Capitelli (2010), Giannini, Latorre e Ferreira (2012), por exemplo, falam sobre os casos de afastamento de professores, que em sua maioria são motivados por problemas físicos como, por exemplo, o de voz, decorrentes das más condições de trabalho, e por diagnósticos de transtornos mentais e comportamentais. Para Silva (2011), isso se justifica porque o corpo tende a reagir às pressões, exigências, responsabilidade, barulhos, angústias e irritações vivenciados na prática docente. Diante dessas condições objetivas, as condições subjetivas para o exercício da profissão são pouco favoráveis. Nesta perspectiva, Carlotto (2011) e Gasparin (2010), assim como Gasparini, Barreto e Assunção (2006), apontam, por meio de pesquisas realizadas com professores, queixas relacionadas à exaustão emocional, à baixa realização profissional, a experiências de violência no ambiente escolar, dentre outras. De acordo com as pesquisas, queixas como essas podem favorecer o desenvolvimento da Síndrome de *Burnout* (no caso da primeira) e outros transtornos mentais.

Smeha e Ferreira (2008) e Prioste (2006) apontam os desafios da educação inclusiva³, no atendimento aos alunos com necessidades educacionais especiais, como fatores geradores de angústia e sofrimento nos professores, que muitas vezes não se sentem capacitados para enfrentá-los.

Além disso, o aumento dos casos de agressões físicas e psicológicas contra professores tem feito com que a profissão seja considerada “perigosa”, como assinala Costa (2012). Para Gasparin (2010), isso pode ser reflexo, por um lado, da falta de limites dos alunos, e por outro, das condições emocionais dos professores, que podem chegar a perder a paciência a qualquer momento.

Situações como essas têm sido cada vez mais comuns e podem ser observadas em diferentes partes do país; mas ao falarmos que é crescente o número de afastamentos por

³ Diz respeito à Educação Especial, que de acordo com o capítulo V da LDB nº 9.394/96, é uma modalidade de ensino que deve ser preferencialmente oferecida na rede regular, para os alunos com necessidade educacionais especiais (Brasil, 1996).

motivos de saúde diversos, de casos de violência contra professores e de queixas relacionadas ao seu trabalho, logo somos levados a nos questionar como teria sido em outras épocas.

Sabemos que no final do século XIX e início do século XX, com o processo de industrialização e a consolidação do capitalismo, a educação foi vista como uma peça importante, não só para a modernização, mas para a manutenção da ordem social. Leonel (1994) evidencia quanto a criação de escolas públicas esteve relacionada à luta de classes que se acirrava na França nesse período, uma vez que teve como objetivo abrandar as contradições da prática social e garantir a reprodução da sociedade burguesa. Segundo Sforzi (1996, p. 126-127), “[...] numa sociedade que, além de ser composta por classes sociais distintas, é livre e democrática, a obediência é fundamental e pode ser conseguida pela força ou persuasão”, pois os valores pregados pelo liberalismo como igualdade, justiça e amor ao trabalho já não podiam ser defendidos pela razão, nem concretizados na prática produtiva, ficando a cargo das instituições conservar esses princípios por meio da sensibilização e do apelo à moral.

No Brasil, tanto quanto nos demais países sob a ordem do capital, as relações de troca modificaram as relações familiares, que se distanciavam daquelas do período colonial. Em território brasileiro, à medida que a autoridade paterna diminuía, os outros membros da família ganhavam espaço. Nesse contexto, a mulher foi chamada a assumir o papel de mãe e esposa responsável pelo bem-estar da família. Consideradas como educadoras por excelência, vocacionadas ao cuidado, sensíveis e com autoridade moral, as mulheres foram incentivadas ao magistério. Afirma Sforzi (1996, p. 21): “A educação da infância no ambiente doméstico como prerrogativa exclusivamente feminina pode, portanto, explicitar muitos dos elementos que qualificaram a mulher para o desempenho da função docente”.

Suas qualidades, tomadas como naturais e inatas, foram difundidas por médicos e intelectuais da época, que também discursavam acerca da necessidade de se pensar a educação feminina e sua profissionalização. No Brasil, José Verissimo, um importante educador e entusiasta da educação, afirmava, no início do século XX, que a evolução do país estava diretamente relacionada à educação da mulher, que era, segundo ele, “o principal órgão de educação de uma sociedade” (Verissimo, 1985, p. 125).

O professor Antônio Austregésilo, anos mais tarde, alertava: “A mulher brasileira deve aperfeiçoar-se para aperfeiçoar-nos” (Austregésilo, 1923, p. 99).

Também os médicos higienistas, a exemplo de Miguel Couto (1933), viam na educação a possibilidade de prevenir problemas sociais, disciplinando o corpo e a mente dos indivíduos. A mulher passava a ser encarregada dessa tarefa e era por isso enaltecida:

Poder-se-ia, pois, dizer sem exagero que o futuro da Pátria, baseado no vigor e utilidade dos seus filhos, está nas mãos das professoras, para quem nunca há admiração e reconhecimento bastantes, porque quando põem no seu compromisso toda a sua alma, são mais do que heroínas, são santas (Couto, 1933, p. 62-63).

Assim, em um momento em que a educação se fazia necessária ao país, que transitava do trabalho escravo para o assalariado, a mulher aparece como figura ideal, dotada de qualidades úteis ao projeto de elevar o país ao *status* de grande nação. Como mão de obra barata, a mulher vai ocupando espaços que até então eram predominantemente masculinos. Além disso, até as primeiras décadas do século XX o magistério foi uma das poucas profissões socialmente aceitas para a mulher⁴, o que contribuiu para sua “feminização”, vista até os dias hoje⁵.

Não obstante, alguma coisa parece ter mudado. Ao voltarmos às notícias que apresentamos anteriormente, não vemos mais os mesmos discursos que valorizavam e enalteciam o magistério como em décadas passadas. O que aconteceu com o trabalho do professor? Ele não é o mesmo? Por que hoje esse trabalho tem produzido sofrimento físico e mental? Na tentativa de compreender essas questões, desenvolvemos uma pesquisa de campo de caráter exploratório com o objetivo de entender como o professor tem pensado o magistério e como ele percebe seu trabalho.

Para tanto, foram realizadas, no período de fevereiro de 2014, dez entrevistas⁶ com professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental de três escolas da rede pública do município de Campo Mourão⁷. Em relação às entrevistadas, estipulamos como critério a

⁴ Para Rago (1985), as mulheres que tinham algum acesso à instrução eram destinadas à carreira de professora primária e enfermeira, mas nas camadas economicamente desfavorecidas, existiam aquelas que trabalhavam como domésticas, operárias, costureiras, datilógrafas e telefonistas. Falci (2004) afirma que as mulheres menos afortunadas ajudavam no sustento de seus filhos fazendo doces por encomenda, arranjos de flores e bordados; porém essas atividades, além de não serem valorizadas, eram vistas como um demérito ao homem da casa, julgado como incapaz de mantê-la.

⁵ De acordo com a Sinopse do Professor, publicada em 2010 no portal INEP, 81,5% dos professores da Educação Básica são constituídos de mulheres. Dos quase dois milhões de professores, pouco mais de trezentos mil são do sexo masculino. Essas informações podem ser conferidas em Brasil (2013).

⁶ A realização da pesquisa foi devidamente aprovada pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá, conforme parecer n.449.704, em anexo (anexo número 1) e autorizada pela Secretária da Educação do Município de Campo Mourão (anexos números 2). Participaram das entrevistas as professoras que, obedecendo aos critérios estabelecidos, tiveram disponibilidade, interesse e concordaram com o termo de compromisso (anexo número 3). As entrevistas foram gravadas e transcritas e se encontram em anexo, para permitir outras leituras (anexo número 7).

⁷ Cidade localizada na Região Centro-Oeste do Paraná, com 757,875 km² de área territorial sua população é estimada em 91.648 mil habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística / IBGE (2014). No ano de 2012 Campo Mourão contava com 103 escolas, 1.127 professores e 19.073 alunos, distribuídos entre Ensino Pré-escolar, Fundamental e Médio, de caráter público e privado. A pesquisa foi

experiência mínima de cinco anos de atuação no ensino regular. Para preservar seu anonimato, os nomes das professoras serão substituídos por nomes fictícios. Vale considerar que todos os participantes são do sexo feminino. A escolha das escolas e das professoras não se deu por motivos específicos, mas pela disponibilidade para a participação já no primeiro contato.

A entrevista foi dividida em duas fases. Na primeira procuramos construir a história oral, ou seja, conhecer as lembranças pertinentes ao cotidiano dos professores nos guiando por um roteiro composto por três questões: 1- o fator que contribuiu para o seu ingresso na carreira; 2- o que determina sua permanência; e, 3- como avaliam o magistério hoje.

Na segunda fase foram apresentadas às entrevistadas duas reportagens em sua forma escrita (anexos número 4 e 5), veiculadas em um telejornal do Paraná, intituladas: “Vândalos depredam escola estadual e creches municipais, em Curitiba”, exibida em 28 de outubro de 2013 pela RPC TV Paraná (Vândalos depredam escola, 2013) e “Menor se revolta com exigências de escola e agride diretora no Paraná”, exibida no mesmo dia, pela RPC TV Paraná Oeste Sudeste (Menor se revolta, 2013). Além das reportagens, foram apresentados gráficos, retirados de um artigo da revista “Escola Pública” (anexo número 6), que elencam as doenças que são mais frequentes entre os professores paulistas e que têm motivado seu afastamento do trabalho (Camargo, 2013). Esse material foi apresentado às professoras com o intuito de estimular a entrevista, de levá-las a pensar (e falar) sobre essas situações que tem aparecido com frequências nos noticiários. Assim sendo, após a apresentação deste material, era solicitado à entrevistada que discorresse sobre o que havia acabado de ver e ouvir, considerando os pontos que lhe chamaram a atenção e que julgasse necessários.

Sobre a entrevista, Thompson (1992, p. 254) afirma que “[...] há muitos estilos diferentes de entrevista, que vão desde a que se faz sob a forma de conversa amigável e informal ao estilo mais formal e controlado de perguntar”, que podem ser utilizados de forma variada por um bom entrevistador, alcançando, dessa forma, melhores resultados. A entrevista completamente livre é defendida quando se pretende “fazer um registro ‘subjutivo’ de como um homem, ou uma mulher, olha para trás e enxerga a própria vida, em sua totalidade, ou em uma de suas partes” (Thompson, 1992, p. 258).

Pretendemos, com tal pesquisa, o conhecimento sobre alguns aspectos da realidade das professoras, não com o intuito de quantificar dados, mas na tentativa de compreender o universo de significados, motivos, valores e aspirações destes profissionais. Para tanto,

fizemos uso da entrevista e da história oral. Esta última, de acordo com Thompson (1992), é uma técnica promissora que pode ser útil a diferentes áreas. Consiste de uma história que, construída em torno de pessoas, dá voz a múltiplos e diferentes narradores. Essas histórias são ao mesmo tempo individuais e parte de um contexto histórico e social que precisa ser considerado. Nesse sentido,

[...] não há dúvida de que existe o perigo de as fontes orais, utilizadas isoladamente, estimularem a ilusão de um passado cotidiano em que fiquem esquecidos tanto os entreschoques da narrativa política da época, quanto às pressões invisíveis da mudança econômica e estrutural, exatamente porque elas raramente influem nas lembranças dos homens e mulheres comuns. É essencial situá-las nesse contexto mais amplo (Thompson, 1992, p. 329).

Quem faz essa contextualização é o pesquisador em seu trabalho de análise, já que as histórias não aparecem de forma explícita nas narrativas. Essa proposta vem ao encontro da perspectiva teórica que nos inspira, a saber, o materialismo histórico, o qual entende que a história da sociedade humana não tem um começo absoluto, tampouco as coisas sempre foram da maneira como são hoje, uma vez que a base de tudo são as relações materiais. Desenvolve-se, assim, um processo histórico e social no qual os homens não escolhem livremente suas forças produtivas, as quais são a base de toda a sua história, conforme assinalou Marx (1846). Essas forças foram adquiridas ou produzidas em gerações anteriores, ou seja,

[...] toda a geração posterior encontra forças produtivas adquiridas pela geração anterior, que lhe servem como matéria-prima de nova produção, forma-se uma conexão [*connexité*] na história dos homens, forma-se uma história da humanidade, que é tanto mais a história da humanidade quanto as forças produtivas dos homens, e por consequência as suas relações sociais, tiverem crescido (Marx, 1846, p. s/n).

Assim, segundo Tonet (2013), o ponto de partida do procedimento de investigação levado avante por Marx não é uma forma avançada e determinada de sociabilidade, mas sim, a gênese do ser social, do ato que funda a sociabilidade. Superando as lacunas do materialismo, que compreendia a realidade como algo exterior ao homem, e do idealismo, que, ao contrário, concebia a realidade da ideia como a verdadeira, Marx faz uma síntese entre a objetividade de uma e a subjetividade de outra, superando assim o dualismo, pois encontra a

unidade dos dois (objetividade e subjetividade) no ato que dá origem ao ser social. Explica Tonet 2013 (p. 79):

Trata-se, pois, para Marx, de partir não de ideias, especulações ou fantasias, mas de fatos reais “empiricamente verificáveis”, no caso os indivíduos concretos, o que eles fazem, as relações que estabelecem entre si e as suas condições reais de existência, para então apreender as determinações essenciais que caracterizam este tipo de ser e o seu processo de reprodução.

Tonet (2013) lembra que a palavra *empírico* aí não tem caráter empiricista, mas ontológico, com ênfase na realidade desses procedimentos, em detrimento das especulações produzidas pela razão ou pela imaginação. Nesse sentido, entender a história implica entender o processo de produção da vida material. Chegamos assim à categoria *trabalho*, que é uma das categorias centrais dessa perspectiva. É o trabalho o grande responsável pela produção e reprodução da vida humana, pois possibilita não só a construção material da sociedade, mas também a constituição dos indivíduos e do homem enquanto ser social. Em outras palavras, “[...] ao produzirem seus meios de existência, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material” (Marx & Engels, 2011, p. 44). Por isso, o trabalho é entendido nessa perspectiva como a categoria fundante do ser humano.

Ter como inspiração teórica o materialismo histórico implica em levar em consideração as relações materiais, por meio das quais os homens vão construindo outras relações. Por esse motivo, ao longo do texto precisamos recorrer à história, já que o hoje só pode ser entendido nesse movimento. Para analisarmos o que as professoras entrevistadas pensam a respeito de seu trabalho e sua profissão, precisamos antes entender o que chamamos por trabalho na organização social do capital e como o magistério se desenvolveu nessa sociedade. Nesse caminho, fizemos uso de algumas fontes primárias e de autores contemporâneos que se debruçaram sobre os clássicos, o que nos ajudou a pensar o nosso tema no movimento da história.

Desse modo, organizamos a dissertação em três capítulos. O primeiro deles trata da questão do trabalho no sentido ontológico, como fundante do ser social e também das atividades, as quais, apesar de serem fundadas pelo trabalho, são diferentes dele e estão relacionadas às necessidades que surgem nas relações sociais, como é o caso da educação escolar. Procuramos mostrar que, sendo diferente do trabalho em geral, na sociedade capitalista a educação esteve e está a serviço da reprodução desta organização social.

O segundo capítulo, intitulado *A mulher-professora: “a segunda mãe”*, apresenta uma retomada histórica para compreender como o magistério se desenvolveu no Brasil, enfatizando a sua relação com a educação e a profissionalização da mulher, que no final do século XIX e início do século XX, foi chamada a participar do projeto de modernização do país não só como mãe, mas também como professora, devido à sua dedicação e sensibilidade e ao seu espírito de sacrifício, que eram qualidades consideradas naturais.

O terceiro capítulo consiste na análise geral dos dados coletados, inspirada nos pressupostos do materialismo histórico, tendo por princípio a necessidade de contextualizar a problemática no tempo e no espaço, levando em consideração que, mais que uma crise da educação, vivemos uma crise do capital, e que para entendermos a primeira, não podemos perder de vista a segunda.

Para finalizar, tecemos algumas considerações que nos possibilitam tomar as narrativas das professoras entrevistadas como sintomas de uma crise que tem se intensificado nas últimas décadas e assola não apenas a escola, mas também outras instituições que demandam da organização social vigente, regida pelo capital.

[...] diga-me onde está o trabalho em um tipo de sociedade e eu te direi onde está a educação (Mészáros, 1930/2005).

2 O TRABALHO SOB A ÉGIDE DO CAPITAL

À medida que adquirem novas forças produtivas, os homens modificam seu modo de produção; e, com o modo de produção, modificam também todas as relações econômicas, as quais nada mais eram que as relações necessárias àquele modo de produção (Marx, 1846, p. 246).

É o trabalho em geral o grande responsável pela produção e reprodução da vida humana, possibilitando não só a construção material da sociedade, mas a constituição do homem enquanto ser social. Em outras palavras, “[...] ao produzirem seus meios de existência, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material” (Marx & Engels, 2011, p. 44). Para Lessa e Tonet (2011, p. 17), “[...] o único pressuposto do pensamento de Marx é o fato de que os homens, para poderem existir, devem transformar constantemente a natureza”. Por isso o trabalho é entendido nessa perspectiva como a categoria fundante do ser humano.

O trabalho é o que diferencia o homem do animal - que age apenas sobre a natureza que existe diante dele. O homem, por sua vez, é capaz de modificar a natureza de forma ativa, colocando-a a seu serviço, e faz isso por meio do trabalho. Escreve Marx (2013, p. 255):

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [*Naturmacht*]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos.

Para Engels (2013), o trabalho é o criador do homem. Primeiro ele e depois a palavra articulada provocaram consideráveis transformações no cérebro humano, em relação aos seus ancestrais. A cooperação da mão, da linguagem e do cérebro possibilitou a execução de atividades cada vez mais complexas, e o trabalho foi se diversificando e se aperfeiçoando de geração em geração. Assim, “[...] quanto mais os homens se afastam dos animais, mais sua influência sobre a natureza adquire um caráter de ação intencional e planejada, cujo fim é alcançar objetivos projetados de antemão” (Engels, 2013, p. 23). Por isso, segundo Marx (2013, p. 255), o trabalho é uma atividade exclusivamente humana, por ser livre e consciente:

Pressupomos o trabalho numa forma em que ele diz respeito unicamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera.

Isso significa que o resultado do processo de trabalho esteve desde o princípio na consciência do trabalhador, existindo primeiro enquanto ideia, que é a capacidade teleológica do ser social.

O trabalho transforma tanto o homem quanto as forças da natureza, assumindo, dessa forma, um papel de dupla transformação. Afirma Antunes (2005, p. 68) que “[...] esse processo de transformação recíproca faz com que o trabalho social se converta em elemento central do desenvolvimento da sociabilidade humana”. Esse trabalho, que resulta do intercâmbio entre o homem e a natureza, a partir das necessidades do primeiro, é condição natural e eterna da vida humana, como postula Marx (2013), e por isso, comum a todas as formas de sociedade.

De acordo com Marx e Engels (2011), o que os homens são, está relacionado àquilo que eles produzem e, sobretudo, ao modo como produzem. Tonet e Lessa (2012, p. 10) afirmam:

[...] o modo pelo qual os humanos conseguem transformar a natureza determina em larga medida – portanto, não total ou absolutamente – a forma como a sociedade se reproduz. Em linhas muito gerais, cada modo particular de trabalho fundou um modo de produção. O trabalho de coleta fundou o modo de produção primitivo; o trabalho escravo fundou o escravismo, o trabalho do servo fundou o modo de produção feudal e o trabalho proletário é fundante do modo de produção capitalista.

Segundo Tonet e Lessa (2012), no período conhecido como Pré-História, iniciado há aproximadamente 100 mil anos, os homens extraíam da natureza aquilo que precisavam para sobreviver, por meio do trabalho de coleta. Esses homens eram nômades e viviam em pequenos grupos. Quando se deslocavam, não levavam mais que o indispensável. Suas ferramentas, criadas com pouco dispêndio de tempo, eram abandonadas assim que cumpriam a sua função. Nas sociedades primitivas, todos os membros cooperavam com a produção

material e todos tinham acesso a ela, o que conferia à coleta o caráter de uma atividade comunitária; mas as limitações do desenvolvimento das forças produtivas e, conseqüentemente, da produção, impunham também limitações na forma de organização dessa sociedade.

Foi com a descoberta da semente, há aproximadamente dez mil anos, que os homens modificaram sobremaneira a sua forma de relacionar-se com a natureza. Com o desenvolvimento da agronomia, eles não precisavam mais se deslocar constantemente e tornaram-se sedentários. O aumento da produção possibilitou o aumento da população: os bandos e as tribos cederam lugar aos grandes impérios da antiguidade, como apontam Tonet e Lessa (2012).

A Revolução Neolítica (o rápido desenvolvimento das forças produtivas e as suas conseqüentes transformações) teve como efeito o domínio do homem sobre a natureza, que poderia então produzir mais do que aquilo que era necessário para a sua sobrevivência imediata.

Para Tonet e Lessa (2012, p. 13), “[...] o surgimento do trabalho excedente fez com que, pela exploração do trabalho alheio, se obtivesse muito mais do que pelo próprio trabalho”. O trabalho que se dá pela exploração do homem pelo homem é o que se chama de trabalho alienado, como foi o trabalho escravo ou o do servo medieval e como é nos nossos dias o trabalho proletário. É o trabalho alienado que provoca profundas alterações na sociedade, fundando a sociedade de classes, que passa a ser dividida em classe dominante e classe dominada.

De forma bastante sucinta, na sociedade escravista e na feudal, a propriedade privada estava relacionada à natureza, o homem estava submetido à terra, propriedade privada do seu senhor. Na sociedade capitalista, por sua vez, a propriedade privada se desvincula da terra e aparece na forma de capital. O trabalhador, agora livre e dono de sua força de trabalho, pode vendê-la ao dono dos meios de produção em forma de salário; mas “por que vendê-la? – pergunta Marx (2012, p. 36); e responde: “Para viver”.

Para Marx (2012), o escravo não vende sua força de trabalho porque ele mesmo é vendido ao seu proprietário, como uma mercadoria que pode passar para as mãos de outro proprietário, por isso a sua força de trabalho não era uma mercadoria sua. O servo, por sua vez, vende parte de sua força de trabalho, ele pertence à terra e paga tributos ao dono da terra; já o operário tem como único rendimento a venda de sua força de trabalho, e deve encontrar um comprador para ela na classe dos capitalistas. O salário passa a ser o preço da mercadoria vendida pelo operário: a sua força de trabalho. Ao vendê-la, o trabalhador não produz mais

para o seu uso, assim, o produto de sua atividade não é o objetivo dela, o que ele passa a produzir para si é o salário, que se tornou necessário para assegurar-lhe os meios de subsistência. Dessa forma, o trabalhador passa a ser dirigido não mais por suas necessidades vitais, mas pelas necessidades de acúmulo da propriedade privada da classe proprietária. Ele passa a depender de seu produto de trabalho, que lhe garante trabalho e os meios de subsistência, e, conseqüentemente, sua existência como trabalhador e como sujeito físico. Assim, para Marx (2012), o trabalho, manifestação da vida do trabalhador, passa a ser, na sociedade capitalista, o seu meio de existência.

Para Tumolo (2011), a venda da força de trabalho não é uma opção do trabalhador, mas a falta dela, devido à sua necessidade de comprar as mercadorias que necessita para viver, pois ninguém compra sem antes vender.

Ao vendê-la para o capitalista, este vai consumir seu valor de uso, o que resultará no processo de exploração. A exploração é, portanto, a condição *sine qua non* para a produção da vida do trabalhador. Se não consegue vender a força de trabalho e, assim, ser explorado, o trabalhador fica ameaçado de morte (Tumolo, 2011, p. 471-472).

Dessa forma, “aquilo que era uma finalidade básica do ser social – a busca de sua realização produtiva e reprodutiva no e pelo trabalho – transfigura-se e se transforma” (Antunes, 2005, p. 69). Nas produções capitalistas, o trabalhador não se reconhece e não se satisfaz em seu trabalho. Esse estranhamento não se dá apenas em relação ao produto, mas abrange todo o processo de produção, o que é característica de uma atividade produtiva alienada.

Antunes (2005), citando os escritos de Marx, coloca a alienação como uma expressão da formação social baseada na propriedade privada e no dinheiro. Nesse modelo de sociedade, o produto do trabalho concreto já não serve para satisfazer as necessidades do homem, pois ele tem agora outras necessidades, chegando-se à prevalência da dimensão abstrata do trabalho.

Para entendermos o processo de produção capitalista, torna-se necessário abordar a distinção entre o trabalho *concreto* e o trabalho *abstrato*. No início deste capítulo falamos sobre o trabalho concreto, aquele que, por meio da relação entre o homem e a natureza, produz coisas socialmente úteis e necessárias. Trata-se do caráter útil do trabalho, de sua dimensão qualitativa. Para Marx (2013), é a utilidade de uma coisa que faz dela um valor de uso, que só se realiza com a utilização ou consumo; contudo, na sociedade capitalista, no

modo de produção de mercadorias e de mais-valia, a dimensão concreta do trabalho fica subordinada à dimensão abstrata do trabalho. Firma Antunes (2011): “[...] sabe-se que, no universo da sociabilidade produtora de mercadorias, cuja finalidade básica é a criação de valores de troca, o valor de uso das coisas é minimizado, reduzido e subsumido ao seu valor de troca” (p. 80). O trabalho passa a ser um meio e não um fim, o que provoca a desrealização do ser social. Para Marx (2012), o trabalho não é mais a vida do operário, ao contrário, sua vida começa quando sua atividade termina. Ela representa “unicamente o meio de *ganhar* o dinheiro que lhe permitirá sentar-se à mesa, ir ao bar, deitar-se na cama” (Marx, 2012, p. 36), ou seja, o meio que lhe possibilitará comprar mercadorias que satisfaçam as suas mais diferentes necessidades. Aí reside a diferença entre o trabalho enquanto categoria fundante do ser social e trabalho abstrato. Escreve Lessa (2012, p. 28):

O trabalho abstrato é a redução da capacidade produtiva humana a uma mercadoria, a força de trabalho, cujo preço é o salário. Todas as atividades humanas assalariadas são trabalho abstrato. O trabalho enquanto categoria fundante é o complexo que cumpre a função social de realizar o intercâmbio material do homem com a natureza, é o conjunto das relações sociais encarregado da reprodução da base material da sociedade.

Assim, o trabalho concreto é aquele que produz valor de uso – de caráter útil - no intercâmbio entre o homem e a natureza. Segundo Marx (2013), o produto deste trabalho é o resultado final do processo de trabalho, ou seja, é a sua objetivação. O trabalho abstrato, por sua vez, enquanto trabalho produtivo, produz mercadorias, e nesse processo, “[...] os valores de uso só são produzidos porque e na medida em que são substrato material, os suportes do valor de troca” (Marx, 2013, p. p. 263). Fica evidenciado, assim, o caráter duplo do trabalho.

Dessa forma, a categoria trabalho, numa forma social genérica, torna-se insuficiente para se entender o processo de produção capitalista. O trabalho, nesse sistema, não é apenas produtor de valor de uso, mas é também produtor de mercadoria e, sobretudo, de capital.

Entendemos então que o trabalho abstrato é todo trabalho assalariado, e mais do que isso, esse trabalho pode ser classificado como produtivo ou improdutivo. Escreve Marx (2013, p. 578):

A produção capitalista não é apenas a produção de mercadoria, mas essencialmente a produção de mais-valor. O trabalhador produz não para si, mas para o capital. Não

basta, por isso, que ele produza em geral. Ele tem de produzir mais-valor. Só é produtivo o trabalhador que produz mais-valor para o capital ou serve à autovalorização do capital.

Em outras palavras, é produtivo aquele trabalho que produz mais-valia, no caso contrário ele é improdutivo. Segundo Tonet e Lessa (2012), a mais-valia, ou seja, o valor que excede o custo de produção da mercadoria, só é produzida na esfera da produção. O comerciante que compra a mercadoria do industrial para vendê-la, por exemplo, não produz mais-valia, porque não produz a mercadoria, embora o seu lucro tenha origem nesse processo (o da extração da mais-valia na produção da mercadoria). Existem então dois grupos de trabalhadores assalariados: aqueles que produzem a mercadoria e, por sua vez, a mais-valia, e aqueles que não o fazem. Temos assim o trabalho produtivo e o improdutivo, respectivamente.

Ao falar sobre o processo de trabalho, de formação de valor e de valorização, considerando a finalidade do processo, Marx (2013) que afirma que o processo de valorização é a forma capitalista da produção de mercadorias, que pressupõe o processo de trabalho (produção de valores de uso) e o processo de formação de valor (produção de valores de troca) para produzir além do valor de uso, o valor e, sobretudo, o mais-valor.

Nesse sentido, Tumolo (1996, p. 56) ressalta a centralidade da classe trabalhadora na sociedade capitalista, como produtora de valor de troca e, sobretudo, de mais-valia. Para ele,

[...] a produção de bens/valores de uso (trabalho concreto) e de mercadorias/valores de troca (trabalho abstrato) – sendo que a última determina a primeira - é *condição necessária, porém insuficiente* para caracterizar o modo de produção capitalista. A produção de mais-valia (capital) é a razão última deste modo de produção e por isso o trabalho produtivo determina tanto o trabalho abstrato como o trabalho concreto (itálicos do autor).

Existem então, segundo Tumolo (2011), dois polos contraditórios que passam a configurar o trabalho a partir do surgimento da propriedade privada, da mercadoria e do capital. No sistema capitalista, o trabalho, mesmo sendo ainda produtor de valor de uso, passa a produzir mercadorias e, sobretudo, capital. Para Tumolo (2005, p. 255), “[...] na forma social do capital, a dimensão de positividade do trabalho constitui-se pela dimensão de sua negatividade, seu estatuto de criador da vida humana constrói-se por meio de sua condição de

ser produtor da morte humana”. Essa contradição entre trabalho concreto e trabalho produtivo de capital só pode ser superada, segundo o autor, com a superação daquilo que a determina, a saber: o capital.

2.1 O LUGAR DA EDUCAÇÃO ESCOLAR LAICA E OBRIGATÓRIA...

[..] assenhorar-se dos espíritos, impondo-lhes os deveres para com o Estado [...] (Leonel, 1994, p. 158).

Como vimos no início desse capítulo, o trabalho é a atividade fundante do ser social, que a partir do seu intercâmbio com a natureza, modifica-a e modifica a si próprio. Para Lessa (2012), sem o trabalho não há existência social, mas esta, por sua vez, não se limita ao trabalho. Dela também faz parte um conjunto de atividades ou práxis sociais variadas que atendem às necessidades que nascem das relações sociais. Neste sentido, Tonet (2012, p. 31) escreve:

Na esteira de Marx, entendemos que o trabalho é fundamento ontológico do ser social. E que todas as outras dimensões sociais – a exemplo da política, do direito, da ciência, da arte, etc. – mantêm com ele uma relação de dependência *ontológica* e de autonomia relativa ao trabalho, pois, pertence este caráter matrizador que nenhuma das outras dimensões pode assumir. Quanto às outras dimensões, embora se originem a partir do trabalho, sua natureza e legalidade específicas mostram que elas não são uma expressão direta e mecânica dele. Deste modo, na dinâmica social, sempre temos uma determinação recíproca tanto entre trabalho e outras dimensões como entre estas mesmas.

Isso significa então que, embora o trabalho, em sua definição genérica, seja uma condição para a sociabilidade, ele não é suficiente para explicar as demais formas de atividade organizadas nas diferentes formações sociais.

Lessa (2012) alerta para o equívoco que há em tomar o trabalho e o trabalho abstrato como sinônimos, e apoia-se nos estudos de Marx e Engels para explicar a distinção entre os dois: o trabalho é a atividade pela qual o homem transforma a natureza, ele constrói a natureza

humana e a totalidade social, enquanto o trabalho abstrato “[...] é uma atividade social assalariada, alienada pelo capital. Corresponde à submissão dos homens ao mercado capitalista, forma social que nos transforma a todos em ‘coisas’ (reificação) e articula nossas

Lessa, 2012, p. 26). Lessa (2012) ainda afirma que, embora a palavra trabalho seja empregada nas duas categorias, estas são bem distantes uma da outra.

Para Tonet (2012), diferente do trabalho enquanto criador de valor de uso, que é determinante do ser social, o trabalho criador de valor de troca é bastante recente, pois aparece como elemento nucleador apenas na sociedade capitalista. Por isso é engano tomar esse último como uma determinação essencial do ser social.

Em outras palavras, o trabalho em geral é fundante do homem e de sua existência social. As relações que os homens mantêm entre si, por sua vez, suscitam necessidades que demandam um conjunto de atividades para atendê-las. Essas atividades estão relacionadas ao trabalho, uma vez que este é categoria fundante, mas não são o trabalho propriamente dito. Para Tonet (2012), é a complexidade do próprio trabalho que fez com que a reprodução social demandasse outras atividades, que, por sua vez, cumprem funções nessa reprodução. Neste sentido, as atividades demandadas em uma sociedade marcada por contradições, mesmo que mediadas, trazem em si essa marca.

Partindo desse pressuposto, podemos agora nos arriscar a fazer uma consideração acerca da relação entre a educação e o trabalho.

Entendemos aqui a educação como uma atividade e não como trabalho. Lessa (2007) diz que trabalho e educação não podem ser identificados, uma vez que a relação entre eles é de fundante e fundada⁸. Assim sendo, a educação se faz necessária ao trabalho para atender a determinadas funções sociais, as quais, “[...] ainda que fundadas pelo trabalho e imprescindíveis à sua realização, são distintas da função social do trabalho” (Lessa, 2007, p. 108). Como vimos, essas atividades têm funções a cumprir no processo de reprodução social, e “[...] é neste sentido que podemos dizer que a esfera da educação tem na reprodução do capital a tônica do seu desenvolvimento” (Tonet, 2012, p. 17).

É necessário deixar claro que no capital há uma relação social que tem como base o processo de compra e venda da força de trabalho do produtor pelo capitalista, portanto, uma

⁸ Lessa (2007) esclarece essas questões em seu texto *O adeus ao proletariado no Brasil*, evidenciando as contradições que existem nos pressupostos que constituem a Pedagogia Histórico-Crítica, que tem como idealizador Dermeval Saviani. Lazarini (2010), em sua Tese de Doutorado, intitulada *A relação entre capital e educação escolar na obra de Dermeval Saviani: apontamentos críticos*, também explora as formulações de Saviani e contesta, dentre outras coisas, o “trabalho como princípio educativo”, mostrando que essa concepção não corresponde àquilo que preconizou Marx sobre o trabalho.

relação de exploração do homem pelo homem. Tonet (2012, p. 29) esclarece que a produção das desigualdades sociais nesse cenário é “[...] algo que faz parte da natureza mais essencial desta matriz geradora do capitalismo”, portanto, o que se produz nessa sociedade tem por objetivo não o atendimento às necessidades da humanidade, mas o lucro.

A desigualdade está na raiz dessa formação social, sua superação implicaria na superação do capital. Tonet (2012) diz que a dimensão jurídico-política até pode contribuir para impor limites a ela, mas não pode erradicá-la. Para ele, a educação não escapa a essa lógica, pois, “[...] sendo uma mediação para a reprodução social, terá, sendo esta uma sociedade de classes, suas funções sociais voltadas predominantemente para a reprodução das relações dominantes desta forma de sociabilidade” (Tonet, 2012, p. 36).

De forma semelhante, Lazarini (2010) expõe que o objetivo das práticas educacionais é responder às demandas sociais, que vão das mais simples - como aquelas referentes à aprendizagem de noções de higiene ou costumes de uma sociedade - até as mais complexas, que demandam maior abstração e rigor teórico.

Essas questões ficam mais claras quando pensamos nas condições sociais e históricas que permearam a criação das instituições escolares. Em sua tese de doutorado, Leonel (1994), ao recuperar autores clássicos da sociedade moderna e demais fontes primárias referentes ao tema, discorre sobre as determinações históricas do sistema nacional de ensino da França, no século XIX, percorrendo o caminho que levou a burguesia a abrir a escola às camadas populares e tornar sua frequência obrigatória. Além do caráter de obrigatoriedade, a escola pública moderna se diferencia das demais porque é também gratuita, laica e universal. Essa escola pública, tal como a conhecemos hoje, veio sendo gestada desde o século XVIII, até ser instituída de fato nas últimas décadas do século XIX, na França.

Nesse momento histórico, segundo Leonel (1994), que é marcado pela acirrada luta de classes entre a burguesia e o proletariado, a universalização da escola pública apareceu para a primeira como uma solução para seus problemas: a luta entre as nações capitalistas na concorrência por novos mercados e o enfraquecimento da unidade nacional provocado pelo movimento operário que reclamava por seus direitos – direitos esses que se opunham aos da classe dominante. Se a Revolução Francesa subverteu a ordem, agora a burguesia precisava mantê-la para não ser ameaçada.

Para isso, era preciso assenhora-se das almas, ao conceder liberdade religiosa aos homens na vida privada, impondo-lhes deveres para com Deus, e assenhorar-se dos

espíritos, impondo-lhes os deveres para com o Estado, ao criar a escola obrigatória para a formação do novo cidadão eleitor (Leonel, 1994, p. 158).

A escola foi criada assim para mediar as contradições da prática social. A burguesia abre mão de alguns de seus princípios para garantir sua reprodução. Neste sentido, propõe o ensino público gratuito e laico para todos, que tem como função educar os indivíduos de acordo com os interesses burgueses mediante uma educação moral. O objetivo dessa educação é fazer emergir o cidadão, aquele que coloca a pátria acima de seus interesses, portanto está sempre pronto a lutar por ela. Para Leonel (1994), substituindo-se os deveres que antes se tinha para com Deus – porque a escola é laica – pelos deveres para com o Estado, “[...] além de nada destruir, constrói-se a ideologia da solidariedade social e nacional tão necessária à conservação das classes e da propriedade” (p. 186).

Como vimos anteriormente, a produção da desigualdade social é inerente ao capital e a exploração do trabalho para a obtenção do lucro é o que garante a sua reprodução. Não obstante, como explicita Tonet (2009, p. 82), “[...] a reprodução do capital exige, também, e ao mesmo tempo, a instauração da igualdade formal. Capitalistas e trabalhadores são livres, iguais e proprietários e assim têm que ser para que o capitalismo se reproduza”. Da mesma forma, na educação se dá a contradição entre o discurso que anuncia uma educação integral para todos e a realidade objetiva, que inviabiliza essa formação. Isto não poderia ser diferente na sociedade capitalista, visto que a escola pública foi organizada a partir da necessidade de amenizar as contradições da prática social, e fez isso garantindo à classe dominada liberdade e direitos e uma educação que lhe ensinasse como usá-los, mas usá-los em favor da classe dominante.

A universalização do ensino impulsionou o crescimento da profissão docente e a mulher foi chamada a fazer parte desse cenário, por ser considerada educadora por excelência. A relação entre a mulher e o magistério é o que veremos no próximo capítulo.



Figura 3. Normalistas da Escola Caetano de Campos com parte da bandeira bordada por elas, 1909.

Fonte: Acervo Escola Caetano de Campos (2014)

Somos educadores para dar à sociedade homens aptos e vigorosos, de corpo e espírito, feitos para a justiça e para a razão [...]. De nós depende, principalmente o dar à instrução a proeminência, conquistando, pela tenacidade, as atenções e a cooperação das outras frações do Estado, provando, pelos resultados obtidos, a eficácia e influência do grande processo civilizador (Manoel Bomfim, 1904).

3 A MULHER-PROFESSORA: “A SEGUNDA MÃE”

A professora é mãe e mãe abnegada. É mãe pela dedicação, pelo amor, pelo desinteresse. Tanto nos grandes centros como nos recantos mais humildes e mais longínquos, onde mingua o conforto e falta o convívio social, encontramos a professora, verdadeira missionária do Bem, instruindo, educando, redimindo, iluminando. Modesta e simples, sem alarde, sem pomposos reclames, com a lição da palavra e do exemplo, transmite às gerações que passam pela sua escola as virtudes diamantinas que exornam sua alma de eleita (Rita Burnier, 1928).

Como vimos no capítulo anterior, a criação do ensino público na França, no século XIX, esteve atrelada a necessidades da sociedade burguesa. Leonel (1994) afirma que na transição do feudalismo para o capitalismo a burguesia, subvertendo a ordem vigente, chega ao poder pregando liberdade e igualdade.

No sistema feudal, as posições sociais eram determinadas naturalmente, o que impossibilitava a mobilidade e acentuava a diferença entre os homens. A lei da primogenitura e o morgadio garantiam ao filho mais velho a herança de toda a terra da família, sem a possibilidade de dividi-la em áreas menores. Assim, as grandes famílias feudais ficavam submetidas à autoridade absoluta do pai, de quem dependiam.

Com as modificações nas relações de troca - do trabalho servo para o proletário - as relações entre os homens também se modificaram. Para Sforzi (1996, p. 33), elas “[...] passam a ser reguladas pelo princípio de que todos os homens são iguais, portanto, com direitos e deveres semelhantes. As relações tornam-se mais equitativas, pois dependem uns dos outros”. Nesse contexto a organização familiar vai assumindo outra forma, à medida que a autoridade do pai enfraquece, a dos outros membros ganha força. O filho, que deixa de depender do pai para estabelecer relações sociais, comerciais e políticas, passa a ocupar um espaço de destaque na casa e sua educação torna-se a prioridade da família.

Tanto Leonel (1994) quanto Sforzi (1996) deixam claro que as transformações que ocorreram, sobretudo no século XIX, estavam relacionadas às necessidades do novo modo de

produção. Os ideais de liberdade e igualdade, que a burguesia “revolucionária” pregava quando chegou ao poder, opunham-se à ordem feudal, mas poderiam, mais tarde, pôr em risco o poder conquistado por essa mesma burguesia. As contradições da sociedade capitalista faziam intensificar-se a luta de classes que ameaçava a ordem social burguesa. Seria então necessário educar esse homem livre pra que ele soubesse se autogovernar de acordo com os interesses dessa sociedade. É nesse contexto que a educação moral aparece como uma solução para o problema, tanto na escola quanto na família. Escreve Sforini (1996, p. 20):

Isso significa dizer que a família nuclear moderna completou seu processo de transformação concomitantemente às transformações ocorridas no processo do trabalho com a universalização do assalariamento. É difícil não perceber, em todos esses discursos, a estreita relação entre uma ordem ameaçada e o desenvolvimento moral através do fortalecimento das relações familiares. Nesta família a mãe assume o papel de moralizadora dos novos soberanos.

Assim, os novos soberanos são os filhos, que devem ser preparados pela família, sobretudo pela mãe, para desenvolverem suas habilidades, pois “[...] a maneira como a criança é tratada passa a ser considerada determinante de suas qualidades físicas e morais quando adulto” (Sforini, 1996, p. 36). A família passa assim a ser vista como a grande responsável pela manutenção da ordem, pois é nela que são ensinadas as virtudes sociais e é neste cenário, em que o indivíduo entra em cena, que passa a ser incumbido à mulher um novo papel social: o de educadora do homem moderno.

No decorrer do século XIX, muito se discutiu sobre a educação dessa mulher, cujos deveres se ampliaram para os de esposa, mãe e educadora. Sforini (1996, p.57) afirma que, “[...] elevada à condição de primeira professora dos filhos e visando à sua apropriada inserção na nova ordem, a instrução da mulher é justificada, já que dela dependeria em grande escala a adequação dos futuros cidadãos ao mundo do trabalho”.

A sociedade brasileira não escapou a essas transformações. A vinda da corte portuguesa para o Brasil e a abertura dos portos ao mercado mundial no início do século oportunizaram a disseminação do ideário moderno burguês e do capitalismo. As transformações nas bases materiais provocaram modificações na forma de se pensar o homem e suas relações, na organização familiar, no espaço urbano e em outro aspectos.

Em relação à mulher, Rabelo e Martins (2010) lembram que na sociedade patriarcal, a mulher branca da casa grande, subjugada pelos homens e suas regras, ficava restrita ao âmbito

doméstico, sendo a participação nas atividades da Igreja a sua única ação pública. A vida no meio urbanizado, por sua vez, possibilitava a essa mulher um contato social maior nas festas, bailes, cafés e teatros, o que começou a exigir dela novas habilidades, que iam além de prendas domésticas e práticas religiosas. Ela passou a ter outras funções, como a de contribuir para o projeto de mobilidade social, conforme afirma D’Incao (2004, p. 229):

Da esposa do rico comerciante ou do profissional liberal, do grande proprietário investidor ou do alto funcionário do governo, das mulheres passa a depender também o sucesso da família, quer em manter seu elevado prestígio social já existentes, quer em empurrar o *status* do grupo familiar mais e mais para cima.

O homem de negócios, envolvido com questões políticas e comerciais, precisava de uma companheira que zelasse por sua imagem e o ajudasse a manter ou conquistar sua posição social, assim como dos filhos, que deveriam crescer sob a atenção e os cuidados maternos. Essas novas funções demandavam uma maior atenção à questão da educação feminina⁹.

Segundo Louro (2004, p. 443), “[...] proclamada a Independência, parecia haver, ao menos como discurso oficial, a necessidade de construir uma imagem do país que afastasse seu caráter marcadamente colonial”. Era necessário então buscar a modernização, e para isso a educação se fazia importante.

Para Manoel (2008, p. 25), no que diz respeito à educação feminina, “[...] não se tratava, portanto, de uma educação profissionalizante, mas uma educação voltada para o polimento sociocultural das mulheres”. Saffioti (1979, p. 180) lembra que o interesse pela instrução feminina “[...] não representava a consciência de que a mulher deveria receber educação idêntica à do homem, nem a equiparação social dos papéis tradicionalmente atribuídos a representantes de um e outro sexo”.

O Ensino Primário havia se tornado público e gratuito desde a Constituição de 1824, e o Decreto de 15 de outubro de 1827 determinou a construção de escolas públicas em todas as cidades (Brasil, 1927). Mesmo assim, segundo Patto (1987), o Estado desincumbiu-se do Ensino Primário, priorizando o desenvolvimento do Ensino Secundário e do Superior, pois, em especial este último, garantia aos mais ricos o diploma e, conseqüentemente, o acesso a

⁹ Segundo Saffioti (1979), até o século XIX, as possibilidades de instrução feminina no Brasil eram muito escassas. Eram, em sua maioria, oferecidas pela Igreja às mulheres das camadas mais favorecidas financeiramente e se resumiam ao ensino das letras, juntamente com a música e as prendas domésticas.

altos cargos públicos. Manoel (2008) relata que, na ocasião, foi estabelecido um currículo não profissionalizante para a educação feminina, contando com as seguintes disciplinas: Leitura, Escrita, as quatro operações, Gramática, Moral Cristã, Doutrina Católica e Prendas Domésticas. No que diz respeito aos professores, não existia diferença entre os salários dos homens e os das mulheres, no entanto, como as últimas foram isentadas do ensino da Geometria (que não compunha o currículo para a educação feminina), o seu salário, conseqüentemente, era menor, pois, nesse período os alunos deveriam ser ensinados por professores do mesmo sexo. Esse modelo de educação passou a demandar a formação de professoras do sexo feminino.

Anos mais tarde, para atender à demanda escolar que aumentava, foram criadas a partir de 1935 as Escolas Normais, com a finalidade de formar professores de ambos os sexos. Não obstante, Patto (1987, p. 464) afirma que, após terem ficado vazias no início, essas escolas passaram a ser ocupadas “[...] pelas moças dos segmentos sociais que possuíam o dinheiro, a maioria das quais não as frequentava em nome de um genuíno interesse pela formação para o magistério”. A educação escolar era, nesse período, um privilégio de poucos, que, de acordo com Patto (1987), correspondiam a menos de 3% da população. Esse número, para ela, era coerente com a sociedade escravista brasileira, que importava os ideais do liberalismo europeu, tão distantes de sua realidade social.

Quanto à questão da educação feminina, Manoel (2008) afirma que ela revelou duas faces contrárias da oligarquia brasileira: uma que aspirava à modernidade e outra que a temia. A educação da mulher era uma necessidade dos novos tempos, mas significava a extensão dos direitos civis a essa mulher, o que causava o receio da oligarquia e das classes sociais livres. Por esse motivo alguns intelectuais, em meados do século XIX, insistiam em que a educação feminina não ultrapassasse os limites da formação de donas de casa e mães de família. Esse pensamento, compartilhado pela oligarquia, tinha respaldo nas doutrinas da Igreja Católica, que, fundamentada pelas leis de Deus, pregava que as mulheres deveriam se ocupar das atividades domésticas e o homem das sociais e cívicas.

Bernardes (1988) fez uma coleta em documentos das décadas de 40 a 90 do século XIX e reuniu discursos de homens letrados do Rio de Janeiro acerca da educação feminina. Neles é possível observar quão diversificadas eram as ideias em relação ao assunto. Havia, por exemplo, aqueles que concebiam a educação feminina como uma preparação moral e religiosa; outra parcela defendia que a educação deveria preparar a mulher apenas para o lar e jamais contribuir para sua emancipação intelectual e profissional; e outros (a maioria)

entendiam que a educação da mulher contribuía para a dignificação da família, da Nação e do mundo.

De qualquer forma, mesmo discordando em relação à educação feminina, a maioria dos discursos concordava, de um modo ou de outro, em dizer que a mulher tinha um importante papel a desempenhar na família e na sociedade.

José Veríssimo, em 1906, por sua vez, foi um defensor da educação feminina, pois considerava a mulher a primeira e principal educadora do indivíduo. Para desempenhar bem as suas funções na sociedade ela deveria receber uma educação integral, não para tornar-se sábia, mas para ter o essencial para conhecer o mundo. Afirma Veríssimo (1985, p. 122):

A mulher brasileira, como a de outra qualquer sociedade da mesma civilização, tem de ser mãe, esposa, amiga e companheira do homem, sua aliada na luta da vida, criadora e primeira mestra de seus filhos, confidente e conselheira natural do seu marido, guia da prole, dono e reguladora da economia de sua casa, com todos os mais deveres correlativos a cada uma dessas funções. Nem as há, ou pode haver mais difíceis, nem mais importantes e consideráveis e, portanto, mais dignas e mais nobres e, se houvessem de ser desempenhadas na perfeição, requerer-se-iam na mãe de família mais capacidades do que têm de comum ainda os mais capazes chefes de Estado. Se esse ideal, como todos os ideais, não pode ser atingido, nem por isso devemos abandoná-lo, porque, em moral, para alcançarmos o mínimo compatível com a imperfeição humana, havemos de pretender o máximo.

Para Veríssimo (1985), a educação oferecida às mulheres pela Igreja não as capacitava para o exercício dessas funções. Em sua opinião, a instrução da mulher começou a melhorar no Brasil com a criação das Escolas Normais. Verissimo (1985) via a educação feminina como uma necessidade da época, decorrente das novas exigências que eram impostas à vida naquele período, as quais estavam modificando a sociedade, seus costumes e hábitos em relação à mulher. Contra isso não se podia lutar.

D'Incao (2004, p. 230) lembra que com a emergência da família burguesa, do imaginário da importância do amor familiar¹⁰ e do cuidado com o marido e com os filhos, uma série de propostas foi formulada, visando “[...] educar a mulher para o seu papel de

¹⁰ Sobre esse imaginário do amor familiar, Sforzi (1996) explica que os laços de dependência que uniam a família feudal deixaram de fazer sentido em uma sociedade na qual todos são livres. Para ela, os laços afetivos é que vão manter unidos os indivíduos autônomos.

guardiã do lar e da família – a medicina, por exemplo, combatia severamente o ócio e sugeria que as mulheres se ocupassem ao máximo dos afazeres domésticos” [itálico do autor].

Costa (1999) escreve sobre o nascimento da mãe higiênica e da ideia de que a mulher poderia, por meio das suas habilidades naturais e de seu exemplo, semear os bons hábitos e combater a imoralidade. Para ele, isso se deu a partir de dois movimentos históricos: a emancipação da mulher do patriarcado e sua colonização pelo poder médico.

Um dos convites a maior participação da mulher nos projetos de higienização veio por meio das campanhas pela amamentação. Alencastro (1997) afirma que essa era uma prática polêmica na vida da família oitocentista, pois dificilmente se encontravam mães que dessem de mamar a seus filhos, sobretudo nas classes mais elevadas, ficando essa tarefa a cargo das mucamas, as escravas domésticas. Na Europa, já nos anos de 1850 se discutiam as vantagens do aleitamento materno, que, além de garantir melhor cuidado às crianças, supostamente transmitiria ao bebê as qualidades culturais da mãe. Assim a prática do aleitamento pelas amas de leite de aluguel foi perdendo força por lá. No mesmo período, alguns intelectuais dos Estados Unidos defendiam a prática alegando que as escravas já haviam criado grandes homens, enquanto aqui no Brasil o uso das escravas para o aleitamento começou a ser condenado, pois se acreditava que, com o leite, elas transmitiriam ao bebê os seus costumes e hábitos, e até mesmo seus vícios de linguagem.

Além disso, segundo Costa (1999), os médicos começaram a observar as relações entre a amamentação por amas de leite e a mortalidade infantil; mas mesmo com o fim da escravidão, algumas mulheres, herdeiras dos costumes coloniais, insistiam na prática de relegar a amamentação às criadas, enquanto se ocupavam com os eventos sociais.

Na realidade, a mortalidade infantil não era interessante, sobretudo para um país que pretendia se transformar em uma grande nação. Costa (1999) defende que o fato de a mulher não amamentar seus filhos lesava os interesses político-populacionistas da elite agrária, o que, convertido no discurso higiênico, passou a ser visto como uma infração às leis da natureza, já que toda mulher tem vocação para a maternidade e toda fêmea da classe dos mamíferos amamenta seus filhos; portanto, nada mais natural que a criança seja amamentada pela própria mãe. Mesmo que essas premissas pudessem ser contestadas, elas tiveram impacto na concepção do papel de mãe.

Além de proteger a vida das crianças, converter a mulher ao modelo de mãe que amamenta era uma forma de regular a vida da mulher, por meio da redefinição do lugar que ela deveria ocupar do universo disciplinar. A amamentação ocuparia o tempo livre da mulher, que havia estado ociosa desde que suas responsabilidades com as tarefas domésticas

diminuíram, devido à urbanização. Assim, amamentar estaria “[...] livrando-as dos perigos do ócio e dos passatempos nefastos à moral e aos bons costumes familiares” (Costa, 1999, p. 259). Os médicos enalteciam a ideia de que somente as mulheres poderiam desempenhar bem o papel de cuidadora, fazendo-as crer que tinham as virtudes necessárias a essa tarefa, virtudes que faltavam aos homens. Assim, ao passo que a mulher assumia essa responsabilidade com seus filhos, as demais ficavam a cargo dos homens, mantendo-se assim o domínio masculino.

Rago (1985, p. 62) afirma que o novo modelo normativo de mulher - a “esposa-dona-de-casa-mãe-de-família”, “frágil e soberana, abnegada e vigilante” - difundido em meados do século XIX, inicialmente para as moças da elite, não escapou à classe trabalhadora, à qual foi igualmente imposto o modelo de organização familiar a ser seguido, com o objetivo de moralizar seus hábitos e costumes e livrá-la das práticas populares promíscuas e anti-higiênicas. Para Rago (1985, p. 61), “A família nuclear, reservada, voltada sobre si, instalada numa habitação aconchegante deveria exercer uma sedução no espírito do trabalhador, integrando-o ao universo dos valores dominantes”.

De que a mulher tinha um papel a desempenhar na família e na sociedade não restavam dúvidas, mas as questões referentes à sua escolarização e profissionalização ainda eram controversas. Com a abolição da escravidão e o desenvolvimento do trabalho assalariado, os processos de urbanização e industrialização se intensificaram. Para Louro (2004), esses acontecimentos fizeram com que os homens começassem a abandonar as salas de aula, já que as possibilidades de trabalho se ampliavam para eles. Ao mesmo tempo,

A presença dos imigrantes e o crescimento dos setores médios provocavam uma outra expectativa com relação à escolarização. Esses fatores e ainda a ampliação das atividades de comércio, a maior circulação de jornais e revistas, a instituição de novos hábitos e comportamentos, especialmente ligados às transformações urbanas, estavam produzindo novos sujeitos sociais tudo concorria para a viabilização desse movimento (Louro, 2004, p. 449).

Com essas transformações, a necessidade de mão de obra especializada crescia junto com as pressões para a oferta de educação popular pelo Estado. Além disso, com a proclamação da República, o país precisava de homens preparados para governá-lo e fazê-lo progredir. Por outro lado, segundo Rabelo e Martins (2010), para que a educação se democratizasse, era preciso que o professor custasse pouco. Ganhando menos que o homem -

que não aceitaria a redução de salário - e sem a mesma possibilidade de seguir outra carreira que fosse socialmente aceita, a mulher acabou por abraçar o magistério.

Diante da necessidade de formar professoras, o discurso foi sendo alterado. Se antes a mulher deveria receber apenas instrução para ser uma boa dona-de-casa, agora é interessante que ela tenha além da educação, uma profissão – o magistério –, mas sem nunca descuidar do seu papel de mãe e esposa.

Para Nogueira e Schelbauer (2007, p. 7), o incentivo à profissionalização feminina nessa modalidade objetivava também o enquadramento da mulher nas normas morais dominantes:

A imagem do sexo feminino estava ligada aos ideais de moralidade cristã, pureza, maternidade e patriotismo, a mulher era valorizada como mãe e esposa, o lar seria o seu domínio e o casamento sua principal aspiração. Os ideais positivistas indicaram a mulher para ser educadora da infância base da família e da pátria, atribuindo as virtudes da professora como sendo as qualidades da mãe dando ênfase maior no sentimento.

Dessa forma, sem precisar competir com o homem, a mulher tinha um papel a exercer. À mãe cabia o cuidado com o bem-estar de sua família e à professora a dedicação maternal aos seus alunos, com o objetivo de prepará-los para o desenvolvimento da Nação.

Saffioti (1979, p. 195) afirma que o ensino de crianças passou a ser considerado como um prolongamento das funções maternas, o que fez com que o magistério elementar começasse a ser visto como uma ocupação essencialmente feminina, “[...] chegando mesmo a constituir-se, durante muitos e muitos anos, na única profissão plenamente aceita pela sociedade”. Louro (2004, p. 450) complementa afirmando que a concepção do magistério como “extensão da maternidade” parecia ser o argumento perfeito: “[...] a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la. Para tanto, seria importante que o magistério fosse representado como uma atividade de amor, de entrega e doação” e exercido por aquelas que tinham “vocação”.

Rago (1985), por sua vez, lembra que apenas aquelas que tinham acesso à instrução eram destinadas ao magistério, o que não era o caso das mulheres de famílias pobres e miseráveis, que, sem instrução, tinham como alternativa possível e necessária o trabalho nas fábricas, nos escritórios e no comércio. De acordo com Fonseca (2004), a mulher pobre, que necessitava trabalhar para complementar o salário do marido, precisava defender a sua

reputação contra a “poluição moral”, já que o assédio moral à mulher era comum, sobretudo nas fábricas. Além disso, eram acusadas de serem mães pouco cuidadosas¹¹.

Na II Conferência Nacional da Educação da Associação Brasileira de Educação / ABE (Silva, 2004), que aconteceu em Belo Horizonte em novembro de 1928, o político paraense Lindolpho Xavier deixa clara a sua opinião sobre a profissionalização da mulher. Ele acreditava que em um país cujo regime de governo é o republicano, aspirando à ordem e ao progresso, a mulher não deveria assumir outra função que não a de preparar os cidadãos para a pátria, pois suas qualidades não eram compatíveis com a praticidade que exigia a atividade do Estado, ficando estas, então, com o sexo mais enérgico. Lindolpho Xavier (Silva, 2004) via a família como a base de uma sociedade ordenada e progressista em que a mulher, educadora por excelência, deveria educar seus homens para que tivessem condições de dirigir a Nação. Não obstante, aquele político admitia que a mulher fosse professora, pois assim ela seria educadora da humanidade; mas qualquer outra função que a colocasse em competição com o homem era reprovada.

Para Rabelo e Martins (2010, p. 6168), ao serem as portas do magistério abertas para as mulheres, em função da sua vocação e de seu suposto “dom de um comportamento emocional e moral”, suas qualidades profissionais ficaram limitadas, pois seus predicados não eram adequados às funções públicas. Bruschini e Amado (1988, p. 6) relacionam o incentivo à profissionalização feminina pelo magistério a uma tentativa de manter os princípios morais conservadores, sob a influência da Igreja Católica, “De uma forma velada, o controle da sexualidade feminina justificaria, daí por diante, que as mulheres trabalhassem com crianças, num ambiente não exposto aos perigos do mundo e protegido do contato com estranhos”, sobretudo, com os homens. Rago (1985) salienta que o fato de a mulher ter ocupado o cenário urbano não significou o afrouxamento das exigências morais por parte da sociedade burguesa - pelo contrário, temendo os perigos da prostituição, essa sociedade coloca nos ombros da mulher o “anátoma do pecado, o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas horas de trabalho” (p. 63).

A mulher devotada a sua família, mãe e educadora por excelência, foi figura importante para os integrantes da Liga Brasileira de Higiene Mental – LBHM. Fundada nas primeiras décadas do século XX, essa instituição se preocupava em formar cidadãos hígidos e

¹¹ É preciso que fique claro que o fato de o magistério ter se tornado uma profissão socialmente aceita para as mulheres, especialmente a partir do século XX, não significa que sua entrada no mercado de trabalho tenha se dado através dele. Um dos trabalhos que nos deixam evidente essa questão é a dissertação de mestrado de Garcia (2011), que, utilizando-se de obras de arte, afirma que o trabalho feminino fora do lar era também realizado nas fábricas, na agricultura, no comércio, entre outros espaços.

fazer do Brasil uma grande nação, atuando, para tanto, em diferentes segmentos da sociedade, entre eles, a escola, segundo Boarini e Borges (2009).

É importante lembrar que as primeiras décadas do século XX foram palco de importantes mudanças sociais no Brasil. Para Fausto (1996), apesar de a produção agrícola e a exportação do café representarem boa parte da economia do País até a década de 30 do século XX, as indústrias apareciam com força crescente desde o final do século XIX, o que fez desencadear-se a política de imigração e intensificar-se a urbanização. Sevcenko (1998) lembra que, após o fim da escravidão, os imigrantes vieram não só para suprir a necessidade de mão de obra, mas também para buscar outras oportunidades nos grandes centros, nos quais circulavam brancos, negros, ricos e pobres; mas como o investimento na infraestrutura urbana não foi proporcional à demanda, espalhou-se uma série de endemias, causadas pela falta de higiene e pelas precárias situações de saneamento básico e moradia.

Os médicos higienistas acompanhavam esse processo de mudança do país e compartilhavam do ideal de modernização e progresso. Preocupados em promover a saúde, pois os homens desse país precisavam ser fortes, eles se ocuparam tanto da saúde física quanto da saúde mental. Uma das preocupações desse período em relação à saúde mental era o alcoolismo. Para o médico e educador Afrânio Peixoto (1931, p.233), a ingestão de grandes quantidades de álcool, além de comprometer o sistema nervoso, facilitava infecções como a tuberculose e causava prejuízos à moral: “[...] o alcoolismo corrompe a sensibilidade, a inteligência, a vontade, tornando o bebedor insuportável no meio doméstico e social”. O abuso do álcool esteve ligado nesta época à loucura, à ociosidade, à pobreza e à imoralidade, e nada disso interessava a um país que pretendia ser grande, o que levou os higienistas a desenvolverem campanhas antialcoólicas. Segundo Maestri (2011, p. 131), o objetivo da LBHM era a “[...] formação do modelo de homem brasileiro (ideal burguês), destacando algumas normas e regras que deveriam ser seguidas pela população, para *manter-se mentalmente sã* ou *higienizada mentalmente*” [itálico do autor].

Foi para projetos como esses que as mulheres foram recrutadas pela LBHM. Vemos nos “*Archivos Brasileiros de Hygiene Mental*”, diversas menções às competências das mulheres para a causa. O médico higienista e professor Alfredo Britto (1930), por exemplo, acreditava que a participação da mulher era indispensável na profilaxia do alcoolismo e que não haveria colaboradora mais devotada a partir do momento em que ela se tornasse conhecedora dos perigos da doença:

[...] convencida de tudo isso, ela passará com o exemplo de sua abstinência a ser um verdadeiro apóstolo desta cruzada bendita. Será a mulher-mãe mostrando ao seu filho os perigos e os inconvenientes das bebidas alcoólicas, educando-o na abstinência, e entre carinhos e beijos maternos, será fácil de ensinar e mais fácil ainda de aprender; será a mulher-professora que na escola completa a educação materna e fornece a instrução necessária para a boa compreensão dos desastres da intoxicação alcoólica. (Britto, 1930, p. 205).

A preocupação com o alcoolismo, segundo outro importante médico higienista, Henrique Roxo (1925), devia-se ao entendimento de que ele seria responsável por cerca de 30% das internações psiquiátricas no início do século, época em que se acreditava que o surgimento da doença mental poderia estar relacionado ao uso abusivo de álcool. Afrânio Peixoto (1931, p. 233) apresenta dados que justificavam a preocupação com este tipo de intoxicação: “[...] dos suicidas, 30% são alcoólatras. Dos criminosos encarcerados 43% praticaram o crime sob influência alcoólica. Em 100 bebedores, todos possíveis criminosos, dois terços acabam de fato na prisão, nos hospícios ou na mesa de autópsia”.

Para Erasmo Braga (1930), também membro da LBHM, o alcoolismo era uma doença moral e seu remédio estava na educação. Como a escola era vista como um espaço propício para o desenvolvimento de ações preventivas, os educadores não deveriam se limitar a informar o aluno, mas ter como objetivo também sua formação moral.

De acordo com os ideais higienistas, cabia à professora primária do início do século passado instruir a criança e simultaneamente sua família, prevenindo os vícios, modificando seus hábitos de higiene, moral e civismo e assim preparando homens saudáveis para cumprirem com sua missão para com a pátria.

O médico higienista José Paranhos Fontenelle (1925), por sua vez, afirmava que a educação era uma forma útil de realização da profilaxia mental. Afirmava que a higiene mental estava relacionada à forma como o indivíduo, com suas particularidades, relaciona-se com o meio social que lhe é apresentado, e que esse meio, dependendo das adversidades, poderia influenciar, e muito, a sua mentalidade. Isso aconteceria desde o nascimento da criança, por isso os primeiros cuidados desempenhados pela mãe do bebê implicariam o desenvolvimento de sua higiene mental e influenciariam o adulto que ele viria a ser. Fontenelle (1925, p. 8) chama atenção então para

[...] a necessidade de ensinar às mães como formar os primeiros hábitos de seus filhinhos, adaptando-os da melhor maneira aos problemas iniciais de vida, como a alimentação, o sono, o asseio, a disciplina, etc. Mas a verdade é que não poucas mães abandonam os cuidados educativos iniciais a amas e criadas, e que elas próprias, na grande maioria dos casos, não estão em situação de levar a cabo esse trabalho.

A mulher, enquanto mãe, era chamada a assumir um papel dentro de sua casa. Cuidar bem de seu marido e filhos deveria ser sua responsabilidade, pois somente ela seria capaz de ajustar a família de acordo com os preceitos da higiene mental. Porto Carrero (1929, p. 132) é mais um membro da LBHM que a enaltece:

É a espécie que se representa na vida social, nos conceitos da pátria e de humanidade. E a vós, minhas senhoras, a vós, às mulheres, à parte mais útil na função procriadora, vós, a melhor metade da espécie humana, a vós, cabe, principalmente a guarda dessa perpetua conservação que é a felicidade da família, a grandeza da Pátria, a paz eterna entre os homens, na terra.

O professor e médico Antônio Austregésilo (1923), ao traçar o perfil da mulher brasileira, afirma que a influência da mulher está presente em todas as qualidades do homem, por isso cabe a ela educar os sentimentos dos filhos e do marido com seus conselhos inspirados no amor verdadeiro. Em relação a essa tarefa, tão importante para a Nação, ele faz um alerta às mulheres:

Não espereis que o homem vos de um lugar no concerto das civilizações. Praticai a ação útil ao meio nacional, sem esperar dos homens concessões e prerrogativas especiais. Lutai por vós, porque lutareis pelo Brasil. E se o brasileiro aos vossos olhos parece egoísta, prepotente, atrasado, levai-o com as armas da vossa lógica, que está no sentimento e no trabalho (Austregésilo, 1923, p. 120).

Atributos como a sensibilidade, o altruísmo e a dedicação foram tidos como naturalmente femininos, e eram úteis à mulher, que precisava assumir o seu papel de educadora da família e da sociedade. Essa era a concepção que acompanhou o magistério nas primeiras décadas do século XX.

Para melhor ilustrar a participação da mulher no magistério, recorremos a Braun e Vasconcelos (2011), que contam as reminiscências de uma professora normalista do Estado do Ceará que adentrou os caminhos do saber nos idos de 1930. Os autores destacam que, nesse período, as atribuições dos homens e das mulheres na sociedade eram bem definidas. A imagem da mulher estava bastante ligada à de mãe bondosa e altruísta. Afirmam os autores:

Era uma imagem que nutria a concepção de que a mulher tinha um importante papel a desempenhar na sociedade, que se daria por meio de seu amor, defesa e influência na educação dos filhos. Desse modo o espírito de doçura que a mulher encarnava em seu papel feminino, eram talentos “inatos” que ajudariam construir seu caminho profissional como normalista [grifo do autor] (Braun & Vasconcelos, 2011, p. 5).

Aqui a imagem abaixo mostra normalistas da década de 30 do século XX. Suas vestes brancas e bem-asseadas sugerem a pureza, o capricho e a higiene que caracterizavam o ideal da profissão docente e de mulher desse período.



Figura 4. Turma de formandas do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas, Uberlândia-MG, 1937.

Fonte: CDHIS/UFB (2006).

Acácio (2007) mostra quanto essa ideia persistiu nas décadas de 40 e 50 do século XX, ao narrar as lembranças de uma professora. Ele escreve que para ingressar na carreira era necessário ter vocação, qualificação, ideal de educar e adequação, disciplina e asseio. Sendo assim, o exercício do magistério era causa de admiração. Naiff, Naiff e Sá (2013, p. 131)

afirmam que nessa época a normalista representava “uma das manifestações do feminino em consonância ao que se pregava para a mulher da época”. Como nos anos anteriores, o magistério continuava a ser visto como uma profissão natural àquelas que foram preparadas para serem mães, e por isso era visto como um bom trabalho para a mulher.

Bruschini e Amado (1988) afirmam que as normalistas passaram a ter a possibilidade de alcançar maior nível de instrução por volta da década de 40 do século XX, quando foi permitido o seu ingresso em alguns cursos de Filosofia. Esse direito se estendeu a outros cursos a partir da década de 50 do mesmo século, fazendo crescer o número de mulheres nos cursos superiores e, conseqüentemente, no magistério secundário, já que a maioria procurava cursos que habilitassem para este nível de ensino. Por outro lado, para as mesmas autoras, a feminização do magistério secundário possivelmente estava relacionada com outros dois fatores: a crescente perda de prestígio do magistério e a carência de outras possibilidades no mercado de trabalho para a mulher.

Não obstante, segundo Bruschini e Amado (1988, p.6), a partir de 1970 o perfil da força de trabalho feminina começa a sofrer alterações significativas que se refletem na situação do magistério, como a ampliação da participação das mulheres nas universidades e em outras ocupações profissionais, “[...] diminuindo relativamente a importância do magistério, que passa a ser suplantado, como ocupação de nível médio, pelas atividades burocráticas”. Mesmo assim, o magistério continuava e continua sendo predominantemente feminino, como mostram os dados das Sinopses Estatísticas da Educação Básica (Brasil, 2013), divulgados pelo MEC: 80% dos quadros docente das escolas de Ensino Fundamental e 60% nas escolas de ensino médio são mulheres.

Nessa altura do caminho já conseguimos visualizar que a prevalência de mulheres hoje, no século XXI, no Ensino Fundamental e Médio, está relacionada não só com a história da profissionalização da mulher, mas também com o desenvolvimento da educação no país, sobretudo o da educação feminina.

Isso significa dizer que o magistério predominantemente feminino não nasceu de um planejamento consolidado de ensino, ou da abertura espontânea do mercado de trabalho às mulheres, mas da necessidade da educação feminina que estava sendo imposta pelas mudanças econômicas que ocorriam nos países da Europa e que chegaram até o Brasil. A sociedade recém-saída do sistema patriarcal encontrou na Igreja Católica – que num primeiro momento se ocupou da educação da mulher - uma saída para que essa modernização não afetasse bruscamente a distribuição de papéis. À mulher foi destinada uma educação diferente da do homem e a tarefa de fazer da escola uma extensão de seu lar, atentando para a instrução

e o cuidado com seus alunos, o que só uma mulher, com seus dons e atributos naturais, poderia desempenhar bem. Ao homem cabia o exercício de outras funções, como as burocráticas e políticas.

Mesmo tendo sido a educação e a profissionalização da mulher marcadas pelo preconceito e pelo reforço de sua inferioridade em relação ao homem, o magistério foi por anos uma possibilidade de instrução e de trabalho externo não só aceito pela sociedade, mas até valorizado nos discursos de médicos e educadores do início do século XX. O país precisava da mulher educadora, por isso a profissão era prestigiada e as normalistas admiradas pela sua postura e asseio.

Hoje a situação em nada lembra o passado. No lugar de discursos que exaltem o magistério, vemos notícias que atestam a crescente desvalorização da profissão e o adoecimento desta categoria, como as doenças mencionadas na introdução deste estudo. O trabalho do magistério parece não produzir mais as glórias de outras épocas, pelo contrário, parece que produz sofrimento físico e mental. É sobre isso que falam as professoras que fomos ouvir.

Que prova a história das ideias senão que a produção espiritual se reconfigura com a da material? (Marx & Engels, 1848).

4 HOJE, O QUE DIZEM AS PROFESSORAS

Antigamente o professor tinha muito prestígio: “Olha, ele é um professor!”, “Ela é uma professora!”. Hoje em dia isso não acontece mais, se acontece é assim, pouquíssimo. Hoje em dia o prestígio acabou, eu penso que acabou mesmo (Fala da professora Bianca).

Neste capítulo pretendemos discutir a percepção e as opiniões de professoras sobre o trabalho docente. O material coletado por meio das entrevistas é bastante rico e não será esgotado nesta pesquisa. Optamos, neste momento, em destacar aqueles elementos que são, em sua maioria, comuns a todas elas.

Os discursos que ouvimos dizem respeito a vivências particulares de cada uma das entrevistadas, mas também dizem respeito a vivências de uma classe. Insatisfação com as condições de trabalho, pressão para alcançar resultados e atingir metas, não autorrealização e adoecimento foram algumas das questões evidenciadas pelas professoras em suas falas. Alves (2013) constatou questões semelhantes a essas nos depoimentos de professoras da cidade de Marília, no Estado de São Paulo, assim como fez antes Patto (1987), após sua experiência com as professoras da escola municipal do Jardim Felicidade, na cidade de São Paulo, entre os anos de 1983 e 1984.

Diante disso, nós nos perguntamos: o que une esses discursos de professoras de cidades e períodos diferentes? O que os faz ser tão semelhantes?

Na tentativa de encontrar respostas ou, pelo menos, levantar algumas hipóteses, elencamos como ponto de partida o entendimento de que a profissão das professoras em questão é exercida no ensino público, que por sua vez, se consolida como tal a partir das demandas da sociedade capitalista.

Vimos nos capítulos anteriores que o ensino público se universalizou para atender a necessidades da sociedade burguesa do século XIX, que precisava conter as ameaças decorrentes das lutas de classes - o que foi feito através da educação moral -, e que, com a crescente industrialização, precisava cada vez mais de mão de obra especializada. A universalização da escola demandava professores. A urbanização e as mudanças na organização familiar e nas relações sociais, decorrentes da mudança do modo de produção da vida material, deram à mulher mais visibilidade. Ela passou a ser convocada a exercer o papel

de esposa, mãe e professora devido a características ditas “naturais”, que correspondiam ao projeto da educação moral.

Louro (2004) narra como os discursos sobre a educação e seus atores, no Brasil, foram mudando ao longo dos anos. No início do século XX as professoras eram conhecidas como *normalistas* ou *professorinhas*, talvez por serem jovens e recém-formadas, e porque, de acordo com os “pressupostos pedagógicos do momento, deveriam ser menos severas e mais sorridentes” (p. 471). Nesse período, além de ser valorizado, o magistério era o mais elevado nível de estudos que poderia ser alcançado por uma mulher, por isso muitas o cursavam mesmo não pretendendo ser professora.

Já nos anos de 1930 e 1940, quando o discurso científico, sobretudo as teorias psicológicas¹² e sociológicas, ganharam terreno no campo pedagógico, o caráter da atividade docente se ampliou. A professora passou a ser a *educadora*, que mais que instruir a criança, era responsável por educá-la, corrigindo aquelas tidas como “desviantes” ou “inadaptadas”. Aqui é importante ressaltar que não foi o discurso científico que determinou essas práticas, pelo contrário, ele vem para legitimá-las.

Segundo Louro (2004), nas décadas de 60 e 70 do século XX começou a ecoar mais forte o discurso do *profissionalismo* do ensino. Nesse período o país vivia os anos mais severos do regime militar, por isso as ações dos professores e todo o processo de ensino-aprendizagem passaram a ser regulados segundo essa ordem. Tudo isso resultou na “[...] ênfase do caráter profissional da atividade docente, o que é feito relegando o afeto, a espontaneidade a informalidade nas relações intraescolares a uma posição secundária” (Louro, 2004, p. 472). A figura da educadora associada à mãe é substituída por outra: a de *profissional do ensino*, e conseqüentemente, as habilidades valorizadas nas pessoas que trabalhavam com o magistério também passaram a ser outras:

Agora caía sobre eles uma avalanche de tarefas burocráticas, exigindo-lhes uma ocupação bastante intensa com atividades de ordem administrativa e de controle; determinava-se, também, que sua ação didática se tornasse mais técnica, eficiente e produtiva (Louro, 2004, p. 473).

¹² Patto (1987, p. 477) afirma que a Psicologia, a partir da terceira década do século XX, passou a se “configurar no país como uma prática de diagnóstico e tratamento de desvios psíquicos”. Essas práticas naturalizavam as diferenças entre os indivíduos, responsabilizando-os pelo seu sucesso ou fracasso e justificando assim as diferenças sociais.

Essa profissionalização do ensino acarretou, segundo Louro (2004), um processo de “proletarização do trabalho docente”, expressa na queda dos salários - que já eram baixos - e na aproximação do exercício do trabalho docente com o do trabalho fabril, devido ao controle de produtividade e separação entre os que decidem e os que executam. Assim, muitos *trabalhadores e trabalhadoras da educação* passam a lutar por melhores condições de trabalho e salário, já que, cada vez mais, a sobrevivência familiar dependia do salário das mulheres. Diante disso, é possível perceber um grande abismo entre a *normalista* de outrora e a *trabalhadora da educação*.

Esse retrospecto justifica-se porque, como afirma Louro (2004, p. 477-478), “[...] as mulheres que estão na escola hoje se constituem, portanto, não somente pelas e nas práticas cotidianas imediatas, mas também por todas as histórias que as atravessaram”; histórias que não escaparam às determinações materiais de cada período - todos eles compreendidos na vigência de um sistema regido pelo capital -, assim como não escapam as histórias relatadas a nós pelas professoras entrevistadas.

Voltemos então às entrevistas. No início deste capítulo exemplificamos algumas das questões que foram expressas nos discursos das professoras entrevistadas. De uma forma ou de outra, por motivos semelhantes ou diversos, todas narraram as dificuldades que encontram no exercício de sua profissão. Algumas se dizem “tristes”, “desmotivadas” e outras afirmam ter adoecido em decorrência dessas dificuldades.

Bianca, por exemplo, é uma professora graduada em Letras. Para ela, trabalhar com a disciplina de inglês é “bem prazeroso”; contudo, em decorrência de algumas mudanças propostas pela Secretaria da Educação, a disciplina de inglês passou a fazer parte apenas da grade curricular dos quartos e quintos anos. Para completar sua carga horária, a professora precisou assumir outras disciplinas, como artes e psicomotricidade, sobre as quais ela diz não ter experiência teórica nem prática. Para Bianca, seu desempenho e entusiasmo são diferentes nos dias em que ela trabalha com inglês e nos dias em que trabalha com outras disciplinas:

Eu fico muito ansiosa nesses dias, que eu percebo. E por não trabalhar o inglês eu já fico um pouco mais triste, sabe? Eu fico sim, no fundo, no fundo eu fico. Eu sei que faz parte da minha formação, do concurso que eu fiz e eu tenho que trabalhar com isso. Se tirarem o inglês, poxa, eu sei que o concurso não estava lá “professora de língua inglesa”, mas eu trabalho triste.

Esse discurso nos remete ao que Marx (1979) chama de trabalho alienado. Para ele, a alienação se constitui no fato de o trabalho ser externo ao trabalhador, ou seja, não fazer parte de sua natureza. Disso deriva o fato de ele “[...] não se realizar em seu trabalho, mas negar a si mesmo, ter um sentimento de sofrimento em vez de bem-estar, não desenvolver livremente suas energias mentais e físicas mas ficar fisicamente exausto e mentalmente deprimido” (Marx, 1979, p. 93). Trata-se, portanto, de um trabalho imposto, forçado, uma vez que se constitui em um meio para a satisfação de necessidades - um meio de sobrevivência - e não seu fim. Alienado do produto do trabalho, o homem se torna também alienado do próprio processo de trabalho. Escreve Marx (1979, p. 94):

Essa é a relação do trabalhador com sua própria atividade como algo estranho e não pertencente a ele mesmo, atividade como sofrimento (passividade), vigor como impotência, criação como emasculação, a energia física e mental pessoal do trabalhador, sua vida pessoal (pois o que é a vida senão atividade?) como uma atividade voltada contra ele mesmo, independente dele e não pertencente a ele.

A professora Sandra evidencia em sua fala quanto sofrimento o trabalho docente tem produzido em seus colegas de trabalho:

Olha, você pode ver pelas pesquisas como tem professor doente, professor afastado. A gente, ali na salinha do professor, vê no desabafo mesmo dos professores. A gente desabafa, até um pouco é isso também que ajuda, porque a gente se desafoga naquela salinha com os outros e isso acaba ajudando, passando nossas angústias de um pro outro, desabafando. A gente percebe nesses desabafos, no desânimo muitas vezes de trabalhar. A gente tem professor aqui que a hora que tem que ir pra sala está assim, muito estressado, muito angustiado, não está afim, é uma recusa interna assim, sabe? No dia a dia a gente vai vendo professores passar por isso, por aquilo, é esse o ambiente que a gente vive, um pouco frustrante, não é?

Para a professora Irene, que dá aulas há vinte e cinco anos, os salários baixos e a carga horária extensa são algumas das causas do aumento de casos de afastamento de professores por motivos de saúde. Ela explica:

Se ele (o professor) tivesse um salário mais digno, melhor, ele poderia ter menos horas, porque 40 horas semanais não é fácil não. Eu vejo assim, eu trabalho como regente de manhã, a tarde eu trabalho projetos, aí você tem que dar conta das aulas prontas, preparadas, vai em uma sala, saí, vai em outra. Aí você chega em casa com esse calor... eu tenho que chegar, tirar a calça que está apertando, tomar um banho, vestir uma outra roupa, tomar um suco, deitar e descansar. E é um *stress* muito grande.

Antunes (2011, p. 110) afirma: “[...] desde o advento do capitalismo, a redução da jornada de trabalho mostra-se central na ação dos trabalhadores, *condição preliminar* para uma vida emancipada” [itálicos do autor]; contudo, segundo ele, falar em redução da *jornada* de trabalho não é o mesmo que falar em redução de *tempo* de trabalho, pois a redução da jornada de trabalho pode acarretar o aumento da intensidade das operações que precisam ser realizadas. Vejamos um exemplo:

Esse ano é um ano novo pra nós. Até o ano passado eu era responsável por História, Ciências, Geografia, Português e Matemática. Esse ano não, esse ano estou responsável por Português, Matemática e Artes. Então esse ano já diminuiu um pouco os meus compromissos. São três disciplinas com notas a menos. Então eu penso que esse ano vai dar uma amenizada na situação. Em compensação, aumentou a carga horária do PNAIC¹³ (risos), que vão ser dois dias na semana. Então, à noite eu vou pro curso mesmo assim. [...] Mas eu acredito que esse ano nós vamos ter uma grande melhora por conta das disciplinas terem diminuído. Mas isso eu digo como regente 1, porque como regente 2 eu estou até aqui de novo, porque são quatro turmas, três disciplinas por turma, sendo essas que eu tenho que aplicar prova, em quatro turmas, três disciplinas. Quantas avaliações não são? Pra eu corrigir, pra eu passar nota, tudo isso. Mesmo assim, como regente 2 eu vou estar cheia de trabalho. Mas não sei como poderia mudar isso (risos). Aumentar a minha carga de trabalho não! (risos) (Fala da professora Tereza).

¹³ O PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa), segundo o MEC, é um compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do Ensino Fundamental.

A maioria delas, além de trabalhar 40 horas semanais nas escolas, queixam-se do trabalho que precisam levar para casa. Ocupando-se desse trabalho no espaço doméstico, elas não encontram tempo para o lazer e para fazer o que gostam, como fala a professora Tereza:

Esses dias eu ainda estava comentando em casa sobre isso. Eu acho que o professor é um dos únicos que leva todo o trabalho pra casa. Eu chego em casa, eu não tenho tempo pra limpar minha casa. Dia de semana eu não tenho tempo pra isso, porque eu sempre levo atividades pra fazer em casa, eu levo decoração de sala que ainda não está pronta, etc. Várias coisas eu tenho levado pra casa, porque eu tenho que dar conta disso. Então eu penso que o professor não trabalha só dentro da escola, ele trabalha fora. É corrido, fim de semana sempre tem alguma coisa pra fazer. Quando não é fazer avaliação, preparar avaliação, fazer parecer, muitos documentos pra preencher. Então, eu penso que é por isso. Eu não estou tendo tempo pro meu lazer, eu não estou tendo tempo pra minha família, pra fazer coisas que eu gosto.

Sobre isso, Antunes (2011, p. 112) alerta para o fato de que, na sociedade atual, o trabalho assalariado torna-se incompatível com o “tempo (verdadeiramente) livre”. Como o sistema global do capital alcança também as esferas da *vida fora do trabalho*, “[...] uma vida desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho”. Antunes e Alves (2004, p. 349) explicam que a vida fora do trabalho também acaba sendo “poluída” por “fetichizações” e “reificações” que permeiam o mundo do trabalho. Por isso, nem o que chamamos de lazer escapa a essa relação, já que o “tempo livre” acaba sendo gasto com o “consumo de mercadorias, materiais ou imateriais, também em enorme medida estruturado pelo capital”.

As entrevistas não nos dão muitas pistas sobre como as professoras ocupam seu “tempo livre”, mesmo porque elas enfatizam a falta desse tempo. A professora Rosa, assim como outras entrevistadas, relaciona a sobrecarga de trabalho ao adoecimento do professor:

Por isso eu acho que o índice de ansiedade é muito grande. Ou, se não, você leva tudo pra casa. Aí chega na sua casa você tem marido, filhos, trabalho, tudo na sua casa, junto. Então eu acho que a profissão de professor, professora aumenta esse índice de doença? Aumenta. Porque tem professor que não consegue, ele quer manter a sala dele arrumada, então ele se sobrecarrega, leva pra casa, ele quer fazer. E tem gente que não liga. Melhor também, que daí a gente não adocece (risos). Não liga e vai fazendo como

pode. Porque todo mundo tem marido, tem filho, tem casa, tem tudo, então a gente vai levando. Não tem como fazer, então vai gerar isso.

Ao longo da entrevista a professora Rosa nos relata situações em que a sobrecarga de trabalho decorre da burocratização de seu trabalho e das cobranças e pressões por resultados por parte das instâncias hierarquicamente superiores (direção da escola e Secretaria da Educação, por exemplo). Tudo isso, em sua opinião, está relacionado ao adoecimento do professor. Vejamos algumas dessas situações:

Tem uma cobrança, porque o livro didático já vem de cima. Tem uma cobrança. Eu tenho alunos no 1º ano que não sabem escrever o primeiro nome, mas os livros já vêm pra ele ler e ele tem que ler, ou o professor tem que ler. Aí no 2º ano, no 1º bimestre do 2º ano, ele faz a tal Provinha Brasil, entre aspas, que ele tem que fazer sozinho. Então o aluno que não chegou até o final do ano, com essa idade cronológica que eu falei, que ainda não leu, que ainda está iniciando, não está totalmente cru; não é que não sabe nada, ele sabe, só que ainda não está totalmente preparado, redondinho, como eu disse: lendo, escrevendo, interpretando. Ele vai fazer essa prova? Ele não vai fazer essa prova, ele vai ter dificuldade, porque no 1º ano o professor lê estorinha, o professor lê tudo pra ele fazer. Lá ele só pega a prova e faz. Sozinho ele não vai conseguir. Esse índice vai relatar lá na Secretaria, esse índice vai relatar pra lá, aí vem aquela cobrança no professor.

E continua:

Ah, igual ansiedade, você fica ansiosa, porque você tem um cronograma, você chega no começo do ano, você tem reuniões pedagógicas, tanto da Secretaria quanto na escola. Eles te dão um cronograma que você sabe que tem que seguir, tem bimestres pra cumprir, dias letivos, conteúdos pra cumprir nesses bimestres. Só que os alunos não sabem disso. E mesmo que você passe, eles não... Você tem o bimestre, então chegou no final de março você tem aquele objetivo, você tem que terminar o bimestre, você tem que avaliar o aluno, você tem que dar aquele conteúdo pro aluno não ficar até o final do ano sem aquele conteúdo. Daí você começa a dar um conteúdo, a sala ainda não está preparada, aí você tem que voltar, só que o tempo não é suficiente pra eles. Nesse meio tempo você tem curso, você tem escovação de dente pra fazer nos

alunos, você tem que levar os alunos no dentista, você tem que levar no laboratório, você tem que ir não sei aonde, tem que ir não sei aonde. Aí você vê que a sua semana não rendeu. Você saiu da aula, você fez isso, fez aquilo, então não rendeu. Os alunos não aprenderam. Você tem que aplicar prova, e você está com ciência que você está aplicando prova e que os alunos não estão preparados, que eles não vão... Então essa ansiedade vai aumentar, com certeza, você vai ficar ansiosa, vai ficar nervosa. Aí você vai ficar nervosa com tudo.

Alice evidencia quanto as cobranças e pressões afetam a saúde do professor e relata o seu caso como exemplo:

Quando vai chegando o 3º bimestre começa a me dar insônia, sabe? A gente começa a ficar preocupada com as crianças: “Será que vai conseguir, será que não vai?”. Aí tem uns que a gente está apostando neles, de repente, a gente se decepciona, porque dá uma travada, sabe? Eu acho que, inconscientemente, a gente fica abalada com aquilo ali, a gente não quer ficar, mas acaba ficando. Então eu começo a ter insônia. Aí eu trato com o neurologista, eu tenho que tomar esse remédio. Bom, eu não tenho depressão, só que quando eu vou comprar o remédio o farmacêutico fala que é remédio pra depressão, o Dr. Ivan fala que... como é que é? Que é pra ansiedade. Ele falou pra mim que muitos, muitos professores tomam e que muitos colegas dele tratam isso daí. Então as colegas não contam, eu mesmo não conto.

Questões como essas, de casos em que a preocupação com os números e com assuntos administrativos acabam sobrepondo-se ao trabalho do professor com o aluno, refletem, segundo Patto (1987), a burocracia da vida cotidiana nas sociedades capitalistas. Afirma ela:

Reprodução ampliada das condições de produção dominantes na sociedade que as incluem, as relações hierárquicas de poder, a segmentação e a burocratização do trabalho pedagógico, marcas registradas do sistema público de ensino elementar, criam condições institucionais para a adesão dos educadores à singularidade, a uma prática motivada acima de tudo por interesses particulares, a um comportamento caracterizado pelo descompromisso social (Patto, 1987, p. 343-344).

Diante disso, Patto (1987, p. 376) afirma que os discursos que apontam os professores como “incompetentes”, ou dizem que eles “não querem saber de nada”, responsabilizando-os pela ineficiência da escola, são equivocados, porque a lógica do sistema leva esses professores, como que por “estratégias de sobrevivência”, ao desenvolvimento de práticas voltadas para seus interesses próprios. Voltemos ao depoimento da professora Rosa, que diz: “Tem gente que não liga. Melhor também, que daí a gente não adocece (risos). Não liga e vai fazendo como pode”. É como se elas se encontrassem em uma situação em que precisassem escolher entre elas e os alunos:

Você está vendo que os alunos precisam de um apoio, de um auxílio, e não têm, porque jogam as coisas pra gente, cursos e outras coisas que você tem que dar conta, preencher isso, preencher aquilo, mas não te dão tempo (Professora Rosa).

Essas questões e exemplos que estamos levantando apontam para o que Alves (2013, p. 179) afirma ser a “precarização do trabalho”, que tem, segundo ele, duas dimensões: a precarização salarial e a precarização do *homem-que-trabalha*¹⁴. A primeira delas diz respeito à precarização das condições de trabalho e do salário. Para ele, isso se deve às

[...] mudanças na organização da produção com a implementação do novo arcabouço tecnológico informacional e novo método de gestão de cariz flexível que contribui para a intensificação das rotinas de trabalho e reforça o controle e envolvimento do trabalho vivo no processo produtivo do capital (Alves, 2013, p. 179).

A *precarização do homem-que-trabalha*, por sua vez, está relacionada à precarização do homem enquanto ser genérico, devido às condições de exploração da sua força de trabalho. Alves (2013, p. 178) explica: “Nesse caso, a precarização do *homem-que-trabalha* ocorre no plano da subjetividade humana, reverberando-se em desequilíbrios metabólicos das individualidades pessoais de classe que conduzem, no limite, no caso de singularidades pessoais, às situações de adoecimento” [itálico do autor].

A professora Alice ilustra essa questão ao falar sobre os problemas de saúde decorrentes da prática docente:

¹⁴ A expressão ‘homem-que-trabalha’, segundo Alves (2013), é utilizada por Georg Lukács para se referir ao homem como ser genérico, pertencente à espécie humana, por isso, ao utilizar a palavra ‘homem’, compreender o homem e a mulher.

Porque eu acho que vai virando aquela bola de neve, sabe? Uma coisa vai levando a outra. Falta profissional na área, porque se tivessem mais profissionais pra trabalhar com a gente, não sobrecarregaria muito o professor, sabe? E acaba dando... uma hora vai estourar! A minha ex-diretora falava assim: “Alguma coisa vai estourar no nosso corpo”, porque não adianta, a gente tem que ser profissional? É, mas tem a hora da gente sair do portão pra fora e dar uma esquecida. E geralmente, a gente, professor, não deixa, entende? Às vezes você acha que se você viajar é que você vai conseguir descansar e às vezes é, mas nem sempre a gente pode viajar. Então, às vezes a gente sai daqui com a cabecinha assim... Então dá mesmo. Uma que eu sei que dá é hipertensão e esse negócio de ansiedade aqui. Até tem um nome isso aqui... transtorno de ansiedade que dá aquela ansiedade que a pessoa não dorme? Insônia... dá insônia. Eu sei que isso dá muito. Aqui tem professores que têm problemas de músculo, dos nervos... Quando sai de férias não dói, não sente nada, então a gente sabe que é tensão do trabalho.

A professora Sandra, por sua vez, exemplifica essa relação ao falar sobre a possibilidade de aumento de salário:

Ah, eu acho que melhoraria sim. Já é um incentivo, porque eu não trabalho por hobby também, eu dependo disso. Melhoraria porque você tem condições de melhorar a sua qualidade de vida com um salário melhor, já ajudaria. Mas precisa muito mais, muito, muito, muito mais. Ninguém tem noção do que se passa em uma sala de aula, com pressão de pais, com pressão de aluno, com pressão de todo mundo da sociedade. Tem que melhorar muito isso. A própria comunidade, o próprio aluno tinha que valorizar mais o professor, não sei de que maneira.

Por tudo que fazem na escola, as professoras entrevistadas reclamam por maior respeito em relação à sua profissão. É também da professora Sandra a seguinte fala:

Quem está aqui dentro sabe o que um professor tem que fazer, principalmente professor primário. O que a gente faz dentro de uma escola! Pra certas crianças a gente é tudo, é o pai, a mãe, o psicólogo, o enfermeiro que cuida, tudo! A gente faz praticamente tudo. Eu também trabalho com escola integral, eu fico o dia todo na

escola e tem algumas crianças que eu fico o dia todo com elas. A gente vê que faz de tudo. Tem que fazer de tudo um pouco. Muitas vezes, pelo que a gente faz dentro de uma escola, a profissão está muito desvalorizada, em termos financeiros, em termos de condições de trabalho, qualidade de vida, tudo.

Sandra não é a única a falar sobre a desvalorização da profissão. Vejamos outros exemplos:

Então, hoje eu acho que não há uma valorização do professor, não só por conta do governo, do estado, do município, das autoridades, mas também pelos pais, porque os pais não estão dando importância ao que o professor está fazendo pelos filhos deles (Fala da professora Tereza).

Ou ainda, como mencionamos na epígrafe:

Antigamente o professor tinha muito prestígio: “Olha, ele é um professor!”, “Ela é uma professora!”. Hoje em dia isso não acontece mais, se acontece é assim, pouquíssimo. Hoje em dia o prestígio acabou, eu penso que acabou mesmo (fala da professora Bianca).

Ao dizer “antigamente o professor tinha muito prestígio”, Bianca nos remete ao que buscamos apresentar no segundo capítulo. Ela não é a única que faz comparações entre o magistério de agora e o de outros tempos. As professoras que iniciaram sua carreira há mais de vinte anos atestam a mudança. A professora Alice, por exemplo, diz que quando começou a carreira, o respeito dos pais e dos alunos para com ela eram maiores. A professora Irene afirma que no início sua profissão parecia ser mais valorizada e que tem hoje “ideias e ideias em relação a como o professor é visto, por parte de profissionais colegas, por parte dos pais e até as demais autoridades que também formam o esquadrão da educação”.

Se tomarmos os discursos sobre as professoras do início do século XX e os discursos que são feitos sobre elas nos dias atuais, certamente notaremos muita diferença. Já mencionamos neste trabalho algumas pesquisas e reportagens que alertam para os problemas que os professores têm enfrentado, inclusive utilizamos algumas durante as entrevistas que

denunciavam a violência nas escolas e o aumento de casos de afastamento por problemas de saúde decorrentes do trabalho.

Pode-se perguntar aqui: será que o fato de esses discursos serem diferentes quer dizer que remetem a formas diferentes de trabalho? A resposta é negativa, se entendermos que a profissão docente se expande a partir da universalização da escola pública e que ambas tinham como função a reprodução social do sistema capitalista. Sendo assim, o fato de, décadas atrás, como vimos no capítulo segundo, o trabalho docente ter sido mais valorizado que hoje, conforme a queixa de nossas entrevistadas, não quer dizer que ele não correspondesse a um trabalho alienado, ou seja, uma prática atrelada à reprodução da ordem social vigente, atenta às suas necessidades.

Para Tonet (2012, p. 32), é o trabalho que está em crise e, sendo ele o “fundamento ontológico do ser social”, as dimensões sociais que se desenvolvem a partir dele não escapam a essa crise. Na educação, seus impactos podem ser notados de diferentes maneiras: em primeiro lugar,

[...] revelando a inadequação da forma anterior da educação frente às exigências do novo padrão de produção e das novas relações sociais; constatando que as teorias, os métodos, as formas, os conteúdos, as técnicas, as políticas educacionais anteriores já não permitem preparar os indivíduos para a nova realidade. Em segundo lugar, levando à busca, em todos os aspectos, de alternativas para esta situação. Em terceiro lugar, imprimindo a esta atividade, de modo cada vez mais forte, um caráter mercantil. Isto acontece porque, como consequência direta de sua crise, o capital precisa apoderar-se, de modo cada vez mais intenso, de novas áreas para investir. A educação é uma delas (Tonet, 2012, p. 32).

As crises que o capitalismo enfrenta têm raiz nos problemas que decorrem do processo de acumulação do capital, conforme afirma Tonet (2009). Para ele, essa raiz é material e não espiritual, portanto não pode ser justificada pela ideia de que “o mundo está em crise por causa da perda dos ‘verdadeiros’ valores tradicionais” (Tonet, 2009, p. 1). Algumas das professoras entrevistadas, por exemplo, buscam justificativas dessa ordem para explicar os problemas que enfrentam na escola. Para elas, a mudança na estrutura familiar e nos seus hábitos tem provocado situações de desgaste na escola.

Agora, quando é aquela criança que a mãe não dá atenção, a família é desestruturada, às vezes mora só com o pai, mora só com a mãe... Antigamente não tinha muita separação, quando eu comecei. Hoje tem muita... como diz meu pai, é “lambança”, sabe? A mãe está grávida de um, vai morar com o outro, aí junta. Aí ela fala assim: “Minha mãe vai casar com um homem que tem outra mulher, que também tem uma filha...”. Aí você tem que tomar muito cuidado com o que fala, não é? Depois de muita separação também... aí que vêm os problemas. Tem crianças que vêm pra escola e, às vezes, a direção não sabe pra quem vai entregar, se pode entregar pro pai... Existem casos horríveis, sabe? Tudo envolve a família, tudo envolve a estrutura, acaba pegando, não tem como (fala da professora Alice).

E ainda:

Então, se os pais não têm tempo e esse filho for ficar jogado numa escola, o dia inteiro, ou com uma avó, com uma tia, ou com uma vizinha, e à noite você sabe que vai chegar cansado, você não vai ter tempo pra esse filho: ou você trabalha num trabalho que não te exija tanto, ou você para de trabalhar pra você educar seu filho. A escola tem a parcela dela, ela não pode se descomprometer com esse aluno, ela tem que transmitir o conhecimento pra esse aluno, ensinar, mas os valores vêm de casa, não é? Então, infelizmente, eu vejo que o culpado maior é a família, que não está dando esse valor. E isso compromete muito o trabalho [...] (fala da professora Joana).

A mudança na estrutura familiar não é assunto novo neste trabalho. No capítulo segundo fizemos alguns apontamentos com o objetivo de elucidar a relação entre a transição da família patriarcal para a família nuclear com as transformações que ocorriam nas bases materiais da sociedade.

Ao dizer que a raiz dessa crise da qual estamos falando está na forma de os homens se relacionarem para produzir a vida material, Tonet (2009, p. 1) afirma que “[...] há uma relação de determinação recíproca entre essa raiz e outras dimensões da realidade social. Do mesmo modo, também há uma influência recíproca entre todas as dimensões que compõem a totalidade social”. Neste sentido, a mudança na estrutura familiar ou nos seus hábitos e costumes não pode ser tomada como a causadora dos problemas enfrentados pelos professores no exercício de sua profissão nos dias de hoje, já que a família, assim como a escola, é afetada pela crise do capital, embora seja verdade também que elas “[...] retornam sobre a crise

material estabelecendo-se um processo reflexivo em que todas elas interferem tanto na matriz como entre si” (Tonet, 2009, p. 2).

A crise atual que o capital vem sofrendo, diferentemente de outras, tem alcançado uma dimensão muito maior. Segundo Tonet (2009), trata-se de uma crise global, e devido à mundialização do capital, não pode ser deslocada dos países centrais para os periféricos. Por esse motivo é que ela tem atingido as estruturas mais profundas dessa organização social. Se o que interessa ao capital é o aumento da taxa lucro, quanto mais problemas os capitalistas encontram para chegar a esse objetivo, mais a crise se prolonga. Na tentativa de reverter o quadro, o capitalismo recorre a todos os meios possíveis. Tonet (2009, p. 1-2) afirma:

Isso deu origem, na atualidade, à chamada reestruturação produtiva e ao neoliberalismo. Esses se caracterizam, essencialmente, por profundas mudanças na forma de produção, com a precípua finalidade de retomar o aumento da taxa de lucro e pela afirmação, com todas as suas consequências, de que dever-se-ia deixar ao mercado a responsabilidade pelo equacionamento dos problemas da humanidade. O Estado não deixaria de ter importância, mas seu papel seria apenas subsidiário.

Quando, na década de 1970, essa crise se acentuou, a saída encontrada para aumentar as taxas de lucro foi a “intensificação da exploração dos trabalhadores”. Para Antunes (2011), nas últimas décadas o capitalismo contemporâneo tem intensificado sua lógica destrutiva, devido às configurações que tem assumido; e as consequências são graves, não só em relação à destruição e/ou precarização do trabalho humano, mas quanto à degradação do meio ambiente. Tem-se assim, segundo o autor, a expressão mais profunda da crise contemporânea: uma aguda destrutividade.

Sabendo disso, voltamos à pergunta que fizemos no início deste capítulo: o que une esses discursos de professoras de cidades e períodos diferentes? O que os faz tão semelhantes? Para nós, a resposta aponta para o fato de que os discursos apresentados expressam a precarização do trabalho em tempo de crise do capital. Isso significa dizer que eles não dizem respeito apenas às vivências daquelas professoras entrevistadas, nem estão restritos à classe dos professores, mas são expressões comuns à classe trabalhadora, que compreende todos aqueles que vendem sua força de trabalho em troca de um salário.

As falas nostálgicas das professoras que relembram os tempos de outrora, nos fazem lembrar o poeta Vinícius de Moraes e tudo parece ter mudado “de repente, não mais que de

repente”, mas tanto os discursos, quanto as experiências vivenciadas na prática do magistério acompanham o movimento da história, ou seja, não se fez “mais que de repente”.

5 E O PRANTO TOMOU LUGAR DO RISO

Olha, o professor não está mais “botando fé” na própria profissão. Ele está “entregando os pontos”, digamos assim. Ele perdeu a esperança na profissão dele... perdeu! Ele acha que não vai ter solução. E muitos se afastam ou se aposentam antes da hora ou desistem da profissão porque não... Eu penso que eles perderam o estímulo, perderam a esperança de mudança, não tem mais aquela essência... então eles preferem se afastar. Tanto o professor não acredita mais no potencial dele, mas também, diante da sociedade que ele vive hoje! Ele pode até olhar e falar: “não, eu vou conseguir!”, mas aí ele olha o tipo de cliente que ele está tendo, o tipo de aluno que está frequentando, é cada vez pior que ele não tem ânimo. Então ele prefere tomar um remédio e assumir a depressão dele. Assumir que realmente tem problema... Hoje a nossa classe, a maioria, toma remédio pra aguentar ficar (Fala da professora Joana).

Apresentamos, ao longo do trabalho, discursos de alguns médicos higienistas e intelectuais do início do século XX, enaltecendo a figura da professora, tão valorizada. As fotos que ilustram essa pesquisa também ajudam a compor a imagem da normalista. A mulher, educadora de seus filhos e dos filhos da Nação, deveria preparar as crianças para serem homens capazes de fazer o país progredir. Era a ordem do dia.

Em nossos dias um discurso diferente foi apresentado pelas professoras entrevistadas neste estudo: no lugar do prestígio, a desvalorização: no lugar do riso, presente no imaginário das jovens normalistas dos idos de 1900, o pranto de professoras que têm adoecido na profissão em nossos dias.

O fato de termos tomado como exemplo alguns discursos do início e de meados do século XX, no intuito de evidenciar a construção de um novo entendimento sobre a mulher e sua profissionalização, não significa que eles não possam ser encontrados nos dias de hoje. A título de exemplo, temos o discurso de reeleição Presidente da República Dilma Rousseff ao anunciar o novo lema de seu governo: “Brasil, pátria educadora”. Em sua fala, a presidente afirmou, dentre outras coisas, que “só a educação liberta um povo e lhe abre as portas para um futuro prospero” (Portal Brasil, 2015), defendendo a qualificação de todos os níveis de ensino, para todos os segmentos da população. O discurso proferido pela Presidente da República, em muito lembra os discursos de autoridades já apresentados neste trabalho.

Contudo, quando tomamos para análise apenas os discursos, os de ontem e os de hoje, à primeira vista pensamos estar falando de dois diferentes tipos de trabalho, porém o caminho que percorremos ao longo da pesquisa nos aponta um outro sentido.

Tanto os discursos dos médicos e intelectuais de outrora quanto os das professoras entrevistadas neste estudo foram construídos a partir de determinadas condições materiais. Da mesma forma, a profissão docente se desenvolve para atender às necessidades da ordem social vigente, regida pelo capital. Nesse sentido, independentemente dos discursos que foram produzidos sobre o trabalho docente ao longo dos anos, a atividade docente foi e é uma atividade que expressa “[...] uma relação social fundada na propriedade privada, no capital e no dinheiro”, o que, segundo Antunes (2013, p. 9), caracteriza um trabalho alienado. Dessa forma, entendemos a prática docente como uma prática alienante porque ela tem função de reprodução social, ou seja, da manutenção do *status quo*.

Vimos que a universalização do ensino público foi defendida num período em que as contradições do sistema capitalista se tornaram bastante visíveis. Era necessário, por isso, manter a ordem para que o sistema não fosse ameaçado. O apelo à moral foi o caminho encontrado, e para conduzir os alunos por esse caminho, a mulher era (ou é?) considerada “naturalmente” propensa ao papel de educadora.

Se antes a escola foi criada para mediar contradições, hoje essas contradições são visíveis na própria escola. É só tomarmos os dados do IDEB, apresentados no início desse trabalho, para constatar que o acesso à escola não significa necessariamente o acesso a um ensino de qualidade.

Afirma Boarini (2013, p. 128): “A defasagem do ensino no período inicial e médio da escolarização, sobretudo na rede pública de ensino, parece esvanecer seu significado formativo”. É voz corrente que é necessário ir à escola para conseguir a ascensão social e econômica, ou para ingressar nas universidades públicas, por exemplo; mas essas promessas também não se cumprem, basta ver a concorrência nos vestibulares dessas universidades; ou ainda, os salários milionários de alguns jogadores de futebol que sequer concluíram o ensino médio e que, como afirma Jardim (2014) em uma revista de grande circulação no Brasil, “[...] são fora da realidade de qualquer trabalhador do país”. A ascensão social e econômica prometida pela escola cai em descrédito diante de exemplos como esses.

Como já apontamos neste trabalho, Nagel (2002, p. 1) afirma que “[...] de tempos em tempos, a interrogação sobre qual é a função da escola volta a assombrar os educadores”. Isto se deve ao fato de que a escola parece não acompanhar a sociedade que a criou. Se antes, por

exemplo, o professor era a ponte entre a ciência e o aluno, hoje essa ciência pode chegar a ele de outra maneira.

Temos como exemplo as noções de higiene que precisavam ser difundidas no início do século XX, para prevenir muitas das doenças que vinham assolando a população naquela época. Hoje, em geral, essas noções já se difundiram e são incorporadas aos hábitos pessoais de higiene desde cedo. A internet e a televisão aparecem também como ferramentas para o alcance de informações que antes só poderiam ser transmitidas na escola. Segundo Weinberg e Butti (2013), universidades renomadas de diversos países estão oferecendo diferentes tipos de cursos que podem ser feitos pela internet, por meio de “aulas globais” que conectam alunos do mundo todo.

O avanço tecnológico vai transformando o modo de as pessoas se relacionarem, e a escola, em descompasso com essas transformações, vai se tornando “[...] cada vez mais anacrônica e incompetente para cumprir sua função social”, como afirma Boarini (2013, p.128). Vale retomar Tonet (2012) quando afirma que, estando o trabalho em crise, as dimensões sociais que derivam dele não se mantêm imunes. No caso da educação, isso se nota através da inadequação da escola às exigências das novas relações sociais e do padrão de produção, uma vez que “[...] as teorias, os métodos, as formas, os conteúdos, as técnicas, as políticas educacionais anteriores já não permitem preparar os indivíduos para a nova realidade” (Tonet, 2012, p. 32). Isso parece refletir no desabafo da professora Joana, que diz: “O professor não está mais ‘botando fé’ no trabalho dele, está ‘entregando os pontos’ [...]”.

Ao final deste trabalho, entendemos que falamos de uma crise que não é exclusiva da escola, do trabalho docente, tampouco da família, como sinalizaram as professoras. Se o que se pensa e o que se fala sobre a profissão docente hoje difere do que se dizia no início do século XX, é porque o mundo do trabalho tem sofrido alterações.

Falar em crise da organização social capitalista não é uma novidade, a história comprova isso. No prefácio a “A situação da Classe Operária na Inglaterra”, Engels (1892, p. 219) alertava para as repetições dos períodos de crise, que se davam de dez em dez anos, chegando a ser consideradas como “fenômenos naturais e inevitáveis”; porém hoje nos deparamos com uma crise constante, intensificada nas últimas décadas, que tem imprimido marcas severas nas relações de trabalho e tem levado não só à precarização do trabalho, mas à precarização do homem que trabalha. Para Marx e Engels (1848), riquezas nunca antes vistas foram produzidas no capitalismo, assim como a criação de numerosas forças produtivas, a subjugação das forças da natureza, as máquinas e o desenvolvimento da indústria, por exemplo. Tanto isto é fato que se tornou difícil para a burguesia controlar as potências que ela

mesma colocou em movimento, daí as crises cada vez mais “intensas” e “destruidoras”. Diante disso, o que as professoras do município de Campo Mourão, entrevistadas neste estudo, falam sobre o seu trabalho, não diz respeito apenas à experiência de cada uma delas em particular, nem se restringe ao trabalho docente. Sendo as relações materiais a base de todas as outras relações, suas falas expressam sintomas de uma crise estrutural que mostra um esgotamento da ordem social vigente.

REFERÊNCIAS

- Acáccio, L. O. (2007). A memória da profissão docente. *Agenda Social*, 1(2), 63-67.
- Acervo Escola Caetano de Campos. Recuperado em 20 de novembro de 2014 de <http://www.iecc.com.br/materias-variadas/126/caetano-de-campos-decada-de-1920>.
- Alencastro, L. F. (1997). Vida privada e ordem privada no Império. In: L. F. Alencastro (Org.). *História da vida privada no Brasil: Império*. (Vol.2, 9a ed., pp.11-93). São Paulo: Companhia das Letras.
- Alves, G. (2012). *As Professoras de Marília* [Vídeo]. Práxis Vídeo. 40 min. Recuperado em 9 de outubro de 2014, de <http://www.projetocinettrabalho.org/>.
- Alves, G. (2013). *Dimensões da precarização do trabalho. Ensaio de sociologia do trabalho*. Bauru: Canal 6.
- Antunes, R. (2005). *O caracol e sua concha. Ensaio sobre a nova morfologia do trabalho*. São Paulo: Boitempo.
- Antunes, R. (2011). *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho* (15a ed.). São Paulo: Cortez.
- Antunes, R. (Org.). (2013). *A Dialética do Trabalho: Escritos de Marx e Engels* (Vol. 1, 2a ed., pp. 13-29). São Paulo: Expressão Popular.
- Antunes, R., & Alves, G. (2004). As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. *Educação e Sociedade*, 25(87), 335-351. Recuperado em 2 de dezembro de 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21460.pdf>
- Austregésilo, A. (1923). *Perfil da mulher brasileira: esboço acerca do feminismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Bernardes, M. T. C. C. (1988). *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro – século XIX*. (Vol. 9, Coleção Coroa Vermelha). São Paulo: T.A. Queiroz.
- Boarini, M. L. (2013). Indisciplina escolar: uma construção coletiva. *Psicologia Escolar e Educacional*, 17(1), 123-131. Recuperado em 8 de agosto de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572013000100013
- Boarini, M. L., & Borges, R. F. (2009). *Hiperatividade, higiene mental, psicotrópicos: enigmas da caixa de Pandora*. Maringá: Eduem.
- Bomfim, M. (1904). Discurso proferido às formandas da Escola Normal.
- Braga, E. (1930). A escola na cruzada anti-alcoolica. *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental*, 3(8), 271-276.

- Brasil. (1927). *Lei de 15 de outubro de 1927*. Manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. Rio de Janeiro, RJ. Recuperado em 10 de dezembro de 2014, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LIM/LIM-15-10-1827.htm
- Brasil. (1996). *Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF. Recuperado em 26 de julho de 2014, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm
- Brasil. (2013). Ministério da Educação e Cultura. *Sinopses Estatísticas do Ensino Superior*. Recuperado em 23 de julho de 2014, de <http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>.
- Brasil. (2014). *Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014*. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF. Recuperado em 05 de outubro de 2014 de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm
- Braun, M. S. A., & Vasconcelos, D. A. (2011). Reminiscências de uma normalista: a educação sobe a serra. In: *3 Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais olhares diversos sobre a diferença*. (pp. 1-11). João Pessoa.
- Britto, A. (1930). O alcoolismo e a mulher. *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental*, 3(6), 203-205.
- Bruschini, C., & Amado, T. (1988). Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. *Cadernos de Pesquisa*, (64), 4-13.
- Burnier, R. (1928). Discurso. In: Silva A. P. O. (Org.), (2004). *Paginas da história: notícias da II conferência Nacional de Educação da ABE*. Belo Horizonte, 4 a 11 de novembro de 1928 (pp 75-78). Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.
- Camargo, P. (2013, out./nov.). Mal estar docente. *Escola Pública*, 5(35), 20-25.
- Capitelli, M. (2010, junho 12) Transtorno mental afeta mais professores. *O Estado de S. Paulo*. Recuperado em 9 de setembro de 2013, de <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,transtorno-mental-afeta-mais-professores,579869,0.htm>
- Carlotto, M. S. (2011). Síndrome de Burnout em professores: prevalência e fatores associados. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 27(4), 403-410. Recuperado em 2 de outubro de 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722011000400003&lng=pt&nrm=iso
- CDHIS/UFUB. (2006). In: *4 Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*. Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- Costa, J. F. (1999). *Ordem médica e norma familiar* (3a ed.). Rio de Janeiro: Graal.

- Costa, R. (2012, abril) Professor, profissão perigo. *Istoé* (2214). Recuperado em 7 de junho de 2014, de http://www.istoe.com.br/reportagens/198947_PROFESSOR+PROFISSAO+PERIGO
- Couto, M. (1933). *No Brasil só há um problema nacional - a educação do povo*. Rio de Janeiro: Typ. Do Jornal do Commercio.
- D’Incao, M. A. (2004). Mulher e família burguesa. In: Priore, M. D. (Org.). *História das mulheres no Brasil* (7a ed., pp.223-240). São Paulo-SP: Contexto.
- Engels, F. (1892). Prefácio à ‘A situação da Classe Operária na Inglaterra’. In: K. Marx, & Engels, F. *Obras escolhidas* (Vol. 3, pp.211-224). São Paulo: Alfa Omega.
- Engels, F. (2013). Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: Antunes, R. (Org.). *A Dialética do Trabalho: Escritos de Marx e Engels* (Vol. 1, 2a ed., pp. 13-29). São Paulo: Expressão Popular.
- Falci, M. K. (2004). Mulheres do sertão nordestino. In: Priore, M. D. (Org.). *História das mulheres no Brasil* (7a ed., pp. 510-553). São Paulo: Contexto.
- Fausto, B. (1996). *História do Brasil*. São Paulo: Edusp.
- Fonseca, C. (2004) Ser mulher, mãe e pobre. In: Priore, M. D. (Org.). *História das mulheres no Brasil* (7a ed., pp. 241-277). São Paulo: Contexto.
- Fontenelle, J. P. (1925). Higiene Mental e educação. *Archivos Brasileiros de Higiene Mental*, 1(1), 1-10.
- Garcia, D. K. H. M. (2011). *A imagem da mulher trabalhadora retratada pela arte comparada com o modelo de trabalho feminino apregoado pelo movimento de higiene mental*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- Gasparin, I. (2010, novembro). Falta de limites em casa gera violência nas escolas, dizem especialistas. *Portal Terra*. Recuperado em 6 junho de 2014, de <http://noticias.terra.com.br/brasil/falta-de-limites-em-casa-gera-violencia-nas-escolasdizesspecialistas,664c4bc92690b310VgnCLD200000bbceeb0aRCRD.html>
- Gasparini, S. M., Barreto, S. M., & Assunção, A. A. (2006). Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 22(12), 2679-2691. Recuperado em 12 de fevereiro de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2006001200017&script=sci_arttext
- Giannini S. P. P., Latorre, M. R. D. O., & Ferreira, L. O. (2012). Distúrbio de voz e estresse no trabalho docente: um estudo caso-controle. *Cadernos de Saúde Pública*, 28(11), 2115-2124.
- IBGE (2014). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Recuperado em 19 de fevereiro de 2015, de <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=410430>

- IDEB. (2014). Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. Recuperado em 20 de outubro de 2014, de <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultadoBrasil.seam?cid=7960878>
- Jardim, L. (2014, abril 23). NBA versus futebol. *Revista Veja* [on line]. Recuperado em 14 de janeiro de 2015, de <http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/esportes/salarios-dos-brasileiros-da-nba-fariam-inveja-a-jogadores-de-futebol-mais-bem-pagos-no-brasil/>
- Klintonowitz, J. (2014). *A história do Brasil em 50 frases*. Leya. Recuperado em 20 de novembro de 2014 de https://books.google.com.br/books?id=i6KoAgAAQBAJ&pg=PT93&lpg=PT93&dq=Se+n%C3%A3o+fosse+imperador,+desejaria+ser+professor.+N%C3%A3o+conhe%C3%A7o+miss%C3%A3o+maior+e+mais+nobre+que+a+de+dirigir+as+intelig%C3%A7%C3%A3o+de+preparar+os+homens+do+futuro&source=bl&ots=TWm-vlxF1Z&sig=0bx3gs6R2G-pUBSGYDrE9IH3jbU&hl=pt-BR&sa=X&ei=8U_mVLC-HZDlwgSz_oDACA&ved=0CCwQ6AEwAzgK#v=onepage&q&f=false
- Lazarini, A. Q. (2010). *A relação entre capital e educação escolar na obra de Dermeval Saviani: apontamentos críticos*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Leonel, Z. (1994). *Contribuição à história da escola pública: elementos para a crítica da teoria liberal da educação*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Lessa, S. (2007). *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Cortez.
- Lessa, S. (2012). *O mundo dos homens: trabalho e ser social*. (3a ed.). São Paulo: Instituto Lukács.
- Lessa, S., & Tonet, I. (2011) *Introdução à Filosofia de Marx*. (2a ed.). São Paulo: Expressão Popular.
- Louro, G. L. (2004). Mulheres na sala de aula. In: Priore, M. D. (Org.). *História das mulheres no Brasil* (7a ed., pp. 443-481). São Paulo: Contexto.
- Maestri, M. (2011). As campanhas antialcoólicas nas escolas primárias – nas décadas de 20 e 30 do século XX no Brasil. In: Boarini, M. L. (Org.). *Raça, Higiene Social e nação forte* (pp. 129-156). Maringá: Eduem.
- Manoel, I. A. (2008). *Igreja e educação feminina (1859-1919) uma face do conservadorismo*. (2a ed.). Maringá: Eduem.
- Marx, K. (1846). Carta à P. V. Annenkov. In: Marx, K. & Engels, F. (s/d). *Obras escolhidas* (Vol. 3, pp. 244-253). São Paulo: Alfa Omega.
- Marx, K. (1979). Manuscritos econômicos filosóficos. In: Fromm, E. *Conceito Marxista do homem* (7a ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Marx, K. (2012). Trabalho assalariado e capital. In: Marx, K. *Trabalho assalariado e capital e Salário, preço e lucro*. São Paulo: Expressão Popular.

- Marx, K. (2013). *O capital: crítica a economia política*. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo.
- Marx, K., & Engels, F. (1848). Manifesto do Partido Comunista. In: Marx, K. & Engels, F. *Obras escolhidas* (Vol. 1, pp.13-47). São Paulo: Alfa-Omega.
- Marx, K., & Engels, F. (2011). *A Ideologia Alemã: Feuerbach*. A contraposição entre as cosmovisões Materialista e Idealista. São Paulo: Martin Claret.
- Menor se revolta com exigências de escola e agride diretora no Paraná. (2013, out 28). G1 Paraná Oeste e Sudeste. *RPC TV*. Recuperado em 13 de janeiro de 2014, de <http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2013/10/menor-se-revolta-com-exigencias-de-escola-e-agride-diretora-no-parana.html>
- Mészáros, I. (1930/2005). *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo.
- Nagel, L. H. (2002). Transformações históricas e processos educativos. In 2 *Anais do Congresso Nacional de História da Educação: história e memória da educação brasileira*, (p. 1 - 12). Natal.
- Naiff, L. A. M., Naiff, D. G. M., & Sá, C. P. (2013, outubro). Misses e normalistas, ícones da presença feminina na geração ‘Anos Dourados’: um estudo de memórias e representações sociais. *Memorandum*, 25, 127-148. Recuperado em 25 de julho de 2014 de www.fafich.ufmg.br/memorandum/a25/naiffnaiffsa01
- Nogueira, J. K.; Schelbauer, A. R. (2007). Feminização do Magistério no Brasil: o que relatam os pareceres do primeiro congresso da Instrução do Rio de Janeiro. *Revista HISTEDBR*, (27) 78-94.
- Paro, D. (2010, abril 18) Sob tensão, professor adoce mais. *Gazeta do Povo*. Recuperado em 30 setembro de 2013 de <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=993862&tit=Sob-tensao-professor-adoece-mais>.
- Patto, M. H. S. (1987). *A produção do fracasso escolar, histórias de submissão e rebeldia*. Tese de livre-docência, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Peixoto, A. (1931). *Higiene: Medicina Preventiva* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Portal Brasil (2015). *Dilma toma posse e anuncia lema do novo governo: “Brasil, Pátria Educadora*. Recuperado em 30 abril de 2015 de <http://www.brasil.gov.br/governo/2015/01/dilma-toma-posse-e-anuncia-lema-do-novo-governo-201cbrasil-patria-educadora201d>
- Porto Carrero. (1929). Educação sexual. *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental*, 2(1), 120-133.
- Prioste, C. D. (2006). Diversidade e adversidades na escola: queixas de professores frente à educação inclusiva. *Psicanálise, Educação e Transmissão*, 6. Recuperado em 7 junho de

- 2014, de http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032006000100026&lng=en&nrm=abn
- Rabelo, A. O., & Martins, A. M. (2006). A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminilização do magistério. In: *6 Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*, (pp.6167-6175), Uberlândia, MG.
- Rago, M. (1985). *Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Roxo, H. (1925). Higiene mental. *Archivos Brasileiros de Higiene Mental*, 1(1), 2-5.
- Saffioti, H. I. B. (1979). *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. (2a ed.). Petrópolis-RJ: Vozes.
- Saramago, J. (2000). *A caverna*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sevcenko, N. (1998). A Capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: Sevcenko, N. (Org.). *História da Vida privada no Brasil. República: da helle époque à era do rádio*. (Vol. 3, pp. 513-619). São Paulo: Companhia das Letras.
- Sforni, M. S. F. (1996). *A feminização do corpo docente na democratização do ensino no século XIX*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- Silva, A. P. O. (Org.). (2004) *Páginas da história: notícias da II conferência Nacional de Educação da ABE*. Belo Horizonte, 4 a 11 de novembro de 1928. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.
- Silva, F. G. O. (2011). O professor e a educação: entre o prazer, o sofrimento e o adoecimento. *Revista Espaço Acadêmico*, 124, 1-10. Recuperado em 19 de fevereiro de 2015, de: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/14380/7735>
- Smeha, L. N. & Ferreira, I. V. (2008). Prazer e sofrimento docente nos processos de inclusão escolar. *Revista Educação Especial*, 31, 37-48. Recuperado em 6 junho de 2014, de <http://www.ufsm.br/ce/revista>
- Thompson, P. (1992). *A voz do passado. História oral*. (L. L. de Oliveira, Trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Tonet, I. (2009) *Expressões socioculturais da crise capitalista na atualidade*. Recuperado em 10 de novembro de 2014, de http://ivotonet.xpg.uol.com.br/arquivos/EXPRESSOES_SOCIOCULTURAIS_DA_CRISE_CAPITALISTA.pdf
- Tonet, I. (2012). *Educação contra o capital*. São Paulo: Instituto Lukács.
- Tonet, I. (2013). *Método científico uma abordagem ontológica*. São Paulo: Instituto Lukács.
- Tonet, I., & Lessa, S. (2012). *Proletariado e Sujeito Revolucionário*. São Paulo: Instituto Lukács.

- Tumolo, P. S. (1996). Trabalho: categoria sociológica chave *elou* princípio educativo? O trabalho como princípio educativo diante da crise da sociedade do trabalho. *Perspectiva*, 14(26) 39-70.
- Tumolo, P. S. (2005). O trabalho na forma social do capital e o trabalho como princípio educativo: uma articulação possível? *Educação & Sociedade*, 26(90), 239-265.
- Tumolo, P. S. (2011). Trabalho, educação e perspectiva histórica da classe trabalhadora: continuando o debate. *Revista Brasileira de Educação*, 16(47), 433-481.
- Unicef. Fundo das Nações Unidas para Infância. (2009). *O direito de aprender: Potencializar avanços e reduzir desigualdades*. Recuperado em 6 abril de 2013, de http://www.unicef.org/brazil/pt/siab_capitulos.pdf
- Vândalos depredam escola estadual e creches municipais, em Curitiba. (2013, out 28). G1 Paraná. *RPC TV*. Recuperado em 13 de janeiro de 2014, de <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2013/10/vandalos-depredam-escola-estadual-e-creches-municipais-em-curitiba.html>
- Verissimo, J. (1985). *A educação Nacional*. 3a ed. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Weinberg, M., & Butti, N. (2013, out 2) A um clique do saber. *Revista Veja*. Edição 2341, Ano 45, 40, pp.102-110. Recuperado em 5 agosto de 2014, de <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>

ANEXOS

ANEXO 1



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Fundamentos teóricos e práticos na atenção a saúde e educação da criança/adolescente usuários de substâncias psicoativas.

Pesquisador: Maria Lucia Boarini

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 22637213.6.0000.0104

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Maringá

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 449.704

Data da Relatoria: 21/10/2013

Apresentação do Projeto:

Tendo em vista o cenário atual de abuso das drogas, lícitas e ilícitas, é imprescindível compreender a dimensão e a complexidade deste fenômeno. Igualmente, os novos direcionamentos da rede pública de saúde exige o conhecimento e a avaliação das estratégias de enfrentamento aos problemas daí decorrentes, bem como as ações setoriais destinadas, sobretudo à criança/adolescente usuário de substâncias psicoativas. Viabilizar um estudo sobre esta situação tendo como foco este segmento da população é o tema deste projeto. O objetivo geral deste estudo é identificar os fundamentos teórico-práticos que sustentam as ações dos profissionais da saúde mental e da educação em relação a criança/adolescente usuário de substâncias psicoativas. O objetivo específico é compreender o significado do trabalho para os profissionais da saúde e da educação do Ensino Fundamental. Para tanto recorreremos a intercessão de duas fontes de conhecimento: pesquisa bibliográfica/documental e pesquisa de campo que se constituirá em entrevistar 10 (dez) profissionais da saúde mental e 10 (dez) professores do nível de Ensino Fundamental, locados na rede pública de ensino do município de Campo Mourão, no Estado do Paraná.

Objetivo da Pesquisa:

O presente trabalho tem por objetivo Identificar os fundamentos teórico-práticos que sustentam

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG

Bairro: Jardim Universitário

CEP: 87.020-900

UF: PR

Município: MARINGÁ

Telefone: (44)3011-4444

Fax: (44)3011-4518

E-mail: copep@uem.br



Continuação do Parecer: 449.704

as ações dos profissionais da saúde mental (médicos, psicólogos, enfermeiros) e professores do Ensino Fundamental em relação a criança/adolescente usuários de substâncias psicoativas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Avalia-se que os possíveis riscos a que estarão submetidos os sujeitos da pesquisa serão suportados pelos benefícios apontados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Conhecer estas instituições, os aspectos e a dinâmica que as instituem favorecem o desvelamento das necessidades e limitações históricas do período em questão. Neste sentido, conhecer as discussões e instituições geradas a partir da preocupação com a criança e adolescente usuário de álcool e outras drogas contribui para a localização do lugar social ocupado por este segmento da sociedade (criança/adolescente) em determinado período histórico. Sob esta perspectiva os dados obtidos com a(s) entrevista(s) serão analisados ou, em outras palavras, as entrevistas serão analisadas qualitativamente, que, segundo Minayo (2008), constitui uma modalidade de investigação cada vez mais utilizada nos serviços de saúde. Essa metodologia parte do princípio de que a ciência deve ser entendida como uma produção humana, resultado das relações sociais. Ainda de acordo com esta autora o método qualitativo pode ser utilizado no estudo das políticas, práticas e modelos, entendendo que todo pensamento, representação e relação estão pautados em bases materiais que se faz afinado com o método materialista histórico.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta Folha de Rosto devidamente preenchida e assinada. O cronograma de execução prevê a coleta de dados no período de 01/05/2014 a 30/08/2014. O orçamento descreve gastos na ordem de R\$ 1.200,00, sob responsabilidade da pesquisadora.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá é de parecer favorável à aprovação do protocolo de pesquisa apresentado.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG

Bairro: Jardim Universitário

CEP: 87.020-900

UF: PR

Município: MARINGÁ

Telefone: (44)3011-4444

Fax: (44)3011-4518

E-mail: copep@uem.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MARINGÁ



Continuação do Parecer: 449.704

Considerações Finais a critério do CEP:

Face ao exposto e considerando a normativa ética vigente, este Comitê se manifesta pela aprovação do protocolo de pesquisa em tela.

MARINGÁ, 07 de Novembro de 2013

Assinador por:
Ricardo Cesar Gardiolo
(Coordenador)

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG

Bairro: Jardim Universitário

CEP: 87.020-900

UF: PR

Município: MARINGÁ

Telefone: (44)3011-4444

Fax: (44)3011-4518

E-mail: copep@uem.br

ANEXO 2

CAMPO MOURÃO

PREFEITURA E VOCÊ,
JUNTOS POR UMA CIDADE MELHOR

Município de Campo Mourão



COMUNICAÇÃO INTERNA	Nº.64/2013
De - SECED	
Para: Senhores (as) Diretores (as)	
<p>Venho por meio desta informar que a servidora Daniela Rosolen Galetti aluna do curso de Pós-Graduação <i>stricto sensu</i> em Psicologia (PPI) da Universidade Estadual de Maringá, portadora do registro acadêmico Nº 46988, entrou em contato com a Secretaria da Educação e solicitou autorização para a realização de entrevistas com 10 professores do Ensino Fundamental, da Rede Municipal.</p> <p>O objetivo geral deste estudo é identificar os fundamentos teórico-práticos que sustentam as ações dos profissionais da saúde mental e da educação em relação à criança/adolescente usuário de substâncias psicoativas. Tanto as escolas, quanto os entrevistados não serão identificados.</p> <p>Salientamos que os (as) diretores (as) tem total autonomia para autorizar ou não as entrevistas.</p> <p style="text-align: center;">Campo Mourão, 19 de setembro de 2013.</p> <p style="text-align: center;">  Karla Maria Tureck Secretária da Educação </p>	

ANEXO 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estamos convidando-o (a) para participar da pesquisa intitulada *Fundamentos teóricos e práticos na atenção a saúde e educação da criança/adolescente usuários de substâncias psicoativas*, vinculada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia (PPI) da Universidade Estadual de Maringá, coordenada pela Prof.^a Dra. Maria Lucia Boarini e desenvolvida em parceria com as suas orientandas Daniela Rosolen Galetti e Maria Eliza Spineli Dolce. **O objetivo geral deste estudo é identificar os fundamentos teórico-práticos que sustentam as ações dos profissionais da saúde mental e da educação em relação a criança/adolescente usuário de substâncias psicoativas. O objetivo específico é compreender o significado do trabalho para os profissionais da saúde e da educação do Ensino Fundamental.** Destacamos que sua participação é muito importante e se dará, no caso da sua aceitação, respondendo a um roteiro de questões apresentadas pelo pesquisador. Adiantamos que qualquer opinião oferecida por você é importante e será considerada ainda que se constate a falta de domínio do tema apresentado. Esclarecemos, também, que sua participação é totalmente voluntária, podendo recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda, que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. As informações fornecidas e os resultados finais da pesquisa estarão à disposição na Secretaria do PPI, na Universidade Estadual de Maringá, localizado na Avenida Colombo, nº 5790, Bloco 10, em Maringá, Paraná Tel.: (44) 3011-3871, que poderá ser contatada em caso de dúvidas, assim como também o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) da UEM, localizado Universidade Estadual de Maringá. Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM- Bloco da Biblioteca Central (BCE) da UEM. Maringá, Paraná. Tel.: (44) 3261-4444. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida, assinada e entregue a você.

Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos, de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu, _____,

declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pelo Prof.^a Dr^a Maria Lúcia Boarini

_____ DATA: ____/____/____.

Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu, _____, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra nominado.

_____ DATA: ____/____/____.

Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: Daniela Rosolen Galetti

Endereço: Av. Comendador Norberto Marconder, nº574 Centro – Campo Mourão.

Telefone: (44) 99716589

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço citado acima.

ANEXO 4

Vândalos depredam escola estadual e creches municipais, em Curitiba

Não houve aula em uma das creches nesta segunda (28), no Fazendinha. Atos de vandalismo aconteceram entre sábado (26) e domingo (27).

Data de exibição: 28/10/2013

Do G1 PR, com informações da RPC TV Curitiba:

Uma escola pública e duas creches municipais de Curitiba foram depredadas por vândalos no bairro Fazendinha. Na biblioteca da Escola Estadual Avelino Vieira, mais de 600 livros foram destruídos. Os vândalos colocaram combustível pela janela da biblioteca, e os bombeiros precisaram ir até o local para apagar as chamas. Os três casos foram registrados entre sábado (26) e domingo (27).

“Nós acreditamos que os indivíduos pularam o muro da quadra de esportes, que é bem do lado da biblioteca, e eles quebraram o vidro da janela e jogaram alguma coisa inflamável por ali”, relatou a diretora da escola Tânia Cordeiro, que foi chamada durante a madrugada por causa do incêndio.

Em uma das creches atacadas no fim de semana não foi possível ter aula, nesta segunda-feira (28), devido aos estragos. Já na escola, apenas as atividades de leitura na biblioteca foram suspensas. Entretanto, os professores do colégio decidiram transformar as cinzas em lições de cidadania – as turmas foram levadas até biblioteca para aprender o que não se deve fazer. Com a atividade, os estudantes puderam ver de perto a destruição que os vândalos provocaram no patrimônio.

De acordo com a Prefeitura de Curitiba, 18 escolas municipais e estaduais foram depredadas apenas no mês de outubro. O prejuízo causado pelos vândalos não atinge somente os professores e os alunos, já que o conserto é feito com o dinheiro dos impostos, que são pagos por todos os cidadãos.

Fonte: Jornal RPC TV, Recuperado em 10 jan, 2014, de:
<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2013/10/vandalos-depredam-escola-estadual-e-creches-municipais-em-curitiba.html>

ANEXO 5

Menor se revolta com exigências de escola e agride diretora no Paraná

Caso aconteceu nesta segunda (28), no Colégio Estadual Interlagos. Menor ficou revoltada por ter que cumprir regras ao fazer a matrícula.

Data da exibição: 28/10/2013

Do G1 PR, em Cascavel :

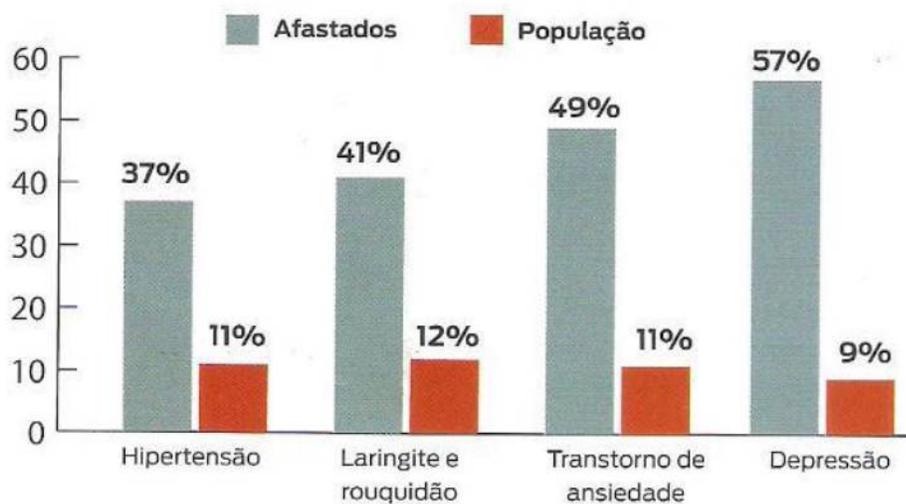
A diretora do Colégio Estadual Interlagos, em Cascavel, no oeste do Paraná, foi agredida na tarde desta segunda-feira (28) por uma adolescente de 16 anos. De acordo com a Polícia Militar (PM), a menor foi até a escola porque precisava fazer a matrícula, já que havia abandonado os estudos há dois anos na mesma unidade. No entanto, ficou revoltada por ter que cumprir algumas regras e começou a bater nas portas das salas de aula. A diretora foi agredida após tentar abordar a jovem.

Ainda conforme a polícia, a Patrulha Escolar e o Conselho Tutelar foram chamados e registraram a ocorrência. A menor foi encaminhada à Delegacia da Criança e do Adolescente. Ela deve responder por ameaça e agressão física, por meio de medidas educativas.

Fonte: Jornal RPC TV, Recuperado em 10 jan, 2014, de: <http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2013/10/menor-se-revolta-com-exigencias-de-escola-e-agride-diretora-no-parana.html>

ANEXO 6

Motivo dos afastamentos de professores da rede paulista comparado à sua incidência na população:



Fonte: Saúde do professor, Apeoesp 2012

Doenças diagnosticadas dos professores paulistas:

Rinite / alergia:	33%
Hipertensão arterial:	30%
Tendinite, bursite ou dor muscular no último ano:	29%
Transtorno de ansiedade ou pânico no último ano:	23%
Laringite / rouquidão:	21%
Depressão no último ano:	18%
Artrose:	14%
Diabetes:	10%
Doença do coração:	8%
Doenças respiratórias:	7%
Acidente vascular encefálico (AVE):	2%

Fonte: Saúde do professor, Apeoesp 2012

ANEXO 7

Entrevistada: **Professora Alice**

Data em que a entrevista foi realizada: 12 de fevereiro de 2014.

Entrevistadora: Você está atuando como professora regente?

Alice: Isso, estou com um 3º ano.

E: Faz quanto tempo que você trabalha como professora?

A: 21 anos.

E: Qual sua jornada de trabalho?

A: Você fala assim: durante o dia todo?

E: Isso, 20 ou 40 horas?

A: 40 horas.

E: As 40 horas na mesma escola?

A: Sim. Já trabalhei em 3 escolas, 4 com essa agora. Estou aqui há 11 anos, 11 ou 12 anos. Desde quando fundou a escola. Já têm uns 12 anos.

E: Então eu queria conhecer a sua história como professora, de como você decidiu ser professora.

A: Ah, eu sempre gostei de escola, criança, carteira. Desde criança eu já falava que seria professora. Eu brincava de dar aulas, essas coisas. Aí fiz o 2º grau, o antigo 2º grau. Eu queria fazer magistério, só que meu pai não deixava, porque a gente morava longe do colégio. Depois me casei e depois de casada eu fui fazer magistério. Como eu já tinha o 2º grau, eu fiz adaptação especial, como se dizia. Eu fui me atualizando, daí fiz a formação, o magistério, depois fiz pedagogia, fiz a Pós-Graduação um tempo atrás e acabou... Gostei, escolhi, é uma coisa que eu gosto de fazer. Eu amo trabalhar em sala de aula.

E: Você fez pós-graduação em que?

A: Artes.

E: E a sua faculdade? Foi aqui mesmo?

A: Sim, eu fiz o magistério no Estadual. Como eu falei pra você, que era adaptação especial, como eu já tinha feito o 2º grau. Aí no ano seguinte eu comecei a faculdade. Então eu trabalhava de manhã, quando eu comecei, eu ajudava uma professora, na 3ª série, na época, aí eu trabalhava de manhã, fazia pedagogia a tarde e assim que eu terminei a pedagogia, que foram 4 anos na época, era pedagogia e orientação educacional - agora tem uma outra grade, aqui na Fecilcan -, aí foi indo e eu estou até hoje. Alguns anos atrás eu fui fazer pós, devido o tempo passou, aí aquele negócio, todo ano eu dizia “eu vou fazer pós” e nunca dava... mas eu terminei também.

E: E é uma área que você gosta?

A: Sim, porque a artes, mesmo que fala muita coisa de Monet, aqueles... Picasso e tal, a gente sempre tira alguma coisa pro Ensino Fundamental, não é? Então é aproveitável pro meu trabalho, porque a bagagem pra trabalhar é melhor.

E: E como nesses 21 anos de profissão você tem percebido o seu trabalho? Pensando no começo da carreira até agora.

A: Quando eu comecei a gente tinha mais respeito dos pais e das crianças também. Hoje já mudou muita coisa. Não sei, eu acho que depois que veio essa lei do Estatuto da Criança e do Adolescente, que foi bem na época em que eu comecei, a coisa inverteu bastante. Antes, se a gente tivesse uma reclamação com o pai, ou precisando de ajuda da família, eles vinham e colaboravam com a gente, conversava com o filho, mas colaborava com a gente. Agora não, eles vêm pra querer por a gente na parede: “por que o meu filho está desse jeito?”. Como se a culpa fosse sua, não é? Aí você tem que ter aquele jogo de cintura, aquela linguagem toda que você tem que ter pra falar que o filho dele é uma coisa, com palavras certas, entendeu? Levar muito na “maciota”, bem assim, bem tranquilo mesmo, porque senão eles brigam com a gente, não é? Mas assim, é gostoso, só que como eu falei pra você, hoje está mais difícil trabalhar, está bem mais difícil. Educação com eles, com a família... se vê muita coisa. A criança hoje... eles confundem de não dar educação pros filhos. É que antes eu começava a trabalhar e chegava como professora, pra dar aula, eles já vinham com a preparação de casa, a gente chegava pra trabalhar e eles já estavam prontos. Hoje não, hoje você tem que chegar... você tem que às vezes, como eu posso dizer? Você usa um pouco do seu pessoal... uma rotina que você não deveria estar fazendo, não é? Você vê criança mal vestida às vezes, às vezes está

frio e tem criança sem agasalho. Então, eu sempre brinco com as minhas colegas, quando eu comecei, as crianças falavam que não tinham roupa pra ir pra escola. A gente trabalhou sempre em bairro, eles falavam e eu achava que era brincadeira deles, que era preguiça de estudar. Com o tempo eu fui vendo que eles eram pobres mesmos, sabe? Aí a gente aprende muita coisa com eles, a gente aprende a ser mais humana. Você chega com uma bagagem toda e faz aquela aula e prepara aquela coisa toda, jogos e tal, aí tem que chegar com calma e olhar o ambiente e sentir a criança, sentir tudo pra aí você começar a fazer seu trabalho. Mas é aquele negócio, a gente está sempre aprendendo. Mas a gente faz na medida do possível e vai desenvolvendo o trabalho, não é? Mas vai, conhece os alunos, aí começa a conhecer a família, começa aquele contato mais humano com eles, aí a coisa anda não é? Aí vai.

E: E com toda essa mudança que você disse que aconteceu, o que te mantém trabalhando como professora?

A: Ah, eu gosto. Eu não me vejo fazendo outra coisa, sabe? Digamos assim, é uma coisa que eu escolhi fazer, fui e deu certo. Eu nunca me pensei fazendo outra coisa... vendedora, ou não sei o que, não sei, eu não via. Eu acho que você tem que estar apaixonado por aquilo que você faz, porque tem aquelas dificuldades. Igual eu falo pra minha filha e falo pras pessoas que eu também converso: ser professor é gostoso porque você não fica naquela rotina, não é todo dia a mesma coisa, cada dia é uma coisa diferente, cada ano são alunos diferentes, são famílias diferentes, são histórias diferentes não é. E eles também, com as dificuldades deles, ensinam muita coisa. Então, apesar das dificuldades, eu acho que é isso, tem que gostar mesmo do que faz. A gente sabe que tem colegas que acabam de se formar, vem fazer estágio e sai correndo (risos). Falam pra mim “como você aguenta?”. outras ficam meio depressivas, porque vê a situação das crianças, que não é fácil. A gente não vê aquelas crianças cheirosinhas, limpinhas, bem estruturadas.. aqueles coitadinhos que dão até dó, que ficam esperando o horário do lanche pra comer, sabe? Aí tem aquelas crianças bem “boca suja” mesmo. Você tem que organizar, proibir e falar “a regra aqui é essa!”, não falar palavrão, não falar isso, aquilo, pra você fazer um bom trabalho, porque é chato você estar trabalhando e eles estarem xingando. Tem que cortar muita coisa. Aí até eles aprenderem a regra em sala de aula que não pode estar xingando... Por exemplo, xingar as pessoas, colocar apelido, cada um tem um nome... São coisas assim, que você sai da sua rotina pra equilibrar e fazer um trabalho bom. Tem muita gente que desiste, porque né.. Ah, eu também já falei pra minha ex-diretora, falei “diretora”... é que é assim, quando eles estão assim meio... eu estava “por aqui” com todo mundo, sabe? “eu fiz faculdade pra isso?”, sabe? Mas você acaba fazendo, não é? Você está

em contato com as crianças, você tem que fazer. Você não aprende na faculdade certas coisas, não é?

E: Diante do que você me falou, quais são os problemas que você considera que teve ou têm que enfrentar em sua carreira?

A: O mais dificultoso mesmo é a família, porque problema existe sim, mas quando você conversa com a família e a família está ali te contando: “olha, aconteceu tal coisa... ele não está bem, está fazendo acompanhamento médico...”, a gente já vê a criança de outra forma e passa a tolerar muita coisa, não é? A gente pega a criança mais no canto, cobra, fica sem recreio, manda tarefa pra casa, a gente se desdobra com ela ali. Aí você faz aquela coisa que você gosta de fazer, quando vem educado. Agora, quando é aquela criança que a mãe não dá atenção, a família é desestruturada, às vezes mora só com o pai, mora só com a mãe... Antigamente não tinha muita separação, quando eu comecei. Hoje tem muita... como diz meu pai, é “lambança”, sabe? A mãe está grávida de um, vai morar com o outro, aí junta. Aí ela fala assim: “minha mãe vai casar com um homem que tem outra mulher, que também tem uma filha...”. Aí você tem que tomar muito cuidado com o que fala, não é? Depois de muita separação também... aí que vem os problemas. Tem crianças que vem pra escola e, às vezes, a direção não sabe pra quem vai entregar, se pode entregar pro pai... existem casos horríveis, sabe? Tudo envolve a família, tudo envolve a estrutura, acaba pegando, não tem como.

E: E diante disso, como você entende o papel do professor? O sentido do trabalho do professor?

A: Olha, tem que dar uma equilibrada. Eu digo pra você que a gente não pode ser totalmente profissional, se chegar assim não vai conseguir fazer um trabalho bom. Seria bom pra todo mundo, não é? Chegou com seu material, com a aula preparada, senta ou “vamos, vem cá traz o caderno”, ou eu vou à carteira, ter aquele contato sem estar dando muita regra... Então a gente ficou um pouco que... assistente social, não sei. Eu não gosto, vou falar a verdade pra você, eu não gosto, mas... precisa, no dia a dia precisa. Por exemplo, eles têm a mania de falar pra gente: “Professora, está acabando meu caderno”. Eu não gosto de ouvir isso, “tem que falar pra família comprar”, “você falou pra sua mãe?”, “você falou pro seu pai?”... “professora, meu lápis não sei o quê”... Eles avisam você, como se você tivesse a obrigação de comprar ou pegar da escola, sabe? Eu não gosto assim.. É o que eu falei pra você, a gente tem que ser mais humana com eles e entender... E ensinar também, não é? Então, a forma de ensinar... ”Olha, está acabando? Então avisa a família logo”, não é?. Porque hoje em dias eles

ganham muita coisa, é “bolsa não sei o que”, ganha não sei o que... então a escola ficou meio paternalista com isso daí. A coisa desandou um pouco, sabe?... o profissionalismo da gente. Poderia desenvolver o melhor trabalho... é isso.

E: Agora eu queria te mostrar umas reportagens e gostaria que você me dissesse qual sua impressão sobre elas. Uma dessas reportagens passou recentemente no jornal da RPC TV.

A: Olha, acho que isso aqui... acho que a família tem um peso nisso aqui, porque jamais, na minha época, a gente fazia uma coisa dessas, entende? Então acho, igual eu falei pra você, o respeito com o professor hoje em dia diminuiu muito. Ele (o aluno) tem essa cabeça, porque às vezes escuta em casa alguém falando mal de professor, de pedagogo, não sei. Eu já escutei. Eu acho que tem que ser punida uma criança dessas, um adolescente desses. Ele e a família têm que ter uma punição severa, porque eu, graças a Deus, nunca alguém veio me agredir. Deus me livre! Imagina? É uma profissão que a gente se dedica, tem amor pelo que faz, a gente também tem família, você larga a família pra ir trabalhar, você vai gastar hora da sua vida ali, não é? Pra ser agredida, ser mal tratada? Eu acho que não pode deixar impune não, tem que punir de alguma forma.

E: Você comentou que já escutou pessoas falando mal de professores e pedagogos. O que você escuta?

A: Às vezes a gente está no ônibus e você vê as pessoas falando mal de professora, sabe? A cabeça que as mães têm, porque “Ah... professora, não sei o que”, porque às vezes elas não sabem que a gente é professora e às vezes sabem e até comentam pra gente ouvir mesmo, não é? (risos). Esses dias eu comentei com o meu marido, me deu uma raiva... Eu peguei o ônibus e estava vindo do centre pra cá. Aí duas mulheres atrás conversando assim: “ai, eu também quero ser professora, professora fica quarenta dias de férias, não trabalha sábado, não trabalha domingo. Eu é que queria ser professora!”. Tirando sarro uma com a outra, sabe? Olha a cabeça! O que elas pensam, não é? Agora, o que elas não falam da gente pros filhos em casa? (risos). Só que não veem que você tem uma formação, você tem que ter os quarenta dias de férias... graças à Deus que a gente tem esse recesso, essas férias no meio do ano, se não a gente não aguentaria, não é? Por mais que a gente ame a profissão, a gente não é de ferro... tem que ter lazer, tem que ter o descanso. Na família mesmo a gente vê, eu tenho uma cunhada que agora ela mudou bem, mas antes... nossa! Se o meu sobrinho chegasse à casa e reclamasse qualquer coisinha da professora, ela ia lá muito brava com a professora... Teve uma situação, mas agora eu não me lembro direito pra te contar, não sei se ele pediu pra ir ao

banheiro e acho que a professora esqueceu ou falou “vai depois, depois você vai”... Daí a professora esquece de deixar e o aluno esquece de pedir, aí ficou apurado lá... nossa! Mas ela ficou muito brava, chegou lá e acho que se quisesse ela teria batido na professora, sabe? Meu irmão foi lá também, fez aquele escândalo! Podia chegar, conversar, não é? Saber o que aconteceu, entendeu? Então a pessoa não tem esse lado humano de dizer que, às vezes, a professora esqueceu ou a criança não pediu de novo... porque no meio de um monte de criança a gente acaba esquecendo... “eu estou explicando, depois você vai”. Eu não gosto de estar explicando e a criança sair no meio, eu gosto que termine a explicação pra ir. Aí ela falava “Ah, porque não sei o que”, eu falei “Não é assim, vai lá”. Ela defendia o meu sobrinho perto da professora, sabe? Eu ouvia aqui.... sabe? No final de semana, nas conversas com a família ali no almoço, você acaba ouvindo coisas que você não gosta de ouvir. Daí eu falo “não é assim, vai lá e fala com a professora. Você pode chegar e se quiser ficar brava com a professora, fica brava mesmo, mas pergunta o que aconteceu e nunca defenda ele perto da professora. Chama ela num canto e fala um monte pra ela, aquilo que você acha que deve falar, mas queira saber dela o que aconteceu, mas não defenda perto do filho”. Aí ela foi mudando. Como ela mudou o comportamento dela, meu sobrinho também mudou de comportamento, parou com aquela reclamação, sabe? Então por aí a gente vai vendo não é? Às vezes dentro da família mesmo.

E: E isso sempre foi assim? Essa visão em relação ao professor?

A: Ah... mudou. Antes a família não falava da gente e quando vinha à escola falava com a gente. Uma vez aconteceu um caso comigo e ainda bem que a diretora, no caso, a orientadora, na época, me conhecia. Tinha um menino, negro, ele tinha complexo por ser negro. Não sei porque “cargas d’água”, isso na 4ª série, ele inventou que eu o xinguei de preto, ou uma coisa assim. Mas isso nunca me passou pela cabeça, imagina! Se tem uma coisa que eu não tenho costume é de xingar, nunca tive. Nossa! A mãe chegou lá muito brava: “como essa professora xingou meu filho de preto?”. Aí me chamaram na direção e fui lá conversar com a mãe, saber o que estava acontecendo. Cheguei lá: “o que foi que aconteceu?”. Aí a orientadora me falou. Imagina! Aí de tanto pressionar ele: “eu não falei isso pra você, conta pra sua mãe!”. Aí ele: “Ah, eu achei que escutei”. “Você não escutou nada, eu jamais ia falar uma coisa dessas”. Eu sei que a gente conversou e ele acabou falando a verdade, que ele inventou aquilo lá. Ele estava bravo com outra criança e acabou... e estava bravo comigo também, era uma criança bem problemática, não gostava de fazer tarefa, preguiçoso, toda hora tinha que estar cobrando dessa criança. Aí veio colocar a culpa em mim. A orientadora antes de me chamar na sala

falou pra mãe: “Imagina! A professora jamais ia falar uma coisa dessas, a professora também é morena” (risos). Depois eu falei: “mesmo que eu fosse loiraça, eu não ia fazer isso”. Aí, mesmo assim, ela ficou brava. Então são coisas assim que deixam a gente triste. Só que foi um caso assim, mas nunca mais também. Teve outro problemas sim, mas a gente acabou conversando com a mãe. Hoje ainda tem aquela... elas são meio “inimigas”, digamos assim, vamos esclarecer, as mães têm um ciúme da professora com os filhos delas. Eu não digo todas, depois do 5º ano eu não sei, mas nessa idade escolar elas são meio ciumentas, sabe? A gente tem que cativa-las, sabe? E isso eu tive que aprender também.

E: Eu gostaria de te mostrar uma outra reportagem que saiu na revista “Escola Pública”. É uma reportagem realizada com professores do estado de São Paulo e que fala sobre a saúde desse professor. Vamos olhar os dados. O que esses dados te fazem pensar? Eu gostaria que você comentasse algo acerca desses dados.

A: No geral ou sobre mim? Porque eu acho que vai virando aquela bola de neve, sabe? Uma coisa vai levando a outra. Falta profissional na área, porque se tivessem mais profissionais pra trabalhar com a gente, não sobrecarregaria muito o professor, sabe? E acaba dando... uma hora vai estourar! A minha ex-diretora falava assim: “Alguma coisa vai estourar no nosso corpo”, porque não adianta, a gente tem que ser profissional? É, mas tem a hora da gente sair do portão pra fora e dar uma esquecida. E geralmente, a gente, professor, não deixa, entende? Às vezes você acha que se você viajar é que você vai conseguir descansar e às vezes é, mas nem sempre a gente pode viajar. Então, às vezes a gente sai daqui com a cabecinha assim... Então dá mesmo. Uma que eu sei que dá é hipertensão e esse negócio de ansiedade aqui. Até tem um nome isso aqui... Transtorno de ansiedade que dá aquela ansiedade que a pessoa não dorme? Insônia... dá insônia. Eu sei que isso dá muito. Aqui tem professores que têm problemas de musculo, dos nervos... Quando sai de férias não dói, não sente nada, então a gente sabe que é tensão do trabalho. Eu, por exemplo, tenho hipertensão. Eu fiquei hipertensa, mas não foi só por causa do trabalho, mas isso contribui, porque quando eu estou de férias não tenho. Quando vai chegando o 3º bimestre, começa a me dar insônia, sabe? A gente começa a ficar preocupada com as crianças: “será que vai conseguir, será que não vai?”. Aí tem uns que a gente está apostando neles, de repente, a gente se decepiona, porque dá uma travada, sabe? Eu acho que, inconscientemente, a gente fica abalada com aquilo ali, a gente não quer ficar, mas acaba ficando. Então eu começo a ter insônia. Aí eu trato com o neurologista, eu tenho que tomar esse remédio. Bom, eu não tenho depressão, só que quando eu vou comprar o remédio o farmacêutico fala que é remédio pra depressão, o Dr. Ivan fala

que.. como é que é? Que é pra ansiedade. Ele falou pra mim que muitos, muitos professores tomam e que muitos colegas dele tratam isso daí. Então as colegas não contam, eu mesmo não conto.

E: Por que não?

A: Ah, eu tenho vergonha de falar que eu tomo remédio, sabe? Eu sempre fui muito saudável, nunca fui doente, nunca fiquei internada, mesmo eu tendo peso a mais eu nunca fui doente. Então pra eu assumir que eu tive que tomar remédio pra hipertensão tem três anos, porque estava feio o quadro, foi subindo de uma maneira que eu tive que tomar mesmo, se não eu estava correndo risco de ter AVC, como o médico falou. Então, hipertensão eu ainda falo que eu tenho, agora esse remédio pra ansiedade, pra depressão, eu ainda não aceito que eu tomo.

E: E por que o médico te receitou?

A: Então, eu falei pro doutor: “Por que eu tenho que tomar esse remédio?” Aí ele explicou sobre a ansiedade (risos). Ele explicou igual a gente explica pra criança, porque eles tem uma linguagem bem difícil, não é? (risos). Ele falou: “Então é o seguinte, durante o dia a gente gasta a nossa...” tem um nome, como é que é? É que durante o dia a gente tem aquela cota pra gastar aquilo ali... e ele falou: “e você gasta antes do dia terminar” (risos) e isso aí é ansiedade, entendeu? (risos). Aí eu preciso de uns remédios pra me tranquilizar. Então, se eu fico sem tomar, me da enxaqueca e quando vai chegando 3º e 4º bimestre eu fico pior, sabe? Quando ataca, dói a cabeça mesmo e eu tenho que ficar quietinha, dormir e relaxar. Aí eu volto beleza, volto com a corda toda, mas eu acho que não tem professor que não tem um chique, não é? (risos). Por causa de tudo o que a gente já falou. Conversando com o doutor, quando a gente vai, ele vai falando as coisas que ele percebe. Eu já tive problemas pessoais, mas eu percebo que não é só problema pessoal, que está relacionado ao trabalho sim. Tem gente que se afasta, se aposenta porque está doente. Aposentar por tempo, nossa! Graças a Deus! Mas por doença deve ser muito triste. Eu quando estou de férias não tenho dor de cabeça. Eu não sei o que é isso, sabe? Eu não sei o que é insônia, esqueço dor de cabeça, eu esqueço, sabe? Assim, saiu daqui, você não tem aluno naquela época, eu não tenho aluno naquela época, pra estar preocupado se conseguiu ou não, não tenho que dar conta daquele trabalho, daquela mãe. Às vezes a gente fica pensando num problema deles que a gente não consegue resolver, aí da insônia. E nas férias não, é férias, você sabe que eles estão bem, estão com a família, você também tá com a sua e daí não tem esses chiques que dá, mas durante o ano letivo é impossível não ter.

E: Por quê?

A: Ah, eu acho... sei lá, cada um é cada um.

E: E com mais de vinte anos de profissão, próxima de se aposentar, o que você espera?

A: Olha, muitas colegas minhas falam que elas sonham com as crianças, que ficam com a cabeça ligada, que demoram pra desligar. Aí eu falo que não vou ficar assim não, que eu vou procurar o que fazer. Eu vou fazer de tudo pra não ficar depressiva, Deus me livre! Eu penso em procurar outra coisa pra fazer, mas não penso em voltar dar aula de novo. Acho que eu vou estar bem cansada mesmo. Se eu voltasse, seria só meio período. Tem professor que faz concurso de novo e volta. Eu penso que eu não, mas não vou falar “dessa água não beberei”, não é? As minhas duas colegas que se aposentaram falam que acordam assustadas, achando que esta na hora de ir pra escola, sonham com aluno, sonham com criança, sonham com a época de hoje, com antigamente. Outras falam que nos primeiros dias é muito bom, que arrumam casa, arrumam as gavetas, viajam, namoram, não sei o que... mas depois sente falta, porque sempre fez aquilo. Então eu penso em ser diferente.

E: Você espera por isso?

A: Não, na verdade eu não quero pensar. Eu sei que vai chegar a época e que eu quero me ocupar com outras coisas. Então eu não penso em trabalhar com outra coisa, mas eu sei que tem coisas pra se fazer.

E: E você já se pensou em que coisas seriam essas?

A: Olha, eu gosto de música, sabe? Eu sou evangélica, eu gosto de cantar na igreja, além de gostar de cantar, eu penso em aprender a tocar teclado, eu vi uma menininha de 4 aninhos aprendendo teclado e eu me apaixonei, precisava ver o jeitinho dela. Se bem que criança aprende mais rápido as coisa, não é? Ah, eu penso em aprender tocar, me envolver com as coisas da igreja, porque sempre tem o que fazer na igreja. O pessoal trabalha ajudando, aí ajuda criança, ajuda mãe, às vezes arrecada roupas ali e leva pros outros, arrecada cesta básica e leva pros outros. E passear... não sei mais.

Entrevistada: **Professora Irene**

Data em que a entrevista foi realizada: 12 de fevereiro de 2014.

E: Você esta atuando como professora regente?

I: Sim, estou com o 3º ano de manhã e como regente 2 a tarde, com história, geografia, ciências e filosofia, no 2º ano. Esse da parte da tarde é coisa nova pra mim, porque eu gosto mesmo é de alfabetizar.

E: Os dois períodos são na mesma escola?

I: Os dois aqui. Estou nessa escola desde 2008.

E: E quanto tempo você tem de profissão?

I: Eu tinha dado uma parada porque eu ia me mudar pra São Paulo e acabamos indo e vindo. Então eu tenho vinte anos e mais de 2008 pra cá. Dá mais quantos anos? É, 25 anos. Só não posso aposentar no momento, porque já tenho uma aposentadoria pelo INSS, aí tenho que esperar completar 70 anos para aposentar por outra empresa.

E: Você poderia me falar um pouco sobre esses 25 anos de profissão? Como foi o início, como está sendo atualmente?

I: Olha, se eu fosse começar hoje, não sei se começaria, certo? Mas eu vejo que, de repente, pode ser vocação, porque desde criança quando lá em Minas Gerais eu estudei com cinco aninhos, começando pelo alfabeto, palavras, textos, eu dava aula pras crianças de baixo do pé de laranjeira. Nosso caderninho era um pedaço de folha de bananeira, o nosso lápis era um espinho do galho de laranja, sabe? Então aí eu chegava lá no J, L, M e eu não sabia o resto do alfabeto. Eu tinha tanta ansiedade de ensinar, mas eu ensinava até onde eu sabia, porque os outros sabiam menos do que eu. Aí quando nos mudamos para o Paraná, foi 25 anos atrás, mais, porque eu parei um bom tempo, parei uns 6 anos, então antes eu queria ser professora, mas meu pai não deixava eu estudar, tinha que trabalhar na roça. Mas quando eu me eu comecei a trabalhar e a estudar ao mesmo tempo, porque faltou professor. Eu sou daquele tempo que todo mundo estava indo pra São Paulo. Então eu assumi uma sala de 20 horas semanais e comecei. Eu sempre gostei de trabalhar, mas sobre o salário é que não é gratificante. Mas... estou aqui, não é? Só que hoje com a tecnologia mudou muito. Esses dias eu estava pensando assim: em si mudou, mas a criatividade hoje eu acho que ampliou os

olhos, a mente, porque tudo você pode estar usando pra alfabetizar, tudo que já tem na própria natureza, material em desuso, reciclável, dá pra poder estar alfabetizando e com a ajuda dos jogos pedagógicos do PNAIC, que a gente tá fazendo, tá maravilhoso, está melhor que quando a gente estava ai em meados de carreira, não é? E eu também tive uma grande... não vou dizer que foi uma grande decepção, mas um grande bloqueio, eu tive com meu pai, depois com o meu marido, porque agora que eu voltei fazer pedagogia, nesses últimos anos. Eu só tinha o magistério antigo, entendeu? E aí eu estou amando a pedagogia, as formações continuadas que a gente tem todo ano, a troca de ideias com professores e o PNAIC eu vejo assim, que ele veio pra completar aquilo que estava faltando.

E: Você fez faculdade agora?

I: Eu terminei há um ano e pouco, mas já tenho pós também. Eu fiz pós em Educação Especial.

E: E onde foram realizados esses cursos?

I: Foram à distância, a faculdade e a pós.

E: E você tinha me dito no início que, se fosse para começar hoje, talvez você não começaria, por quê?

I: Eu vejo que, graças a Deus, por enquanto hoje aqui não tem violência, tem violência de uma outra forma, mas não aquela violência de São Paulo, dos grandes centros urbanos, não é? Mas dá muito medo que chegue até a gente, sabe? E a educação das crianças hoje, a falta de limite, não é? Parece que os pais não têm aquela postura de dar uma regra pro filho e cobrar ela. Então tem pais que querem levar na base da pancada, mas bater não vai resolver nada. Vai o diálogo, a conversa, a regra: “você não fez a sua tarefa, você vai ficar de castigo!”, “quando você não fizer, você não vai ter acesso aos seus brinquedos”. Isso hoje não tem. E falo do salário também, eu batalho por salário melhor, mas...

E: E como era o trabalho no início da carreira? Como era ser professor?

I: Olha, era mais valorizado. O professor era mais valorizado. Hoje eu tenho ideias e ideias em relação a como o professor é visto, por parte de profissionais colegas, por parte dos pais e até as demais autoridades que também formam o esquadrão da educação. Mas eu sempre cumpro, eu estou fazendo o meu papel, sabe? Quero cumprir bem. Gosto muito de alfabetizar. Uma turma que eu tinha o ano passado no 2º ano, hoje estão no 3º, estão escrevendo

bonitinho, só que eu não canso, eu não sento, eu não canso de mostrar que essa letrinha não é assim, que tem que apagar, fazer de novo... mas faltando pra 70 anos mais 3 anos, eu acho que devo deixar meu lugar pra outro, de repente, pra uma pessoa diferente.

E: O que você se imagina fazendo depois da aposentadoria?

I: Eu comprei uma chácara, eu quero desenvolver jardinagem, artesanato, sabe? Gosto muito de estar ajudando as pessoas do bairro. Durante a semana tiro um dia pra círculo bíblico, as pessoas que necessitam sempre eu estou correndo atrás pra ajudar, ou com alimento, ou com roupas, se eu não tenho eu vou buscar em quem tenha e levo a vida assim, porque eu fiquei viúva e hoje não vivo sozinha praticamente, não é todo dia, mas tem alguém conversando comigo, a gente sai, mas assim, praticamente eu tenho mais liberdade pra fazer isso. Certo?

E: Como você entende o trabalho do professor? Qual é seu papel?

I: Muitas vezes quando eu vejo violência eu penso assim: “parece que não passaram por uma sala de aula”. Hoje é no trânsito, nas relações sociais... Eu acho que o papel do professor é tudo, não é? É a base, sai da família, principalmente nós que trabalhamos aqui em bairros em que a criança, às vezes, não em uma boa alimentação, um bom convívio, não vê os pais todo dia, certo? Às vezes eles nem a noite chegam ver, ficam na rua todo o dia. Então é importantíssimo o papel do professor, é essencial, é a base pra uma vida inteira, principalmente nas séries iniciais.

E: Agora eu quero te mostrar essas reportagens e vou pedir para você comentar comigo o que te chamou a atenção nelas.

I: Então, como eu disse pra você, antigamente não existia isso, agressão contra professores. Não sei se foi no programa Profissão Repórter, mas passou esses dias casos e mais casos de agressão contra professores. O que eu penso disso? Eu penso que escola tem que se modificar, vai ter que ser mudada. Agora esse indivíduo que comete um delito desse aqui ele está propriamente desinformado, sem uma família que dê um alicerce, porque hoje nós temos vários tipos de família, mas é o mundo que a gente está vivendo hoje. Então eu espero que seja... É a mesma coisa quando a gente fala: “tem tantos presos!” e a educação deve ser diferente daqui pra frente, porque às vezes o adulto que já passou da idade, às vezes não tem mais nem remédio pra ele e a educação é a base disso aqui, porque uma criança que estuda, bem alimentada, bem formada e informada, não vai cometer isso aqui, ela vai ter amor pelo patrimônio próprio, é dela, ela faz parte, é o mundo que ela vive e aquilo é dela também.

Então não faria isso se tivesse consciência, tá faltando muita consciência. E também por parte dos políticos, não é? Essa massa... eu digo assim, essa massa são as pessoas, que parece que não é uma massa modelada, é uma massa feita, que não tem uniformidade, então elas podem... é tão desagregada. Que parem de eleger políticos que não estão voltados pro bem da sociedade. E como ter esses políticos também? Deixo a pergunta.

E: Eu tenho aqui essa outra reportagem que saiu na Revista “Escola Pública” fazendo um alerta sobre saúde do professor, vamos ver esses gráficos. Eu gostaria que você comentasse esses dados também.

I: Olha, esses tempos eles estavam dizendo que casa de saúde, casa de repouso, tem muitos professores, sabe? Eu não sei muito bem o que falar sobre isso aqui, porque no meu caso, eu dificilmente pego atestado, eu estou com uma veia que precisa ser retirada, mas como ela não dói eu fico esperando, adiando, sabe? Mas a questão da saúde já é também hereditária e o *stress* também, do dia-a-dia, porque as crianças levam... é lógico que se está nesse patamar aqui, nessas porcentagens altíssimas, são decorrentes, porque as crianças são assim mesmo. Acho que o número de alunos poderia ser menor, porque eu vejo que o dia que tem menos alunos é bem melhor pra trabalhar.

E: Você acha então que existem situações no trabalho que também influenciam a saúde do professor?

I: Sim, outra situação é a carga horária do professor. Se ele tivesse um salário mais digno, melhor, ele poderia ter menos horas, porque 40 horas semanais não é fácil não. Eu vejo assim, eu trabalho como regente de manhã, a tarde eu trabalho projetos, aí você tem que dar conta das aulas prontas, preparadas, vai em uma sala, saí, vai em outra. Aí você chega em casa com esse calor... eu tenho que chegar, tirar a calça que está apertando, tomar um banho, vestir uma outra roupa, tomar um suco, deitar e descansar. E é um stress muito grande. No mais, pra falar disso, eu sei que tem muitos problemas que acarretam, sei de professores que já tiveram que ficar afastados por motivo de doença, só que pra falar sobre a saúde, essa questão eu sou bastante leiga, seria isso.

Entrevistada: **Professora Marta**

Data em que a entrevista foi realizada: 26 de fevereiro de 2014

E: Você é professora regente? Esta com que ano?

M: Sim, estou com o 3º ano.

E: Você é professora há quanto tempo?

M: Há 25 anos?

E: Você está prestes a se aposentar?

M: Não, na verdade já deu o tempo da aposentadoria, mas eu optei por continuar mais um tempo.

E: E por que você fez essa opção por continuar?

M: Porque eu penso assim: gente, eu ainda estou jovem, eu ainda posso contribuir mais um pouco, não é? Aí penso: ficar em casa, não é? Sendo que eu gosto do que eu faço. Então eu acho que dá pra continuar, que eu estou bem de saúde e tudo. Então eu optei por continuar mais um pouco e aí ver até quando dá. Quando for a hora de parar a gente para (risos).

E: Então eu gostaria de conhecer a sua história como professora, o que te levou a isso..

M: Então, na verdade, foi por acaso (risos). Eu morava em uma cidade pequena, então não tinha muita opção. Ou era o magistério ou a contabilidade. E aí falei: “ah, vou optar por magistério”, porque era durante o dia. Comecei a fazer o magistério e até estive pra desistir no meio do curso. “Ai, acho que não é isso”. Daí: “Não! vou terminar!”. Terminei o curso, depois logo eu casei e vim pra cá, daí já fiz a inscrição na prefeitura, consegui uma sala de aula, acabei me achando e falei: “Acho que era isso mesmo”, e estou até hoje (risos), continuei.

E: E você vê diferenças no exercício da sua profissão nesses anos de trabalho?

M: Sim, muita diferença. Na questão do aprendizado, da disciplina, não é? Houve bastante diferença. Muita diferença! Porque no começo parece que os alunos vinham e queriam aprender. Você estava ali explicando tudo e eles estavam mais interessados. Hoje eles... Você tá falando e eles não estão nem vendo que você está ali. Você tem que ficar chamando a atenção o tempo todo: “olha aqui, estou mostrando!”. Então é difícil você prender a atenção deles hoje. Eu vejo que hoje, parece que eles têm muito mais dificuldades de aprendizado que antes, não sei se é porque hoje tem muita tecnologia, muita coisa, então eles faltam muito e... É muita coisa pra aprender e tal. Então eu acho que de repente, não sei se é isso, mas eu penso que deva ser um pouco isso. Porque hoje está bem mais complicado! Questão de disciplina, antes o professor falava e eles tinham um certo respeito. Hoje não. Você está falando e eles estão batendo boca com você de igual pra igual. Não tem mais aquele respeito pelo professor. Que eu acho que bem antes se tinha um respeito maior pelo professor. Professor era o professor. Hoje, já não tem tanto esse respeito. Não é generalizando, mas tem uma boa parte que... eles não estão nem aí. Falam palavrão, mandam você ir... . Então é bem complicado hoje. E hoje também os pais, não todos, mas tem também os pais que mandam o filho pra escola e deixam, não vêm saber, não vêm perguntar, não vêm nem pegar o boletim pra saber como é que está o filho, o que está acontecendo. Às vezes você manda chamar, o pai não vem, então tá bem difícil pra trabalhar agora assim.

E: E que reflexos você acha que isso tem no trabalho do professor?

M: Olha, eu acho que muito desgastante para o professor. O professor, você pode ver que vive doente, não é? Professor com depressão porque acaba refletindo tudo ali pra ele. É tudo. Por mais que você tenha a contribuição da orientação, da direção, mas sobra tudo pro professor, todos os problemas cai lá, não é?. Você tem que dar conta do aluno não aprender. Você acaba sendo mãe, você acaba sendo dentista, você acaba sendo tudo ali praquela criança. Criança que praticamente fica sozinha às vezes na casa, que não tem um acompanhamento. Então ele vem pra escola e traz todos esses problemas para o professor, não é?. É muito difícil pra trabalhar hoje. É complicado, bem complicado mesmo.

E: Você acha que diante disso, o professor consegue cumprir com suas responsabilidades na escola?

M: Cinquenta por cento não. Acaba ficando pra traz essa função aí. É difícil você levar tudo ao mesmo tempo. Você tem que ensinar ler do 1º ao 3ª ano, você tem que ensinar a ler, a escrever e participar da vida particular do aluno também, não é? Então fica difícil você exercer sua função só de professor: de ensinar. Se fosse só a função de professor seria bem mais fácil do que está sendo, não é?

E: Você comentou sobre a saúde do professor. Eu gostaria de te mostrar essa reportagem que fala justamente sobre isso. Eu vou te pedir para olhar esses gráficos com alguns dados e me dizer o que você pensa a respeito.

M: A gente vê que tem vários colegas da gente que não conseguem mais entrar numa sala de aula, tem pânico, não é? Eu inclusive tive uma depressão, não foi tão grave, mas eu tive. De ficar uns dias afastada, fazer tratamento.

E: Você relaciona isso ao trabalho?

M: Então, é. Pelo que dá pra entender é o estresse. O médico, a única coisa que falava: “Por que você está tão nervosa?”. “É por causa disso”. Ele falava: “Como está sua família?”. Eu falava: “Não, na minha família está tudo bem. Então, se estava tudo bem, porque daquela situação, não é? Até demorou um tempo pra eu descobrir que realmente eu estava depressiva e tive que fazer um tratamento. “Não, é uma depressão!”. Aí, graças a Deus foi uma coisa rápida, não foi uma coisa prolongada, mas eu tive nesse quadro aí também.

E: Você chegou a ficar um tempo afastada?

M: Não, eu não me afastei. Na verdade eu peguei atestado dois ou três dias. Foi... Como se diz? Assim... bem no início que eu percebia que não estava bem, não é? Então já procurei um médico e tal... Então fiquei assim dois ou três dias. Foram poucos dias, aí já comecei a tomar o remédio, fui melhorando... Então, depois parei de tomar o remédio e foi tudo. Hoje não faço mais uso. Então a gente vê os colegas da gente que estão nesse quadro, afastados, que têm pânico de sala de aula, porque tá difícil ser professor hoje, não é?

E: O que, em sua opinião, tem sido mais difícil?

M: Eu acho assim, que é muito complicada a questão... Assim, a gente tem muito problema em sala de aula. Muitos, não é? Cada criança tem uma particularidade. Daí tem muitos problemas, às vezes tem criança com... como é que fala? É... que tem laudo, que toma medicação. Então assim, muitas vezes essa criança demora pra ser avaliada porque tem todo um processo, não é uma coisa assim que manda e já... não é? Então demora. Daí essa criança tem um problema de aprendizagem e você tem que trabalhar, porque essa criança tem que aprender. Então é desgastante, porque até que essa criança consiga ser medicada, não é? Então tudo isso demora, às vezes naquele ano você não consegue. Demora muito. Então acho que isso dificulta bastante. E a falta de comprometimento da família, isso também desgasta muito, porque você tem que fazer tudo sozinha. Quando você tem o apoio dos pais se torna mais fácil, você manda uma tarefa, o pai olha o caderno, ajuda e muitas vezes, nas nossas crianças, a gente não vê isso. Numa sala de aula com vinte e cinco, às vezes têm quatro ou cinco que o pai olha o caderno, que vê a tarefa, que vêm perguntar, não é? É muito pouco. Você tem que ter resultado porque todo mundo vai cobrar do professor: “Por que essa criança não aprende?” Então você tem que se virar.

E: Eu trouxe também outras duas reportagens que eu gostaria que você lesse e, da mesma forma, me dissesse o que elas te fazem pensar.

M: É, aqui, por enquanto, na nossa realidade, eu nunca vi um caso assim. Eu estou aqui desde 1992, nunca presenciei um caso assim de aluno querer agredir professor ou diretora. Agora essa outra acontece, de quebrarem os vidros, de quebrarem coisas da escola no fim de semana. Já entraram aqui pra roubar... Às vezes, a gente não sabe se é o tipo do aluno ou não, mas entram, sabe, quebram... Isso fazem.

E: E por que você acha que essas coisas acontecem?

M: Olha, eu acho assim, é... realmente esses adolescentes estão indo por um caminho não correto. Hoje em dia a maioria se envolve com droga, não é? Às vezes na própria família, a família toda esta desestruturada... é mãe pra um lado, pai pro outro e essas crianças acabam ficando sozinhas. Um cuida, outro cuida... Então, acho que isso contribui bastante e eles vão entrando assim num mundo de drogas, de violência, então... É bem complicado mesmo isso aqui, porque a gente vê na televisão cada coisa, não é? Aqui a gente não presenciou tanto, é

uma realidade diferente, mas quando a gente assiste à televisão, a gente vê essas coisas assim muito graves que acontecem... espancam professor... casos até de matar, né, o professor. Então eu acho assim, que falta muito família aí, muito família. Então, que nem a escola, a escola falta muito também. Só que assim, o papel da escola hoje, hoje não, sempre foi, não é de passar uma educação. Educação formal é o pai que tem que passar. Eles vêm pra ter um conhecimento e lógico, você vai colocando as regras que uma sociedade tem e muitas vezes eles não respeitam, principalmente quando estão na adolescência, que é pior ainda, né. Falta muito limite, muito limite... então é difícil.

E: Eu queria saber, como você poderia se aposentar, mas optou por continuar, o que você se imagina fazendo após sua aposentadoria? E o que te faz continuar, diante do que você me falou?

M: Ah, eu me vejo assim... é uma sensação estranha, porque o ano passado eu sai de licença, eu tinha licença premium e devido a aposentadoria eu teria que tirar. Então eu tirei do mês de julho até novembro. Nossa, é uma sensação estranha, você quer e daí você fica assim com um vazio. É sua rotina isso daqui... vem de manhã e tal, aquelas crianças e tal. Então você sente... é, eu até comentei com o diretor, falei: “Você quer, mas não sei se você fica feliz ou se você fica triste, aí da uma sensação assim de impotência, que você não serve pra nada”. Então é ruim assim, não é? Mas assim, eu fiquei nessa sensação de bom, era bom, eu pensava: “nossa, vou poder ficar em casa, vou ter um horário livre pra fazer o que eu quero, vai ser bom”. Foi bom, os primeiros dias e tal, depois já vai dando um... você vê as crianças vindo pra escola, da vontade de vir também. Por mais que é difícil, mas você quer tá aqui. Então, não sei, quando eu realmente falar: “vou parar”, eu não sei o que eu vou fazer. Eu penso que parar de trabalhar não, mas o que eu vou fazer ainda eu não sei (risos).

Entrevistada: **Professora Rosa**

Data em que a entrevista foi: 26 de fevereiro de 2014.

E: Você está trabalhando como professora regente?

R: Sim.

E: Quantos anos de profissão você tem?

R: Dez

E: Com que ano você está trabalhando?

R: Com 1º ano, desde quando eu entrei e 5º ano.

E: Eu queria conhecer um pouco a sua história como professora, você pode me contar?

R: Sim. Então, na minha família já tem duas professoras, aí quando eu fiz a 8ª série minhas tias já falaram pra eu fazer magistério e eu comecei a fazer magistério. O primeiro ano eu não gostei, depois comecei a gostar e fiz. Aí fui tentando concurso, passei e hoje eu gosto do que eu faço.

E: E nesses dez anos, como tem sido o seu trabalho?

R: Bom, quando eu comecei, comecei no primeiro ano, eu fazia faculdade, então eu só trabalhava um período. Eu peguei uma turma bem complicada mesmo, bem agressiva, agitada, não tinha compromisso, muita revolta, muitos alunos com problemas familiares. Daí refletia na escola, na sala, muito revoltados. Eu tive bastante dificuldade, mas as outras turmas foram melhores, porque o primeiro ano é mais complicado, você tem que ter um trabalho bem maior, não é? Até a adaptação. Depois você tem que ensinar. Então eu enfrentei bastante dificuldade, só que eu ainda estou persistindo. Agora a gente tem uma nova dificuldade que os alunos estão vindo mais cedo, antes eles eram mais velhos, mais maduros e tinham dificuldades, hoje são mais novos, com as mesmas dificuldades. Eles estão entrando mais novos na 1ª série.

E: Quais são as dificuldade que você enfrenta hoje?

R: Tanto comportamento, quanto aprendizagem, porque no 1º ano agora tem aluno com 5 anos. Aos 5 anos, se você olhar seu filho em casa, ele quer brincar. Tem criança que tem um

despertar da aprendizagem mais rápido, mesmo que ele é novo, ele fala antes, ele anda antes, ele aprende mais rápido. Tem criança que não, que tem uma idade cronológica diferente, ela tá na série, mas está com o cronológico dela lá atrás ainda. Ela ainda fala errado, ela ainda quer brincar, quer chamar atenção, então ela demora mais pra se adaptar e vai chegar ao final do ano igual aquela criança: “Ah, meu filho ainda não está lendo”. Aí no primeiro bimestre do 2º ano ele já desperta, porque a idade dele ainda não... Então você tem que ter todo esse compromisso, essa atenção, pra você não bloquear essa criança, porque daí você chega lá a criança com 5 anos, ela ainda está com a coordenação motora não tá definida, “não, escreve assim”, “escreve manuscrito”, “o ‘azinho’ assim, assim”. Então você não pode forçar, pra não pegar raiva da escola, raiva de estudar. Tem que ter todo esse trabalho. Essa mudança do 1º ano que vem mais cedo acarreta isso, porque pra gente tem a idade cronológica a gente entende isso, agora pra educação, tem que sair alfabetizado, tem que sair lendo, escrevendo, interpretando, não é? Então se você olhar bem, no papel é uma coisa, na realidade é outra.

E: E como você entende o papel do professor?

R: Então, eu acho que essas coisas interferem no papel do professor, porque aquele professor que estava acostumado com a 1ª série, vai precisar se conscientizar, ter que saber voltar e ver os níveis da turma dele. Por exemplo, se eu dou aula aqui é uma clientela, se eu dou aula no centro é outra clientela de crianças, outros níveis diferentes. Então eu dou aula em duas escolas diferentes, minha turma aqui está lendo, a turma x da outra professora não está lendo, mas tem que ver essa clientela, os problemas dessa comunidade, os problemas dessa escola, dessas crianças, que interferem na aprendizagem dela, porque ela não está ali só pra você, ela está ali, mas ela tem todo um contexto. Tem uma cobrança, porque o livro didático já vem de cima. Tem uma cobrança. Eu tenho alunos no 1º ano que não sabem escrever o primeiro nome, mas os livros já vêm pra ele ler e ele tem que ler, ou o professor tem que ler. Aí no 2º ano, no 1º bimestre do 2º ano, ele faz a tal Provinha Brasil, entre aspas, que ele tem que fazer sozinho. Então o aluno que não chegou até o final do ano, com essa idade cronológica que eu falei, que ainda não leu, que ainda está iniciando, não está totalmente cru, não é que não sabe nada, ele sabe, só que ainda não está totalmente preparado, redondinho, como eu disse: lendo, escrevendo, interpretando. Ele vai fazer essa prova? Ele não vai fazer essa prova, ele vai ter dificuldade, porque no 1º ano o professor lê estorinha, o professor lê tudo pra ele fazer. Lá ele só pega a prova e faz. Sozinho ele não vai conseguir. Esse índice vai relatar lá na Secretaria, esse índice vai relatar pra lá, aí vem aquela cobrança no professor. Vem material, vem isso, aquilo, mas na verdade, não é isso, não é? Na verdade não é isso. Daí fica o problema na

escola, “aquela escola não ensina!”. E não é, porque um aluno consegue derrubar o índice da escola toda. Fica cobrando do professor, que vai jogar a cobrança pro aluno e na família reflete isso e quem acaba sendo culpado nisso? Quem acaba sendo prejudicado, na verdade, é sempre o aluno. Então essa mudança, até eu mesmo como professora de 1º ano, eu já não gosto de pegar Pré, por quê? Porque eu acho que eu vou começar alfabetizar o Pré, porque o Pré é todo aquele trabalho de planejar, já é mais ainda voltado pro desenvolvimento. Então eu tenho essa consciência de professora de 1º ano, que eu não tenho que forçar tanto, imagina eu no Pré (risos). Então eu já falo quando eu vou escolher turma: “não, Pré eu não quero!”, justamente por isso, porque eu dou aula pra 1º e pro 5ª, então você pega um ritmo. Então se você for voltar, você tem que ter todo um trabalho com você antes.

E: Diante disso, como você tem visto a profissão de professor?

R: Eu acho um trabalho bom. Eu acho que os profissionais todos trabalham. Eles tentam ajudar o aluno, melhorar seu rendimento na sala, procurar trazer coisas novas, mas eu acho que ainda o problema está com os alunos, na minha visão, na minha percepção, né, enquanto a gente não resolver os problemas familiares a escola vai continuar sendo a mesma, sempre a mesma, professor batendo na mesma tecla, tentando falar as coisas e os alunos não vão conseguir. Porque eu acho assim, só se a gente começar a falar nas gírias, deixar tudo, deixar usar celular na sala, deixar eles fazerem o que quiserem, porque é isso que eles querem hoje. Então aí bate na mesma tecla. O professor cobra, não quer, não pode, eles vão pegar raiva do professor, o professor que é chato, aquele professor que não faz nada é legal. Porque eles observam quando o professor está ensinando, quando o professor está brincando, quando o professor está deixando passar, eles sabem, sabem muito bem disso. Então, a gente enquanto profissionais, eu acho que todo professor faz o seu papel, só que tem professor que realmente se estressa mais, ele perde a paciência e tem aquele que se acomoda mais também. Eu acho que é melhor aquele que se estressa (risos) e perde a paciência porque ele está tentando fazer alguma coisa. O que se acomoda é pior, porque daí aceita tudo do jeito que é.

E: E qual você acha que é o papel do professor na escola?

R: É de ensinar os alunos, ensinar de maneiras diferenciadas, diversificadas, que eles consigam aprender.

E: Eu gostaria agora de te mostrar essa reportagem que faz um alerta sobre a saúde do professor (...). Gostaria que você olhasse esses gráficos e me disse o que eles te fazem pensar.

R: Ah, igual ansiedade, você fica ansiosa, porque você tem um cronograma, você chega no começo do ano, você tem reuniões pedagógicas, tanto da Secretaria, quanto na escola, eles te dão um cronograma que você sabe que tem que seguir, tem bimestres pra cumprir, dias letivos, conteúdos pra cumprir nesses bimestres. Só que os alunos não sabem disso. E mesmo que você passe eles não... você tem o bimestre, então chegou no final de março você tem aquele objetivo, você tem que terminar o bimestre, você tem que avaliar o aluno, você tem que dar aquele conteúdo pro aluno não ficar até o final do ano sem aquele conteúdo. Daí você começa a dar um conteúdo, a sala ainda não está preparada, aí você tem que voltar, só que o tempo não é suficiente pra eles. Nesse meio tempo você tem curso, você tem escovação de dente pra fazer nos alunos, você tem que levar os alunos no dentista, você tem que levar no laboratório, você tem que ir não sei aonde, tem que ir não sei aonde. Aí você vê que a sua semana não rendeu. Você saiu da aula, você fez isso, fez aquilo, então não rendeu. Os alunos não aprenderam. Você tem que aplicar prova, e você está com ciência que você está aplicando prova e que os alunos não estão preparados, que eles não vão... Então essa ansiedade vai aumentar, com certeza, você vai ficar ansiosa, vai ficar nervosa. Aí você vai ficar nervosa com tudo. Igual eu mesma falo, eu estou com aulas de 1º e 5º ano, a gente ficou um dia na escola, no começo do ano. A dez anos atrás, quando eu entrei, a gente ficava uma semana na escola. A gente voltava uma semana antes, mas uma semana pra você ficar na escola, pra ter reunião com os professores, direção, pra você arrumar sua sala, pra você preparar aula. Agora não, agora a gente volta três dias antes, a gente fica lá na Secretaria que, na minha visão, com o perdão da palavra, a gente só fica ouvindo “baboseira”, porque você fica lá ouvindo fulano de tal que vem lá dar palestra. A gente não está precisando de gente de fora que vem dar palestra de incentivo, a gente está precisando de trabalho na escola, mais tempo também. Então ficamos lá, fizemos oficina de planejamento que poderia ser feito durante o ano, outros dias da semana reunir a noite, ou horário de aula pra ir professores determinados daquela turma pra fazer sua oficina. E aí, você recebe seus alunos como? Assim, do nada. Recebi meus alunos, eu estou com a minha sala do 1º ano totalmente crua, não tem alfabeto na parede, não tem nada ainda, por quê? Porque eu comecei sem nada, as coisas que eu pude fazer eu tive que fazer em casa a noite. Todos os crachazinhos, uma decoraçãozinha, uma lembrancinha, fizemos a noite em casa porque tivemos cursos, cursos todos esses dias. Aí começam as aulas, você tem sim hora atividade, mas que horas que você vai ficar na sua sala pra arrumar a sala? Porque vem um professor de Educação Física, você tem que sair da sala, vem um professor tal, você tem que sair da sala, daí você carrega caderno, carrega isso e quando você cola? A noite? Sábado? Domingo? E chegou no final de março você tem que dar

conta do seu conteúdo, só que você tá ensinando números e não tem nenhuma visão pros alunos, a sala não está preparada pra receber. Então, é ansioso? É ansioso. Eu estou com duas semanas que eu não consigo colar meus cartazes, por essa semana eu ia colar na aula de Educação Física, a professora ia sair, mas precisou se ausentar, não veio. Vai chegar o final do mês, aí chega os pais e fala: “Nossa, aquela professora nem decorou a sala”. Então é cobrado? É cobrado. Vai gerar mais ansiedade pra gente isso. Você está vendo que os alunos precisam de um apoio, de um auxílio e não tem, porque jogam as coisas pra gente, cursos e outras coisas que você tem que dar conta, preencher isso, preencher aquilo, mas não te dão tempo. Então eu acho que a gente já começa com essa ansiedade, já começa atrasado, já começa desarrumado, aí termina assim, porque eu vou demorar bastante tempo pra arrumar a sala, aí chegam as férias. Então eu acho que a gente tem que começar o ano sossegado, porque se a gente tem uma semana antes dos alunos, é lógico que é pra você fica na escola, na sua sala, pra você recolher material. Daí chega os alunos e é mais complicado. Você não pode chegar antes da hora pra ficar fazendo coisas. Aí a gente fica com a cabeça dando aula, tendo que colar cartaz, tem que preparar, fazer alguma coisa ali junto com os alunos, aí não dá... aí você tem que fazer três coisas, quatro coisas, ao mesmo tempo e vai gerar ansiedade. Por isso eu acho que o índice de ansiedade é muito grande. Ou, se não, você leva tudo pra casa. Aí chega na sua casa você tem marido, filhos, trabalho, tudo na sua casa, junto. Então eu acho que a profissão de professor, professora aumenta esse índice de doença? Aumenta. Porque tem professor que não consegue, ele quer manter a sala dele arrumada, então ele se sobrecarrega, leva pra casa, ele quer fazer. E tem gente que não liga. Melhor também, que daí a gente não adoce (risos). Não liga e vai fazendo como pode. Porque todo mundo tem marido, tem filho, tem casa, tem tudo, então a gente vai levando. Não tem como fazer, então vai gerar isso.

E: Você já precisou se afastar por algum tipo de doença?

R: Não, mas uma prima minha já. Hoje ela está aposentada, teve que se aposentar antes porque ela teve problema com isso. Ela dava aula. Na escola ela era tudo, ela que fazia a decoração de toda a escola, de todas as salas, festas, danças, tudo. Hoje ela tá afastada com problemas no braço. E eu já passei por isso sim, quando entrei, a dez anos atrás, eu andava de caderninho das crianças de tarefa, levava pra casa, fazia tudo, fazia tudo em casa. Eu saia torta, com o carro cheio de coisas, cartazes pra fazer, tudo. E eu fui vendo assim, que você não é reconhecida por isso, ninguém te agradece ou te fala alguma coisa em relação a isso. Não dos alunos, mas dentro do seu corpo docente, escolar, ninguém vê isso. Diretor não vê

que você está se esforçando, o orientador não vê, ninguém vê. Então a hora de você receber bronca, você leva por todos, que é outro caso complicado. Eu mesmo já fiz outro caminho, né, eu já vi que eu tenho tantos anos de profissão e vou ter mais anos, eu gosto da minha profissão, só que eu tenho que cuidar da minha saúde, então eu não me estresso. Conforme eu posso eu faço. Dou conta, mas assim, ficar pendurada de caderno em casa, levando pra casa, não. Então a gente vai trabalhar, tem hora atividade pra fazer as coisas na escola? Eu vou fazer na escola. Se não eu vou acabar tendo problema de afastamento. Eu já tenho problema de voz, os dias que eu falo muito eu sinto que eu fio rouca, eu fico rouca assim do nada. Então eu já sei que eu posso ter problemas vocais mais tarde, por isso eu procuro não forçar muito, beber bastante água. Eu já estou sentindo isso e vejo que tem pessoas com problemas muito sérios. Mas quanto à ansiedade e nervosismo eu procuro, eu vejo, eu consigo ver isso, então eu consigo amenizar, pra eu não me estressar tanto. Igual o primeiro ano, é cobrado? É cobrado. Mas eu falo sempre assim: eu trabalho com meus alunos dependendo dos meus alunos, se eles não têm condições eu não vou forçar. Eu não vou forçar, porque eu não vou causar um problema psicológico à toa. Eu tenho um aluno no 1º ano que até hoje ele está chorando, até hoje ele chora, tem 5 anos, então, daí eu vou chegar e vou... Eu cobro, mas... Até a mãe chegou em mim e falou: “professora, será que não é o caso de levar em uma psicóloga?”. Eu falei que não, porque ele fica. Ele chora só pra ficar, mas ele fica normal, ele participa de tudo. Então é uma manha de criança, ele é praticamente um bebê ainda. Aí ela falou que está demorando demais. Eu falei que é de criança pra criança. Tem uns que em dois dias já param de chorar, tem outros que vai dois meses.

E: Eu tenho essas outras reportagens, que eu gostaria que da mesma forma você lesse e me dissesse o que pensa a respeito.

R: Olha, essas realidades não estão muito distante não. É que a gente trabalha com os alunos sem saber a realidade deles, sem saber a realidade que eles têm em casa, se eles estão acostumados a ver brigas, discussão, violência. Eu digo que hoje em dia... Antigamente a gente trabalhava com os alunos com amor: “Olha filho, meu queridinho, você não pode bater no seu amiguinho, você não pode fazer isso”. Hoje em dia você não pode falar mais, você tem que gritar, porque eles só ouvem assim, porque eles são acostumados a viver no grito. Então, às vezes, você fala baixo, com carinho, ele não está nem aí. E, às vezes, ele está tão acostumado em casa com agressividade, que se você tratar ele com agressividade, ele fica mais agressivo ainda. Então isso é uma realidade. Eu procuro, antes de ficar brigando com meu aluno, de ficar colocando ele de castigo, eu procuro saber um pouquinho, só um

pouquinho, de como ele vive em casa, se vive com a mãe, se vive com o pai, se ele tem, se não tem, se vive com a avó, saber um pouquinho a realidade dele, porque eu acho que tudo isso está interferindo. Enquanto não mudar as famílias, não vai mudar a educação, não vai mudar a política, não vai mudar nada, enquanto não mudar as famílias. Então o problema está dentro do seio familiar. Podem investir o quanto quiser nas escolas, mas eu ainda acho que o problema é familiar. E a questão das escolas serem invadidas, destruídas, depredadas, isso também vem um pouco da família e um pouco da questão política, porque hoje o aluno não precisa se preocupar em estudar. Ele precisa se preocupar em estudar, mas ele não precisa se preocupar se vai ter material, se vai ter roupa, porque hoje se ganha tudo, hoje você pega uma lista de presença, tem muitas crianças que recebem bolsa escola, então eles vêm pra escola, não porque eles querem estudar, porque se eles faltam, eles vão perder o benefício e a família também sabe disso. Então, pra que eu vou cuidar de uma coisa que não me custou nada? Você vê isso na própria sala, as crianças riscam carteiras, quebram vidro, portas eles estragam. Isso com os professores, diretores, todo mundo na escola, imagina com a escola sozinha, não é? Então, eu acho que tudo vem muito de graça, muito de mão beijada. Diminuir a evasão na escola não é dar dinheiro pro aluno vir pra escola. Eu acho que eles tinham que criar outro método pra diminuir a evasão da escola, porque eles não dão valor mesmo. E é igual você educa seu filho, se você ensinar pra ele que ele tem que valorizar o que ele ganha, ele já mais vai fazer isso lá fora, mas se vem tudo de mão beijada e ele recebe sem ter essa consciência, vai acontecer isso mesmo. E essa agressão aqui é o que eu falo, é dentro de casa. Às vezes você fala pro aluno, você faz isso na sua casa? Eles falam pra você que sim, aí você fica sem argumento pra questionar, porque a melhor coisa que você tem entre irmão com irmão, pai com mãe, o respeito. Perdeu isso em casa, você não ganha em lugar nenhum. Eu, por experiência, pelos meus alunos que são agressivos, de repente, com agressividade você dá um choque, pra ele notar que você está vendo que ele está fazendo algo errado, ele vai te respeitar um pouquinho, mas aí você tem que baixar a bola e conversar com mais carinho, porque ele não tem, quando ele conhecer esse lado, quem sabe? Aí ele vai escolher se vai ficar com o comportamento da professora ou com o que ele tem em casa.

Entrevistada: **Professora Sandra**

Data em que a entrevista foi realizada: 26 de fevereiro de 2014.

E: Você é professora regente?

S: Sou, do 1º ano.

E: E quantos anos de profissão você tem?

S: Eu tenho nove anos, quase dez.

E: Como foi seu início na profissão? O que te levou a ser professora?

S: Olha, eu não tinha intenção nenhuma de ser professora, nunca tive. No início, quando você está pensando em fazer uma faculdade, alguma coisa assim, essa era uma opção que não passava pela minha cabeça. Daí eu fui trabalhando muito tempo no comércio e uma prima que me incentivou a fazer o magistério. Na época ia ter um curso de magistério na cidade onde eu moro e ela me incentivou bastante. Eu comecei assim, meio que sem vontade, mas fiz o magistério, comecei a fazer estágio, depois eu terminei o magistério e fui pra faculdade de Pedagogia. Eu fiz o concurso, antes de terminar a faculdade, e passei, aqui no município de Campo Mourão e aí estou até agora.

E: Ao longo dos estudos você se interessou pela profissão?

S: É, gostei. Era uma coisa que eu nunca tinha pensando, mas, não sei, me surpreendi comigo mesma, por não gostar muito e fazer o que eu estou fazendo agora.

E: Por que ser professora nunca havia passado pela sua cabeça antes?

S: Eu não tinha ideia nenhuma da profissão. A gente vê como a maioria das pessoas que não está envolvida nesse ambiente, que olha de longe e fala: “nossa, deve ser muito difícil lidar com um bando de crianças!”. Acho que era mais ou menos isso. Depois que você entra, você vê que é difícil, mas não é tudo aquilo que a gente imagina. Você imagina que não tenha jeito pra tudo isso, eu imaginava que não tinha muito jeito, mas a gente se surpreende.

E: Hoje, depois de 9 anos como professora, como você vê essa profissão?

P: A profissão, no geral, eu vejo como muito desvalorizada, muito, muito, muito mesmo! Quem está aqui dentro sabe o que um professor tem que fazer, principalmente professor

primário. O que a gente faz dentro de uma escola! Pra certas crianças a gente é tudo, é o pai, a mãe, o psicólogo, o enfermeiro que cuida, tudo! A gente faz praticamente tudo. Eu também trabalho com escola integral, eu fico o dia todo na escola e tem algumas crianças que eu fico o dia todo com elas. A gente vê que faz de tudo. Tem que fazer de tudo um pouco. Muitas vezes, pelo que a gente faz dentro de uma escola, a profissão está muito desvalorizada, em termos financeiros, em termos de condições de trabalho, qualidade de vida, tudo.

E: Você me disse que professor acaba tendo que fazer tudo, sendo um pouco médico, enfermeiro, etc. Você acha que é esse o papel do professor? O que você entende como sendo papel do professor?

S: Não, eu não acho. Eu acho que o papel do professor é aquele que vai pra sala pra ensinar um conteúdo. É lógico que a gente vai ter esse contato bem pessoal com o aluno, principalmente nós que trabalhamos com crianças pequenas, esse lado afetivo não tem como fugir, você acaba se apegando e o aluno à você. Mas eu acho que estão empurrando tudo pras escolas. Tudo quanto é projeto que existe na sociedade vão empurrando pra escola, pro professor trabalhar em sala de aula. As famílias estão jogando o filho na escola e largando pro professor tomar conta e não é o papel do professor. Então, como você já está se envolvendo muito, você acaba sofrendo muito com isso, porque a gente se envolve, não tem como, não é? E professor sofre. Não está só entrando em sala de aula e preparando uma aula e tentando repassar aquele conteúdo, não é só isso, é muito mais, a carga está muito mais pesada.

E: Como você percebe esse sofrimento entre os professores?

S: Olha, você pode ver pelas pesquisas como tem professor doente, professor afastado. A gente, ali na salinha do professor, vê no desabafo mesmo dos professores. A gente desabafa, até um pouco é isso também que ajuda, porque a gente se desafoga naquela salinha com os outros e isso acaba ajudando, passando nossas angústias de um pro outro, desabafando. A gente percebe nesses desabafos, no desânimo muitas vezes de trabalhar. A gente tem professor aqui que a hora que tem que ir pra sala está assim, muito estressado, muito angustiado, não está afim, é uma recusa interna assim, sabe? No dia a dia a gente vai vendo professores passar por isso, por aquilo, é esse o ambiente que a gente vive, um pouco frustrante, não é?

E: É sobre as pesquisas mesmo que eu gostaria de conversar com você agora. Gostaria que você olhasse para esses gráficos, que são de uma reportagem da revista “Escola Pública”, e me dissesse a que eles te remetem.

S: Ai, não sei. A gente leva do jeito que consegue e fica assim, uma esperança de que alguma coisa mude, que o professor seja valorizado. Eu não sei de que forma isso pode ser feito, eu estou mostrando o problema, mas a solução eu não sei, não sei mesmo, porque está cada vez mais difícil e eu vejo que a gente vê muitos professores novos entrando e a gente vê muitos novos saindo ao mesmo tempo. Estão entrando e não estando dando conta, porque eu acho que os professores mais antigos tinham mais essa pegada, essa força e hoje em dia, como está muito mais fácil fazer uma outra faculdade, mudar de profissão enquanto ainda são jovens. Eles estão enxergando isso, estão enxergando que talvez não estão no que eles queriam. A gente fica sabendo que tem notícias que faz um concurso pra professor, muitos assumem, mas não levam a diante, desistem logo no início. E a própria valorização, o profissional parece que não está mais valorizando sua profissão, está levando assim, meio que empurrando. A gente espera que isso mude, sério mesmo, porque eu tenho pouco tempo, trabalhei um tempo no comércio, tenho só 9 anos nessa área e tenho muito tempo pra me aposentar, então a esperança é de que isso mude, que se valorize, não sei de que forma. O salário também, o salário do professor é uma... você não tem condições de pagar um plano de saúde. Então a esperança do professor é de que isso mude e se valorize. E você sabe que eu tenho uma revolta muito grande de assistir televisão e ver reportagem sobre a política e da gente saber o quanto que o Brasil arrecada de impostos, o quanto é investido na educação e o quanto está se roubando nesse país, enquanto a gente está padecendo desse jeito na profissão, é revoltante. Então política eu nem vejo, pode ser um erro muito grande, porque professor precisa estar envolvido com isso. Eu não vejo, não participo, isso só me revolta, não traz nada de esperança. Pra falar bem a verdade pra você, na política brasileira eu não tenho esperança de que valorize o professor. Nesse quadro que está hoje não tem. Então é dessa forma que eu vejo, com esperança, mas não sei, se um milagre, só se for um milagre.

E: Você acha que a valorização salarial resolveria essa questão da desmotivação que você mencionou? O que você acha que está envolvido nisso?

S: Ah, eu acho que melhoraria sim. Já é um incentivo, porque eu não trabalho por *hobby* também, eu dependo disso. Melhoraria porque você tem condições de melhorar a sua qualidade de vida com um salário melhor, já ajudaria. Mas precisa muito mais, muito, muito,

muito mais. Ninguém tem noção do que se passa em uma sala de aula, com pressão de pais, com pressão de aluno, com pressão de todo mundo da sociedade. Tem que melhorar muito isso. A própria comunidade, o próprio aluno tinha que valorizar mais o professor, não sei de que maneira. Estão dando muito poder ao aluno e o professor tá...

E: E você, já chegou a se afastar por problemas de saúde, já teve problemas relacionados à profissão?

S: Não, graças a Deus não.

E: E conhece professores que precisaram se afastar?

S: Muitos, nossa!

E: Professora, também gostaria de te pedir para ler essas outras duas reportagens e comentar, da mesma forma como com a anterior, caso tenha mais coisas a acrescentar.

S: Então, esse vandalismo que acontece, até na nossa escola também acontece vandalismo. É, eu ainda não consegui compreender. É a pobreza da sociedade, não sei, tem coisas que a gente não consegue compreender. Às vezes, até os alunos que passaram por aqui que voltam e acabam destruindo a escola por... não sei. Uma maneira muito pobre de se divertir, não é? Mas é isso aí mesmo, a gente está nesse ambiente. A gente está aí dentro. Pra você ver como é angustiante, é a mesma realidade. Isso quando não causa medo, não é? Porque a gente tem profissionais aqui dentro da escola já afastados por pânico, por medo, por ameaça, assim não dá! Então a gente está dentro disso tudo, é muito triste. É que a gente tem... primeiro porque a gente precisa trabalhar e tem um compromisso, não é? Se não... E a gente vê que o caminho é de muito mais profissionais doentes, chega uma hora que a gente não sabe o que vai acontecer.

Entrevistada: **Professora Lourdes**

Data em que a entrevista foi realizada: 26 de fevereiro de 2014

E: você é professora regente?

L: Sim.

E: Qual sua carga horária?

L: 40 horas semanais

E: Quanto tempo você tem de profissão?

L: (risos) Quase 26 anos. Eu só não tenho idade pra aposentadoria porque quando eu comecei não precisava de concurso. Então a gente entrava indicado. Depois que teve o concurso eu passei e estou aí (risos). Como não tenho idade pra aposentar eu estou esperando chegar o tempo pra eu me aposentar. Eu estava no 2º ano do magistério quando eu comecei a dar aula, porque naquela época não tinha necessidade de ter o magistério completo ou a faculdade.

E: Já pensou no que vai fazer depois da aposentadoria?

L: (risos) Ah... eu não sei, estou esperando chegar.

E: Então eu queria saber, já que você começou a dar aulas logo cedo, se foi uma opção sua e como foi seu início como professora?

L: Eu sempre quis ser professora. Eu comecei o magistério e eu tinha conhecimento do pessoal do colégio, porque eu já estudei aqui. Então aconteceu que uma professora do nível foi transferida, ela foi pra outra cidade e o diretor precisava de alguém. Aí como ele sabia que eu estava fazendo, ele me convidou, eu fui indicada por ele e o pessoal da prefeitura aceitou e eu comecei. Aí depois, em 1990, teve o concurso, eu fiz o concurso, passei e estou aí até hoje. Sempre aqui na escola.

E: E do início da profissão pra cá, você nota alguma diferença em relação ao trabalho?

L: Eu percebo assim, quando eu comecei, o professor era uma figura muito respeitada, tanto pelos pais, como pelos alunos. Então eu achava mais fácil trabalhar por você ter esse respeito, essa admiração da comunidade. É... era mais fácil com os alunos. Hoje em dia a gente tem muito caso de aluno rebelde. Como eu posso te dizer? De criança que não quer estudar, que

não quer fazer as atividades propostas. Então a gente esbarra muito nisso. Quando acontece alguma coisa na sala, os alunos chegam a casa e contam a versão deles pros pais e os pais não querem nem saber: vem pra orientação. Eles não vêm perguntar logo pro professor, eles vêm direto na orientação e não vê que você toma alguma atitude visando o melhor dos alunos, porque nenhum professor vai tomar alguma atitude... eu não falo assim em termos de violência... Mesmo o comportamento deles, você fala assim: “fulano, agora não é hora de conversar, agora é hora de fazer essa atividade”, sabe? Então você está tentando o bem do aluno e às vezes os pais não entendem esses termos. Às vezes a gente fala: “Ah, a criança não mente!”. Eu discordo um pouco disso. Eu acho assim que a criança não mente enquanto não é conveniente pra ela, porque as nossas crianças são muito assim... eles são muito espertos. Então eles já sabem diferenciar quando o negócio é bom pra eles e quando ele precisa puxar pro lado dele pra ele se safar de algumas situações, não é? E hoje em dia está mais complicado por isso, mas mesmo assim eu não tenho problemas com pais ou com os alunos mesmo. Gosto muito. Sempre preferi trabalhar com os menores, tanto que eu trabalhei quase quinze anos com o nível, agora que eu vim pro primeiro ano. Ano passado tive experiência com o 2º ano e esse ano, na opção, preferi voltar pra alfabetização mesmo, que é a área que eu gosto mais.

E: Você acha que essa mudança tem influência no desempenho do papel do professor na escola? O que você entende como sendo papel do professor?

L: Olha eu acho que... a gente tem liberdade de trabalhar, mas essa questão que eu te falei dos pais, eu acho que a direção deveria chamar o professor. Qualquer coisa que aconteça em sala, conversa com o pai, mas depois chama o professor pra saber o que aconteceu. Isso não estava acontecendo, agora como mudou a direção pode ser que mude essa parte, mas antes eu sentia falta disso, do diálogo entre professor, orientação e pais. Porque você tem que esclarecer o que foi que levou o professor a ter tal atitude, a tomar aquela atitude com o aluno.

E: E qual você acha que é o papel do professor na escola?

L: O papel do professor é transmitir o conhecimento sistematizado pros alunos. Lógico que levando em consideração o meio em que ele vive, levando em conta o que ele já traz de casa nessa bagagem que ele tem, tentando aproveitar da melhor maneira possível.

E: Eu pergunto, porque alguns professores dizem que estão tendo que cumprir diversas outras funções e não conseguem exercer esse papel. Você concorda?

L: Olha, eu acho que com essa mudança que teve agora vai melhorar ainda mais, porque foi dividido por disciplinas. Então, no caso, esse ano eu estou como regente de português, matemática e artes, então eu vou ter mais tempo pra trabalhar isso. Antes, como eu tinha as outras disciplinas também, às vezes não dava tempo de você dar conta de todo esse conteúdo. Então, agora eu acredito que com três disciplinas eu vou conseguir desempenhar melhor o meu papel. Eu acredito que essa foi uma medida boa que foi tomada pela Secretaria da Educação e a questão dos 33% de hora atividade que melhorou e muito a questão da gente conseguir preparar a aula, de ter o tempo e o material disponível pra preparar as aulas.

E: Eu gostaria agora de compartilhar essa reportagem com você, que diz respeito à saúde do professor. O que esses dados te fazem pensar?

L: Olha, vendo esse quadro e outro dia conversando com uma conhecida minha que trabalha no Mato Grosso do Sul, quando ela perguntou quantos anos eu tinha de profissão e eu falei, ela perguntou pra mim assim: “mas como é que você está conseguindo, você nunca precisou pegar um atestado de saúde?”. Eu falei: “Olha, graças a Deus, só pras minhas duas licenças maternidade, no mais eu acho que... não sei se é sorte, mas eu nunca precisei. Eu vejo muito meus amigos precisando, mas eu não sei explicar, comigo graças a Deus não aconteceu e espero que até o final não aconteça. Mas pelo tempo, eu alego que pode ser pelo fato de eu trabalhar com crianças menores. Apesar de tudo eles são mais carinhosos, mais atenciosos com a gente. É até engraçado que às vezes a mãe vem falar assim: “nossa, o que você fala é lei, se você fala isso não adiante eu discutir”. Mesmo que seja uma informação errada, o que o professor falou, está falado. Então os pequenos têm isso. Eu acho que isso facilita, já o pessoal de 6º ao 9º ano reclamam muito do afrontamento, do adolescente querer afrontar o professor e isso acaba gerando uma tensão muito grande e é onde desencadeia todos esses problemas aí. Então eu alego que, de repente, eu nunca tenha precisado por eu trabalhar com crianças menores.

E: Agora eu queria te pedir para ler essas duas reportagens, uma delas foi notícia de um jornal de TV na semana passada. Depois eu gostaria que você as comentasse, me dissesse o que isso te faz pensar.

L: Eu acredito que é devido à idade mesmo, 16 anos é o afrontamento... de não querer seguir regras, de achar que o professor está errado, o diretor está errado e querer partir pra violência. E na outra eu acho que é mais questão de cultura mesmo. Se você trata bem o aluno aqui dentro, ele vai passar isso pra comunidade e se ele ver alguém depredando a escola, ele vai

pedir pra não fazer, porque ele gosta de onde ele estuda. Então eu acho que é uma questão mais de consciência mesmo, você conscientizar as crianças enquanto elas estão aqui dentro, pra depois quando elas saírem da escola ajudarem a cuidar e não depredar.

E: Você acha que isso acontece na escola?

L: Eu acho que falta, tem que ser trabalhado mais esse lado mesmo.

Entrevistada: **Professora Joana**

Data em que a entrevista foi realizada: 27 de fevereiro de 2014

E: Eu gostaria de conhecer um pouco sobre a sua história como professora. Você tem quanto tempo de profissão?

J: No município? 14 anos.

E: E você está trabalhando com que ano?

J: Agora eu estou com projeto. Dou aula de filosofia, história e geografia, do 3º ao 5º ano e na classe especial.

E: Eu queria saber como foi seu início na profissão, o que te levou a ela.

J: Bom, a princípio eu não tinha desejo de ser professora, mas como a minha mãe foi e ela tinha esse desejo de eu também seguir a carreira, ela quase me forçou (risos). Aos 14 anos você fica sem rumo. Então ela me forçou a fazer o magistério. Tanto é que a condição pra eu fazer o magistério foi que eu também estudasse a noite, que na época o ensino médio era educação geral. Então eu fiz as duas coisas ao mesmo tempo, porque eu achava que eu não ia seguir carreira no magistério. Então, eu fiz pra agradá-la o magistério de manhã e a noite pra me agradar eu fazia a educação geral. A princípio foi isso, mas conforme foi passando o ano... No 1º ano eu não gostei do magistério, até o 2º ano não. Mas o 3º e 4º, que você vai pra prática, pro estágio, mais aprofundado, no 1º você faz uma observaçãozinha, mas é pouca coisa, aí eu vi que eu realmente me identifiquei com aquilo, então eu gostava. Quando eu terminei o magistério, eu já fazia aqueles estágios remunerados. Trabalhei em Centros de Integração, que são crianças de todos os níveis de idade. Tem todo quanto é tipo de criança, de classe social. Ali eu vi que realmente era pra mim mesmo, a profissão que eu escolhi, realmente eu gostei. Tive dificuldade a princípio, por ser Centro de Integração, eu achei que a escola tinha perdido totalmente o rumo, mas como eu fiquei só dois anos ali, eu fui pras escolas particulares. Trabalhei dois anos em escola particular e aí há nove estou no município. De lá pra cá eu senti que a coisa mudou, nove anos não é tanto tempo, mas também não é pouco tempo de experiência. Eu vejo que as crianças de hoje em dia estão mal educadas, elas não te respeitam. Desculpa o termo que eu vou usar, elas são “mercenárias”. Elas querem algo se você der algo em troca. Elas te dão algo, elas produzem, se você der algo em troca, seja lá

nota, seja lá um agrado, um brinde... tudo elas perguntam: “o que eu vou ganhar com isso?”. Entendeu? Claro que isso a gente percebe que não é delas, é uma sociedade capitalista que estamos vivendo, mas desde quando eu entrei, no próprio município, até hoje, esse abismo está cada vez maior, entre o professor e o aluno, sabe? Pra eu conseguir segurar um aluno em sala de aula, prestando atenção na minha aula, minha aula tem que ser muito dinâmica, muito boa, aquela aula que eu preparei há semanas, que nem sempre a gente tem tempo pra preparar... ou... na base da chantagem.

E: E como você justifica essa mudança de comportamento que está percebendo?

J: Bom, nós não podemos culpar, mas quando a gente faz um filho, a gente tem que pensar no depois, não é? Quando você planeja um filho, você já tem que pensar em como vai ser a criação desse filho. Então, se os pais não tem tempo e esse filho for ficar jogado numa escola, o dia inteiro, ou com uma avó, com uma tia, ou com uma vizinha e a noite você sabe que vai chegar cansado, você não vai ter tempo pra esse filho: ou você trabalha num trabalho que não te exija tanto, ou você para de trabalhar pra você educar seu filho. A escola tem a parcela dela, ela não pode se descomprometer com esse aluno, ela tem que transmitir o conhecimento pra esse aluno, ensinar, mas os valores vêm de casa, não é? Então, infelizmente, eu vejo que o culpado maior é a família, que não está dando esse valor. E isso compromete muito o trabalho, porque nós perdemos o tempo que nós estaríamos ensinando e passando conhecimento pra esses alunos e até pegando deles - porque a gente aprende com criança -, nós perdemos muito tempo na disciplina, muito tempo tentando controlar a sala. Eu mesmo, esse ano é o primeiro ano que eu estou com projeto. Minhas aulas são de 45 minutos. Tem aula que dá geminada (antes do intervalo inteiro, ou depois), mas tem turma que eu entro 10h45 e fico até 11h05 pra controlar a sala, pra poder dar a minha aula. Aquela aula que eu planejei, que seria uma aula gostosa... são 20 minutos pra controlar aqueles alunos, senta-los nos lugares deles e conseguir dar minha aula. O que eu não precisaria se esses alunos já viessem conscientes. E não sou eu que vou conscientiza-los, consciência cada um que tem que se conscientizar. Eu posso dar caminhos para leva-los a refletir sobre uma conscientização, mas eu conscientizar um aluno eu não consigo. Ele por si tem que tomar essa consciência e ver: “poxa, a professora está ali, meu pai está pagando imposto, o salário dela está sendo pago do meu bolso, eu preciso disso aí”. Mas isso eles não têm ainda, essa valorização, infelizmente.

E: Você comentou que percebeu que houve mudança no comportamento dos alunos e você também disse que sua mãe foi professora e quis que você se tornasse uma. Você acha que a forma que ela enxergava a profissão é a mesma que dos professores de hoje? Como você tem pensado sua profissão.

J: O professor não se valoriza também, você entende? Por exemplo, muitos casos de pais virem conversar conosco e de repente você ter aquela oportunidade de mudar a visão daquele pai em relação ao professor, você deixa isso cair por terra, você acaba falando mal do filho dele e não é isso que ele quer ouvir de você, porque ele sabe o filho que ele tem em casa, por mais que ele trabalhe... ele sabe o tipo de educação que ele deu pro filho dele. Então, às vezes nós mesmos, eu falo por mim, nós perdemos a oportunidade de nos valorizarmos, porque ao invés de nós levarmos por um caminho que esse pai vai mudar o comportamento dele lá na casa com o filho, você fala só mal pra esse pai e de repente você só quer que esse filho leve uma surra, ou que esse pai faça o que você não pode fazer em sala de aula, que é corrigir. Então assim, o professor perdeu o valor também. Eu, há 9 anos, ou 14, desde que eu comecei, eu me valorizava muito mais do que hoje. Quando eu via um pai, eu falava... “Pra um pai vir conversar sem você chamar... é raro”. Ele não vem, ele não vem. Por que ele não vem? Porque sabe que se ele vier, você vai falar mal do filho dele, você não vai falar bem. E nós perdemos a oportunidade de falar os pontos positivos que essa criança tem, que toda criança tem ponto positivo, não é possível que não tenha nada. Eu estou na classe especial esse ano e eu vou falar pra você, está sendo difícil, porque é minha primeira experiência com alunos especiais, com transtornos, com bipolaridade, com DM. Só que eu estou gostando, você entende? Então, eu tenho uma esperança de mudança até em mim mesmo. Eu tenho uma esperança de que no futuro a gente vai conseguir mudar essa visão e na hora que a gente chamar um pai ou na hora em que um pai vier te perguntar do filho dele, você consiga fazer esse pai ter um outro olhar para a profissão da gente, que esse pai olhe pro professor com outros olhos, não só com medo... “eu nem vou lá porque aquela ali vai brigar”, “aquele ali vai falar mal do meu filho”, você entende? Eu tenho essa esperança, mas infelizmente hoje eu não consigo fazer isso.

E: Você falou sobre você, mas você acredita que isso é geral? Acontece com outros professores também?

J: A maioria é assim, não adianta! O professor tem que ser muito... Ali na hora ele tá com aquilo engasgado, com aquele aluno que o fez passar raiva, atrapalhou a aula que ele perdeu

tempo planejando (perdeu ou ganhou tempo, porque também aprendeu com aquilo). Então, ele não consegue, parece que é um negócio que está amarrado, ele não consegue se livrar dessas amarras pra poder levar isso em conta. A gente tinha que aproveitar essas horas que o pai vem. E quando o pai vem por conta, a visão do professor ultimamente está assim: “Lá vem aquele pai chato”, desculpe o termo, “aquele pai encher o saco, querendo saber como está o filho dele, eu nem chamei ele!”, “lá vou eu ter que perder meu tempo aqui, que eu posso estar preparando uma aula, que eu posso estar procurando material na internet. Vou eu lá conversar com aquele pai, aquela mãe, que só quer saber como que o filho dela está”. Está vendo como é que mudou? Ao invés da gente aproveitar e pensar, “nossa! Está preocupado com a educação do filho dele”... se todos fizessem isso eu não perderia aqueles 20 minutinhos tentando disciplinar

E: E aí parece que uma coisa está relacionada à outra?

J: Isso mesmo, é isso que acontece.

E: Agora eu gostaria de te mostrar uma reportagem que saiu na revista “Escola Pública” que traz dados sobre a saúde dos professores, sobre as incidências de algumas doenças e as causas dos afastamentos dos professores do estado de São Paulo. Eu vou pedir para você olhar esses gráficos e me dizer o que você pensa a respeito. Como você justificaria os dados apresentados?

J: Olha, o professor não está mais “botando fé” na própria profissão. Ele está “entregando os pontos”, digamos assim. Ele perdeu a esperança na profissão dele... perdeu! Ele acha que não vai ter solução. E muitos se afastam ou se aposentam antes da hora ou desistem da profissão porque não... Eu penso que eles perderam o estímulo, perderam a esperança de mudança, não tem mais aquela essência... então eles preferem se afastar. Tanto o professor não acredita mais no potencial dele, mas também, diante da sociedade que ele vive hoje! Ele pode até olhar e falar: “não, eu vou conseguir!”, mas aí ele olha o tipo de cliente que ele está tendo, o tipo de aluno que está frequentando, é cada vez pior que ele não tem ânimo. Então ele prefere tomar um remédio e assumir a depressão dele. Assumir que realmente tem problema... hoje a nossa classe, a maioria, toma remédio pra aguentar ficar.

E: Você já chegou a fazer uso de algum medicamento ou se afastar decorrente de algum problema relacionado ao trabalho?

J: Não, mas conheço bastante. Muitos que entraram comigo, não estão aqui comigo e faz pouco tempo. Por mais que tenha umas à beira da aposentadoria, têm muitos que já estão afastados, as novas já estão afastadas, porque não conseguiram. Podendo até... Casos de amigas minhas, disso eu posso falar... nós nos reunimos final de semana e quando nós entramos... Eu não consigo notar o que o médico disse pra ela hoje. Um caso específico, não preciso citar nomes, mas ela está afastada daqui, acho que pelo terceiro ano, e eu não vi isso nela, um caso de esquizofrenia. Então, de repente, se ela seguisse outra profissão ela nunca seria diagnosticada com isso. Pode ser que esse diagnóstico veio em decorrência da sala de aula, pelo que ela passou em sala de aula. Então, hoje ela toma medicamento forte, se assumiu uma esquizofrênica por causa disso. Poderia ser... a gente não sabe, mas poderia ser que se ela seguisse uma outra profissão que não precisasse tanto esforço pra você conquistar seu aluno e tanta troca, ela não teria saído do viés do comportamento normal.

E: Eu tenho outras duas reportagens aqui, uma delas inclusive saiu no jornal há algumas semanas. Eu vou pedir para você lê-las e, da mesma forma, me dizer o que isso te faz pensar.

J: Ah, eu acho que é... volto naquele ponto, é estrutura familiar. Um aluno que tem uma boa educação nunca vai fazer isso com uma escola, porque aquilo ali é um ambiente que ele deveria cuidar, não é? Então a base disso aí é a família, a família... perdeu o valor essa família, pra ele não tem mais... o aluno chegar a agredir um patrimônio público mesmo, ou a escola onde ele nem gosta de estar estudando e tal. Aqui, na reportagem, ele já não tem mais família. Família pra ele já está em segundo plano. Então ele não teve uma boa criação, uma boa educação pra vedar isso, pra não acontecer esse tipo de coisa.

Entrevistada: **Professora Nair**

Data em que a entrevista foi realizada: 27 de fevereiro de 2014

E: Quanto tempo você tem de profissão?

N: Aqui no município, na área de educação, eu tenho 10 anos. Eu entrei em 2004, em agosto vai fazer 10 anos. Eu trabalhei 3 anos também na área da ação social, como coordenadora de Centro de Integração.

E: E você está com que turma?

N: Esse ano estou com o 2º ano. No período da manhã com uma turma integral, eles permanecem o dia todo e a tarde é uma turma regular, 2º ano também.

E: Eu gostaria de conhecer um pouco da sua história como professora? Como foi o seu início de carreira e o que te levou a isso?

N: Olha, eu sempre tive vontade de trabalhar, lecionar. Quando eu era mais nova eu não tive oportunidade de fazer um magistério. Na época, a gente veio de outra cidade, precisava trabalhar e só tinha no Estadual, no período da manhã. Nós passamos por uma situação financeira difícil, tendo em vista que o meu salário ajudava, sabe? Eu trabalhava em uma fábrica de sapatilha, na época, e então meu salário contribuía com a renda familiar. Mas esse desejo meu não acabou, não sumiu. Eu fiz técnico em contabilidade, mas mesmo assim eu tinha aquele desejo. Foi então que em 1997, final de 97, eu prestei vestibular pra pedagogia na Fecilcam e passei, então não tive magistério, mas eu consegui... é... dentro de 4 anos eu me formei e prestei concurso, não passei no primeiro concurso, passei depois no segundo concurso. Eu estou nessa área desde 2004, como eu falei. Eu tive uma oportunidade de trabalhar na ação social, que não teve esse concurso antes. Então na ação social eu tive oportunidade de também estar tendo a experiência na área da educação.

E: Você disse que sempre teve vontade de ser professora. Quando você iniciou a carreira, o trabalho correspondeu com aquilo que você imaginava?

N: Não, a gente encontra alguns desafios sim. Mas a gente também vai, na medida, encarando assim, superando alguns desafios. Algumas situações se tornam aprendizado também. Então, nesse aspecto eu vou falar pra você... que a gente encontra... acho que em toda a profissão

você encontra essas situações que você vai se deparar, que às vezes não condiz é... com aquilo que você estuda, com a teoria, tem uma prática nos estágios também, mas no dia a dia a realidade se torna um pouco diferente daquilo que você estuda, mas você também acaba interagindo ali no meio e vai procurando solucionar os problemas que você se depara.

E: Que problemas são esses?

N: Olha, é assim, muitas vezes você encontra bastante dificuldade com criança no aspecto assim... social, é... também de aprendizagem. Muitas vezes você não tem o tempo adequado pra preparar uma atividade específica, mas também, em contrapartida, você tem outros recursos. Eu vejo que até na educação, do tempo que eu iniciei, foi tendo mais profissionais na área pra estar ajudando. Eu tiro aqui pelo meu trabalho, nós temos a equipe pedagógica, nós temos psicopedagoga, então tem assim... o pessoal ali da área multifuncional também. Então, hoje mesmo, conversando com a orientadora, eu pedi ajuda pra determinados alunos meus... fono, eu tenho alunos com dificuldades na dicção. É interessante, esse ano eu falei com a orientadora que eu tenho bastante criança com dificuldade de dicção, então eu tenho assim, um mundo de crianças com bastante dificuldade de dicção. Então tem uma equipe que te dá um apoio e quando eu entrei não tinha, que eu me lembre, não tinha essa equipe preparada pra estar atendendo. Então, tem esse lado também que você encontra apoio, ajuda, pra estar te auxiliando, que você sozinha, você na sala, você não tem como estar trabalhando... Você, é... tem a sua área, você faz cursos, mas tem também os profissionais indicados pra esse tipo de trabalho, não é? A gente tem um pouco de consciência fonológica, que ajuda, mas tem a fono que vai trabalhar mais especificamente. Tem a psicopedagoga que vai descobrir com a família o que está acontecendo com a criança, a questão da aprendizagem, se está tendo alguma dificuldade... Não sei se eu respondi a pergunta ou fugi um pouco, mas... é assim.

E: Pensando no desejo que você tinha de ser professora quando era jovem e agora, depois de 10 anos de experiência, como você pensa, como entende o trabalho do professor e como acha que ele é entendido aqui pela comunidade?

N: Olha, em relação à como as famílias entendem o nosso trabalho, eu tenho tido apoio. Acontece de algum pai não compreender, não entender, mas, na maioria, eu tenho... A família, eles acabam ajudando. Eu falei pra você no início da entrevista que eu tenho um grupo de crianças que ficam em período integral, então a gente sabe é que são crianças que ficam o dia todo, a família trabalha, não é tão assim... acompanhado pela família. E tem o regular, que eu digo pra você que cem por cento acompanham. E assim, eu não tenho tanta

dificuldade, eu me comunico bastante com as famílias, sempre que eu posso, eu me comunico. Era isso que você tinha perguntado, não é?

E: Também, e você, como tem percebido o trabalho do professor, essa profissão, hoje?

N: O que eu percebo é que mudou. O professor tem que estar ali sabendo que a criança muitas vezes não é assistida em casa. Então você também tem que ir ao encontro dessa necessidade. Se você for ali só pra... “eu quero que você sente e faça!”, você não vai ter um bom resultado. Você tem que conversar com a criança, explicar porque eles estão fazendo, porque é importante pra ele fazer, pra ele poder tem aquele interesse. Eu tiro isso pelos meus alunos do período integral, tem que ter um envolvimento também do professor com a criança, sabe. É... eles estão assim... muitas vezes vêm sem aquela motivação e se torna um pouco cansativo pra eles também. Então o professor tem que estar conversando, ter uma proximidade com o aluno também, sabe, e... mudou assim de uns tempos. Eu tenho duas realidades: alunos que são assistidos e alunos que você vê que pela necessidade a família trabalha fora, eu não sei se isso é uma justificativa, mas eles não têm tanto acompanhamento. Aí cabe também a gente se envolver ali com eles.

E: Você disse que essas coisas têm mudado com o tempo. Você acha que isso influencia no trabalho, no desempenho das atividades do professor? O que você entende como sendo o papel do professor?

N: Diante da realidade que esta acontecendo, isso acaba sendo também trabalho do professor, por que não? Porque se você ficar só lousa e explicação lá, eles não vão conseguir se concentrar, ter aquela motivação. Eu penso que cabe sim, a gente tem que mudar também com a transformação que existe na sociedade, eu penso. Eu costumo fazer assim, logo no início, sentar faz parte da aula... mas primeiro: “vamos conversar!”, isso antes daquele conteúdo, pra que eles tenham sentido do que eles vão fazer posteriormente. Sempre minhas aulas tem uma historinha, uma musiquinha. Se eu estou trabalhando uma dobradura, um peixinho, eu canto aquela musiquinha: “se eu fosse um peixinho, soubesse a nadar...”. Eu gosto que eles tenham sentido no que vão fazer. Não sei se é... eu já fazia isso anteriormente, mas tem que ter esse envolvimento com eles. Se eu dou uma figura de um peixe, atividade do peixe e falar: “faça!”, eles não vão se interessar, mas se eles tiverem sabendo o que é, o que está por trás, eles vão se acostumar, é diferente. Como assim é diferente? Eu não sei se é porque eu os acostumei assim, mas eu percebo que quando eu chego à sala, que eu não dirijo, não explico antes... eles ficam dispersos, sabe? Eles fazem sem vontade. Agora quando eu os envolvo, brinco, faço

brincadeiras... Eu estava ensinando pra eles o “tio”, palavrinhas com “ão”, palavrinhas terminadas em “ão”, aí eu canto com eles: “o Eduardo roubou pão na casa do João...”, brinco, não é? “Quem foi?”, “foi o Eduardo”, “não, eu não”, “então quem foi?”, aí ele fala o nome de um outro amiguinho. Eu trabalho o nome, aí eu trabalho palavrinhas com “ão”. Aí, depois dessa brincadeira, eu dou atividades com o “tio” e palavrinhas com “ão”. Então eu me envolvo com eles nas minhas aulas, eu acho que professor tem que se envolver sim.

E: Eu queria te mostrar uma reportagem que saiu na revista “Escola Pública”, ela traz dados sobre a saúde e os motivos de afastamento dos professores do estado de São Paulo. Eu vou pedir pra você que, olhando esses dados, me diga o que pensa a respeito da questão, como você justificaria esses números altos?

N: Então, a gente percebe até no nosso ambiente de trabalho mesmo, tem colegas que se afastam. Mas é uma resposta assim tão pessoal, não é? Cada um sabe o que sente, mas às vezes também, pode ser assim... é acarreta, às vezes, um excesso de trabalho, eu não sei te dizer especificamente. Muitas vezes o professor não tem hora atividade adequada, porque é por lei 33%, mas nem sempre o que é garantido por lei é garantido dentro daquele período. Então, às vezes o professor se sobrecarrega, o professor ainda leva atividade pra fazer em casa, não é? É uma coisa que deveria ser mais família, ter um tempo pra ele. Eu não sei... eu acho que essa resposta é de cada um, é uma resposta pessoal, sabe? Eu, graças a Deus, não precisei ainda pegar atestado. Eu pego assim, porque tenho duas filhas menores, então, geralmente eu as levo ao médico, sou eu que faço essa parte. Mas, graças a Deus, nessa parte a gente está aí, batalhando, tenho lutado, trabalhando... Temos nosso período de hora atividade, não é todos os dias que a gente tem também, mas, dá-se um jeito lá, vai se arrumando, a gente tem que se organizar também. Às vezes você tem que ter também uma “carta na manga”. A gente observa assim, você tem que ter uma “carta na manga”, se preparar e entrar na sala sabendo que você pode não ter uma hora atividade. Eu não sei se isso aqui se refere só à sala de aula, esses dados, porque muitas vezes a gente observa que o professor tem também problemas familiares e deixa influenciar no ambiente de trabalho. Isso eu observo... eu vejo assim, você tem que saber separar, você está entendendo? Então, muitas vezes a pessoa tem assim... depressão, mas a gente sabe que é decorrente de outros fatores, não relacionados à escola. Eu sei, a gente sabe. Então é só a escola? Eu não sei te dizer se é só relacionado ao trabalho. Tem esse lado também. Muitas vezes é um problema com o filho, com a família, enfim...

E: Eu tenho essas outras duas reportagens, não sei se você acompanha jornal, mas uma delas foi apresentada há alguns dias. Elas são curtas, eu gostaria que você as lesse e me dissesse o que você pensa, a que elas te remetem.

N: Eu vejo, eu tenho ouvido. Dessa primeira aqui, do adolescente que agrediu a professora, não tem nada assim a ver, eu vejo, com a educação escolar. Isso aqui são valores repassados em casa pela família. Um menino que agride uma pessoa, é... tem que ver qual foi o valor que ele recebeu na casa, não é? Tem uma estrutura, um pai que orienta, uma mãe? enfim... Mas não está diretamente ligado à educação, formalmente falando. Então eu acho que a família tem grande parte de responsabilidade também, isso eu vejo. E a depredação dos órgãos públicos, eu acho uma judiação, porque é pra eles menos, não é? Então eles estão depredando ali um espaço que vai estar contribuindo para o aprendizado deles. São pessoas que não têm consciência mesmo, é assim que eu vejo. Já vi essas matérias na televisão, depredando mesmo, é uma judiação, mas... essa é minha opinião. Muitas vezes colocam a escola, a educação, como responsável por algumas coisas que acontecem na sociedade e eu acho que a família é importante, não é? Pra educar, pra orientar... a gente passa valores na sala de aula, a gente trabalha com os pequenos de 6, 7 anos. Então é gostoso trabalhar, temos até cursos pra trabalhar valores, mas a família em primeiro lugar... a família... “oh, chegando lá você obedece à professora, respeita”. Ensinar a ter respeito pelos colegas... Parece que não, mas a criança está absorvendo, sabe? O que o pai fala, a mãe... às vezes nem parece que ele está compreendendo, mas vai absorvendo.

E: Independente ou não de ter relação com a escola, esses fatos acabam refletindo na escola, no trabalho dos professores dessas escolas. Como você acha que esses acontecimentos podem impactar o trabalho do professor?

P: É claro, eu vejo que o professor acaba ficando triste com tal situação. É... já aconteceu em outros tempos, eu me recordo. Mas tem que procurar um meio de superar. Cada caso é um caso. Graças a Deus a gente vê sim, mas é esporádico também, não é com frequência. Tem casos, mas também tem todo um trabalho pra ser feito. Tem conselho escolar, que pode ser reunido pra estar conversando sobre essa questão, chamar a comunidade... A comunidade tem grade força. Ontem nós tivemos uma reunião a respeito... Pra assumir a direção da APP, membros do conselho escolar... e ali os pais tiveram uma participação bacana e a gente passou pra eles a informação de que eles estariam participando para o bem comum da escola que os filhos deles estudavam. Então os pais se colocaram a disposição pra participarem da

presidência, tesoureiro, foi bem bonito. Então, em relação à violência, a escola também ela tem que se mover, se movimentar, pra poder sanar esses problemas, porque existe o conselho escolar. Ela tem que solucionar, ajudar a resolver.

Entrevistada: **Professora Bianca**

Data em que a entrevista foi realizada: 27 de fevereiro de 2014.

B: É aqui? Nossa! Hoje eu levei um chute de um aluno e um beliscão, então eu tenho que pensar que foi hoje, pela primeira vez. Então... (risos).

E: Então vamos conversar também sobre isso (risos).

B: Tá (risos).

E: Você trabalha com que ano?

B: Estou com programa de Inglês nos 4º e 5º anos.

E: Você sempre trabalhou com inglês?

B: Então, como eu sou formada em letras, na distribuição havia vaga pra trabalhar com inglês, então eu me interessei e eu já percebi que é o que eu amo. Eu trabalhei com regência nos dois últimos bimestres, com 2º ano, no meu 2º ano de trabalho e gostei também. Eu sei, eu sinto que o que eu gosto mesmo é trabalhar com inglês, é onde eu me realizo. Eu vejo brilho nos olhos do aluno ao conhecer essa nova língua e é o que eu gosto, o que eu domino.

E: Então você passa por todas as salas?

B: Então, como mudou, esse ano só 4º e 5º ano. Aí as outras turmas eu trabalho literatura, arte e filosofia, pra poder preencher a carga horária.

E: E você está há quantos anos na profissão?

B: Seis anos, agora em fevereiro.

E: Então eu gostaria de conhecer a sua história como professora, o que te levou a isso, como foi o início, como tem sido agora...

B: Tá. O meu pai é professor, ele trabalha aqui, então eu sempre me espelhei muito nele. Sempre vi amor no trabalho dele. Tanto é que ele é poeta também, escreveu o hino de várias escolas, até tem alguns gravados, até eu gravei um (risos). Era do tempo que não tinha hora atividade, com aquela pilha de prova pra corrigir, ele corrigindo e às vezes eu até brincava

que estava ajudando. Eu achava legal isso, via como algo bonito, o amor que ele tinha pela profissão. E eu tentei, nem sei se convêm falar, mas enfim, eu tentei vestibular pra pedagogia. Era muito concorrido e eu sou ansiosa assim como ele, herdei a ansiedade dele e não passei no vestibular, por causa da ansiedade. Fiquei em 24º, chamaram até o 22º. Aí eu comecei a fazer inglês e vi... Aí eu falava assim “Ai meu Deus, será que um dia eu vou falar fluente assim como essa professora?”. Aí eu pensei, “Por que não fazer letras?”. E aí eu cursei letras, antes disso o magistério, trabalhando no comércio, fiz magistério, amei, foi semipresencial, à distância, mas eu amei, um material muito bom. Mas depois que eu fiz letras, me apaixonei mesmo, muito, muito. Eu trabalhava no comércio, não tinha experiência em sala de aula, nunca trabalhei no estado com os maiores, somente na regência. E digo pra você, eu até estava tentando PSS, até fui chamada, acho que ontem, mas meu esposo achou melhor não, porque eu tenho uma filhinha de 2 anos e meio, então não é agora que eu vou ter experiência com os maiores. Mas eu vejo que é muito gostoso trabalhar com os pequeninhos. Então eu comecei a fazer letras, no meu 2º ano eu fui convocada no concurso. De um trabalho que eu gostava tanto que era o comercio, comecei a lecionar. E quando eu vi que tinha vagas para trabalhar com o programa de inglês falei: “Meu Deus, é isso aí!”. Tive sorte de trabalhar com a professora Maria, porque a teoria e prática andam juntas, claro, mas nada como alguém pra estar dividindo a experiência e pra auxiliar a gente nesse começo de carreira, não é? Então pra mim foi fundamental, completamente importante, tanto é que a gente tem contato até hoje. Ela mora lá em outra cidade e até hoje a gente se visita. E assim, eu amei, amei e continuo amando o trabalho de inglês e, não tem nada a ver porque você é psicóloga (risos), mas eu fiquei bem tristonha de diminuírem as turmas com inglês. Fiquei um pouquinho triste, porque psicomotricidade eu não tenho formação, então a gente vai estudando, trocando experiência com os amigos pra fazer um trabalho legal, mas eu gosto mesmo é de trabalhar com inglês, eu vejo interesse da parte deles, dos pequenos, eles comentam alguma coisa que viram no desenho da Dora Aventureira, já os de 5º ano comentam o que viram ali na propaganda, na escola de idiomas, o que viu na internet, enfim, é bem prazeroso, eu gosto muito. Talvez, até se eu voltar a trabalhar com regência eu não sei como é que seria. Claro que eu encararia, porque faz parte da minha formação e o concurso é pra professora de Ensino Fundamental. Mas eu gosto, e eu percebo que hoje em dia está bastante difícil o relacionamento dos alunos com os professores. Hoje aconteceu até um fato chato de um aluno me chutar, beliscar, uma criança pequenininha do nível II, mas eu vejo que a família está muito distante, porque o professor não consegue fazer milagre sozinho. A família tem que star ali, parceira, junto. Então o respeito está acabando. Aí fica difícil, porque a gente chega com expectativa, planeja

a aula: “vou fazer isso, isso” e, de repente, um aluno chega, xinga, de repente, a primeira vez que aconteceu hoje do aluno chutar e quase beliscar, uma criança pequena. Geralmente, graças a Deus, eles me respeitam muito. A gente tenta ter carinho com eles, falar de uma forma mais... uma voz branda pra não agitar as crianças. Mas, hoje foi difícil com os pequeninhos, ele é bem agitado. Eu percebo que isso desmotiva um pouco, porque você perde o reboledo da aula, você chega numa expectativa, vou falar de uma forma bem coloquial mesmo, você leva um baque, o que desmotiva um pouco. Eu ainda tenho brilho pela educação. Eu estava tentando até o PSS pra ver como é trabalhar com os maiores, pra ter uma experiência maior, porque a regência é pouco tempo e eles sabem que somos estagiárias então não é o mesmo respeito. Porque eu já percebi isso, o aluno ele demonstra uma diferença de tratamento quando sabe que a pessoa é estagiária, ou quando é professora regente mesmo, concursada, ou enfim. Mas eu percebo que eles testam bastante a gente. Mas resumindo, em meio a todos esses problemas que tem, da falta de educação dos alunos, dos pais, da família bem distante, eu ainda vejo que a gente é capaz, nós somos agentes transformadores, a gente tem que acreditar nisso, porque se a gente não acreditar, não muda, não é? De repente a gente pode mudar um pensamento de um aluno, de repente ele pode... se a gente conseguir chegar nele, mudar um pouquinho, quem sabe a gente faz a diferença na vida desse aluno.? Eu tenho um aluno em especial que eu trabalhei com ele ontem. Será que tem problema falar? A mãe esteve presa recentemente, por tráfico de drogas, o irmão é usuário, foi nosso aluno, me deu um trabalho tremendo no 1º ano que eu trabalhei aqui, nossa! E ele me respeita, então eu não sei, às vezes as pessoas passam, porque eu deixo a porta aberta, e falam: “como você consegue?”. Eu não sei, ele olha pra mim, eu vejo que ele olha pra mim com um olhar diferente. Não sei se eu tentando ter essa paciência, esse olhar diferente pra ele, ele me respeita muito, não tenho problema nenhum e ele está dando muito trabalho pros outros, pra mim não dá. Eu estava pensando, de repente, se às vezes não é isso. Às vezes a gente consegue conversar diferente, ter um olhar diferente, não sei. Mas eu acredito na educação, eu penso que a gente não pode desmotivar não. Está difícil, mas a gente tem que acreditar, não é?

E: Você comentou sobre o seu pai, do amor que ele sentia pela profissão, do tempo que não tinha hora atividade, você acha que mudou a forma das pessoas enxergarem o professor, ou do professor mesmo enxergar seu trabalho, em razão de algumas conquistas e também dessas dificuldades que você comentou.

B: Olha, eu vejo assim, que a hora atividade... eu sou professora, desde que eu assumi eu tenho hora atividade, eu não tenho experiência de ter que preparar aula em casa, apesar de que

a gente leva muito trabalho pra casa, não é? A gente acaba levando. Mas eu vejo que facilitou muito o trabalho do professor, porque ele consegue planejar a aula com mais qualidade, você pode trabalhar mais a particularidade daquele aluno, aquele determinado probleminha de aprendizagem, ou de repente uma deficiência, mas eu vejo que a sociedade tem um olhar diferente, não é mais... Antigamente o professor tinha muito prestígio: “Olha, ele é um professor!”, “Ela é uma professora!”. Hoje em dia isso não acontece mais, se acontece é assim, pouquíssimo. Hoje em dia o prestígio acabou, eu penso que acabou mesmo.

E: Por que você pensa isso?

B: Eu não sei. Olha, sempre existiu droga, não é? Eu não sei se hoje em dia está mais difícil, está mais... como que eu falo pra você? Está mais descontrolado tudo isso, não sei se são as leis, os políticos, eu não sei. Acho que tudo influencia, claro. Eu acho que o problema vem daí, eu acho que vem lá de cima, dos superiores mesmo, porque é muito roubo, muita corrupção. A pessoa bate na esposa, amanhã está solto, mesmo com a lei Maria da Penha, não é? A pessoa mata, se entrega e porque confessou, se apresentou, responde em liberdade. Eu acho que não há justiça, então tudo isso vai interferindo. Não tem respeito dos políticos, não há respeito, roubam o quanto podem e ai vai descendo, vai descendo. Então, a população não tem expectativa, eu acho, não tem uma perspectiva melhor de vida, porque se os políticos fazem o que querem, roubam, atropelam e continuam solto, se não tem justiça por lá, imagina aqui. Daí fica tudo a “Deus dará”, como diz minha mãe. Então eu acho que é por conta disso que professor não tem tanto prestígio, porque não tem respeito dos políticos, a família está toda desestruturada, perdeu-se a estrutura familiar, daí acarreta aqui na escola também. Chama o pai pra conversar, o pai não consegue conversar com educação, de repente agride verbalmente ou até fisicamente...

E: Eu trouxe uma reportagem que saiu na revista “Escola Pública”, que apresenta alguns dados sobre a saúde do professor no Estado de São Paulo. Eu gostaria que você olhasse esses gráficos e me dissesse o que você pensa sobre as informações que eles trazem.

B: Olha, eu vou falar de uma experiência que aconteceu comigo hoje. Eu não trabalhava com psicomotricidade, é algo diferente, algo que eu não tive na minha graduação, nem na pós, então é algo que eu venho estudando. E eu já tenho um pouco de dificuldade pra trabalhar por conta de não ter a experiência e a teoria, que eu estou adquirindo e, em contrapartida, os alunos muito indisciplinados nessas turmas que eu trabalho psicomotricidade. São apenas 3 turmas, 2 primeiros anos e um nível. E eu vou ser sincera com você, eu até comentei com a

orientadora, troquei uma ideia com ela que, na quarta, quinta e sexta-feira, que são os dias que eu trabalho com essas turmas, eu venho trabalhar tensa, eu saio de casa e eu vou ser sincera com você, eu venho rezando, eu venho pedindo a Deus: “Senhor, me dê paciência, me de calma, acalma essa criança”, tanto é que hoje, esse aluno que chutou, enfim, tentou beliscar, aconteceu isso nos últimos minutos de aula assim. Foi assim, acho que ele já estava no limite e como é psicomotricidade e trabalho com brincadeiras, ele fica mais agitado, é claro. Então acredito que por isso ele tentou beliscar e brigar. Mas, eu venho trabalhar tensa na quarta-feira, na quinta daí eu trabalho literatura e arte com essa turma, tenho 6 aulas com essa turma, então 3 de psicomotricidade hoje seguidas, aí amanhã 3 seguidas, uma de literatura, outra de arte e uma de psicomotricidade. Aí amanhã eu vou trabalhar em sala, até falo pra eles: “não precisa vir de tênis, se não der”, porque aí eu trabalho na sala, trabalhando a motricidade fina, outras habilidades que a gente precisa trabalhar com a psicomotricidade. Assim, mas quarta, quinta e sexta são os dias que eu trabalho tensa. Então eu estou vendo aqui esse número de transtorno de ansiedade e depressão. Eu fico muito ansiosa nesses dias, que eu percebo. E por não trabalhar o inglês eu já fico um pouco mais triste, sabe? Eu fico sim, no fundo, no fundo eu fico. Eu sei que faz parte da minha formação, do concurso que eu fiz e eu tenho que trabalhar com isso. Se tirarem o inglês, poxa, eu sei que o concurso não estava lá “professora de língua inglesa”, mas eu trabalho triste, mas por conta do comportamento do aluno, não é muito por conta de trabalhar uma área diferente da minha graduação. O que pesa pra mim, o que eu gosto é o inglês. O conteúdo a gente corre atrás, a gente estuda, troca ideia com os amigos, mas a indisciplina dos alunos é o que mais incomoda nós professores, não é? A gente sempre esta conversando na hora atividade, na hora do recreio, então é complicado... alunos que usam drogas. Eu não lembro do meu pai comentar de aluno que usava droga, quando ele era mais novo, sabe. Eu não lembro do meu pai chegar falando de aluno, reclamando de aluno. Ele estava sempre alegre, tanto foi isso que me motivou pra esse trabalho, pra essa profissão. Eu nunca esqueço, pilha enorme de prova, ele ficava lá o domingo todinho, sábado, domingo corrigindo e contente, porque eles respeitavam. É... é um ponto de interrogação bem grande, a gente fica se perguntando mesmo, como que pode mudar tanto? o respeito pelo professor e entre ambos, porque a gente sabe que tem professor que muitas vezes não consegue ter o respeito que deveria com o aluno, por conta de não aguentar toda essa pressão em cima dele, o aluno xingando, chutando, brigando, não é?

E: Você comentou que agora tem ficado tensa, ansiosa, em razão do trabalho. Você já precisou ficar afastada ou conhece pessoas que precisaram em decorrência desses problemas?

B: Eu não, mas conheço. Eu não sei se o caso do meu pai se enquadra, ele fica na biblioteca, ele não atua como professor regente, porque ele tem calo nas cordas vocais. Porque nesses últimos dez anos de profissão eu ouvi ele reclamar sim, mas eu já era casada, faz exatos 11 anos que eu estou casada. Então logo depois que eu casei que eu comecei a ouvi-lo reclamar dos alunos e aí, claro, conseqüentemente, fala mais alto, porque se continuar falando num tom baixo o aluno que está interessado acaba sendo prejudicado por conta dos que estão conversando. Então ficar falando alto e tal, teve esse problema, calo nas cordas vocais, mas assim, nossa! Conheço muitas, muitas pessoas afastadas por depressão, mas muitas. E tem amigas minhas que fizeram faculdade comigo, que trabalham no estado e que falam que está muito difícil mesmo, salas superlotadas... não é o nosso caso, no município acontece, às vezes, de ter um pouquinho mais de aluno do que o ideal, do que o que tá na lei, mas eu trabalho com 23, 24 alunos no 4º e 5º ano. É uma delícia, é ótimo, muito bom. Agora já no estado não, 40, 40 e poucos alunos, é mais difícil pra trabalhar...

E: Eu trouxe mais duas reportagens sobre casos que frequentemente lemos em jornais, assistimos na TV. Eu vou pedir que você leia, elas são curtas, e da mesma forma, me diga o que você pensa a respeito, como você justificaria essas notícias.

B: Nossa! Meu Deus! Eu não tinha conhecimento. Meu horário de almoço é muito complicado, eu levo minha filha lá no centro, na escola, minha filhinha de 2 anos e meio, e volto aqui, então não consigo assistir. Aí a noite todo o cuidado com ela, fazer janta... Até meu esposo estava falando: “Amor, você tem que assistir jornal” (risos). Mas assim, nossa! Não está longe da nossa realidade não. Essa semana a diretora estava com um probleminha com um aluno que é usuário de drogas, ele queria os dois celulares que ele trouxe pra escola e eu estava vendo que ele ia bater nela. Mas aqui, como eles são menores, essa realidade não está distante não, mas não é tão comum, porque eles são crianças, adolescentes. Eu acredito que por isso ainda não aconteceu. Não aconteceu, não, não tem acontecido com frequência. Porque já aconteceu sim, aqui na escola, de mãe agredir uma professora. Teve professora aqui na escola que foi agredida fisicamente, verbalmente. Não no meu tempo, quando eu entrei aqui ela contou, eu não cheguei a presenciar. Mas não está longe da nossa realidade não. Porque no estado a gente sabe, são maiores, jovens, adolescentes e jovens então, eles vem pra cima mesmo. De repente são maiores que a professora, eu, por exemplo, que sou uma pessoa baixinha, vem um rapaz do ensino médio querendo me enfrentar, meu Deus! Bate mesmo. Então aqui geralmente eles são menores que a gente, mas é triste essa realidade, meu Deus do céu! Eles destroem tudo, não dão valor em nada... Nossa senhora, seiscentos livros

destruídos?! Se você for conversar com a família desses alunos, você vê que, de repente, a mãe é usuária de drogas, é mulher da vida, prostituta. Então, eu tenho pra mim que a chave de tudo isso está na família, família desestruturada geralmente. Esses filhos vem de famílias desestruturadas.

E: E quando você pensa nisso, você acho que essa situação poderia ser mudada?

B: Meu Deus! Nossa! É difícil, porque as orientadoras tentam falar com a família, orientar como deve ser, mas parece que entra por um ouvido e sai pelo outro, não é? Olha, sinceramente, eu... nós professores, temos que continuar acreditando e fazer a nossa parte. Mas eu vejo que é muito difícil, porque a droga está aí, livre e solta. Porque eu acredito que 90% desses alunos são usuários de drogas, porque não estar em estado normal pra fazer tudo isso. Não pode estar sóbrio, ou usou drogas, ou bebeu, porque não pode! Não pode ter tanta maldade assim numa criança, num jovem, no caso aqui da reportagem, porque é muita coisa. Eu sinceramente não sei dizer pra você como é que poderia reverter tudo isso. Eu penso que nós professores devemos continuar acreditando, orientando, tendo calma e paciência, mostrando pra ele o caminho. Eu procuro falar muito de Deus pros meus alunos. Até hoje de manhã eu falei pros pequenininhos: “o papai do céu fica muito triste se fizer isso, ou aquilo”. Até brinco que o papai do céu chora e eu percebi hoje que eles ficaram bem atentos ao que eu estava falando e realmente, o comportamento foi bem melhor. Aí nesse último minutinho de aula foi acontecer... Ai, eu fiquei tão triste, porque estava tudo tão bom, eles fizeram a atividade, estava ótima a aula, mas...

Entrevistada: **Professora Tereza**

Data em que a entrevista foi: 27 de fevereiro de 2014.

E: Eu gostaria de conhecer um pouco sobre a sua história na educação. Você tem quantos anos de profissão?

T: Cinco anos.

E: Você está trabalhando com que ano?

T: Agora eu estou com o 2º ano de manhã e a tarde com outras turmas como regente 2, com história, ciências e geografia.

E: E como você iniciou sua carreira, o que te levou a ser professora?

T: Bom, eu decidi fazer pedagogia porque eu sempre gostei do humano. Então, foi aí que eu fiz. Naquela época, era a única alternativa que nós tínhamos, fazer pedagogia, porque é uma graduação mais barata. Porque eu mesmo que venho de uma família simples, pobre, não tinha condições de pagar uma faculdade de medicina, psicologia, que na época não era acessível. Então eu optei por fazer pedagogia, também porque eu tinha umas amigas que faziam pedagogia. Então eu vim fazer pedagogia, por isso. Mas quando eu cheguei na faculdade, foi uma coisa que eu me encantei. A partir dos estágios, porque a teoria parece que não concretizava tudo aquilo. Aí quando eu vim fazer o estágio que eu me apaixonei de verdade pela profissão, por ser professor. Mas aí o que aconteceu? Teve uma época da minha vida que eu me frustrei. Foi no 4º ano da faculdade, porque parecia que não batia teoria e prática. Aí eu me frustrei. Aí teve uma época que eu me decepcionei mesmo, que foi no estágio do 3º e 4º ano, porque eu chegava à escola, tudo aquilo que eu tinha aprendido na teoria não estava batendo. As crianças já não eram aquilo que eu imaginava, porque até então, trabalhar com educação infantil, moleza! Querendo ou não, você tem aquele espírito dentro de você, você lida com crianças no dia a dia, mas trabalhar com alunos maiores já foi mais complicado, porque, eles não obedeciam. Eu era uma menina lá no meio, então foi bem complicado. Mas depois que eu entrei pro município, aí foi paixão pela alfabetização, eu sou apaixonada por alfabetizar. Quando eu pego aquela criança que não sabe nada, que vem com conhecimento de mundo, mas conhecimento sistematizado ainda nada, nossa! É minha paixão saber que a cada

dia ele está conseguindo ler junções vocálicas, junção consoante e vogal. Pra mim aquilo é realização total.

E: E você comentou que durante o estágio enfrentou alguns problemas, um deles de disciplina, você hoje encontra problemas?

T: Sim. Aqui hoje, no período da manhã, não, porque eu sou regente 1. Então eu dou português e matemática e eu tenho a minha sala, perfeito! Mas a tarde eu estou enfrentando muitos problemas, é uma outra escola, uma escola que tem o programa Mais Educação. De todas as escolas que eu entrei até hoje, eu nunca vi uma escola com alunos tão mal educados como eu vi naquela escola, sabe? Alunos que batem boca com você, que te respondem, que saem da sala sem sua autorização, porque também são alunos retidos no 3º ano, que já estão há dois, três anos na mesma turma, alunos grandes. Então eu tenho enfrentado muita dificuldade nessa situação de regente 2, de regente 1, não, nunca tive problema.

E: E você percebe diferença no seu trabalho nessas duas situações? Como isso reflete?

T: Tem, porque assim, eu tenho quatro turmas a tarde, dessas quatro turmas, duas são ótimas pra trabalhar, as outras duas já não são tão boas, por conta da indisciplina, falta de limites. As crianças ainda não estão dentro das normas, então nos dias que eu tenho aula naquela turma é mais complicado trabalhar, a minha disposição já não é a mesma, quando eu vou trabalhar com essas turmas. Eu já vou assim: “Ai, hoje é aula naquela sala, naquela turma”. É, eu acho que prejudica sim.

E: E como você percebe o trabalho do professor hoje, qual o sentido desse trabalho?

T: Então, hoje eu acho que não há uma valorização do professor, não só por conta do governo, do estado, do município, das autoridades, mas também pelos pais, porque os pais não estão dando importância ao que o professor está fazendo pelos filhos deles. Parece que eles jogam os filhos como se eu não fizesse mais que minha obrigação. É uma obrigação o que eu estou fazendo e eles não tem obrigação também? Hoje está sendo jogado tudo pra escola, tudo pra professor em sala de aula e eles estão se negando a fazer a responsabilidade dos pais. Agora mesmo eu acabei de vir de uma reunião de pais. Dos 6 pais que eu chamei pra uma reunião, 3 vieram. Então, engraçado, porque aqueles alunos que eu precisava conversar não vieram. Estão se anulando muito, jogando muito essa responsabilidade para o professor. E eu fico muito triste, porque eu não sou uma mãe assim, eu sou uma mãe que estou todo dia lá perguntando, questionando e eu fico me perguntando: “meu Deus, o que acontece?”. Não

consigo, não entrou na minha cabeça ainda. Eu vejo lá na outra escola, aqueles alunos indisciplinados, sem limites, o que aconteceu? As mães ficam em casa. Se fosse uma mãe que trabalhava o dia inteiro, tudo bem, tem uma desculpa. Não é assim uma desculpa “oh!”, mas tudo bem, é uma desculpa. Mas elas ficam em casa o dia todo e as crianças ficam o dia inteiro lá no Mais Educação, no programa, e o tempo que fica em casa não usa pra isso.

E: Eu gostaria de te mostrar uma reportagem que saiu na revista “Escola Pública”, que chama atenção para a saúde do professor. Vou pedir pra você olhar esses gráficos, com essas informações sobre doenças, afastamentos, e me dizer o porquê isso vem acontecendo, em sua opinião. O que você pensa sobre o assunto?

T: Esses dias eu ainda estava comentando em casa sobre isso. Eu acho que o professor é um dos únicos que leva todo o trabalho pra casa. Eu chego em casa, eu não tenho tempo pra limpar minha casa. Dia de semana eu não tenho tempo pra isso, porque eu sempre levo atividades pra fazer em casa, eu levo decoração de sala que ainda não está pronta, etc. Várias coisas eu tenho levado pra casa, porque eu tenho que dar conta disso. Então eu penso que o professor não trabalha só dentro da escola, ele trabalha fora. É corrido, fim de semana sempre tem alguma coisa pra fazer. Quando não é fazer avaliação, preparar avaliação, fazer parecer, muitos documentos pra preencher. Então, eu penso que é por isso. Eu não estou tendo tempo pro meu lazer, eu não estou tendo tempo pra minha família, pra fazer coisas que eu gosto. Eu penso que, no meu caso, seria por isso, porque o meu trabalho está pedindo muito de mim e eu não estou tendo tempo pra outras coisas.

E: Você já chegou a precisar se afastar por motivos de saúde?

T: Por saúde física sim, na semana passada eu precisei sair pra fazer uma cirurgia e sai três dias pra ficar afastada, mas nada relacionado ao trabalho.

E: E você acha que esse quadro poderia ser mudado? Como?

T: (risos) Olha! O que deveria ser feito? Esse ano é um ano novo pra nós. Até o ano passado eu era responsável por história, ciências, geografia, português e matemática. Esse ano não, esse ano estou responsável por português, matemática e artes. Então esse ano já diminuiu um pouco os meus compromissos. São três disciplinas com notas a menos. Então eu penso que esse ano vai dar uma amenizada na situação. Em compensação, aumentou a carga horária do PNAIC (risos), que vão ser dois dias na semana. Então, à noite eu vou pro curso mesmo assim. Mas eu penso, o ano passado eu trabalhei em outra escola e lá eu já não tinha tanto

problema como eu tenho de trabalho excessivo, como aqui, porque lá são dois professores regentes, então é tudo muito dividido. Eu gostava muito de trabalhar lá, só mudei porque eu moro aqui, lá fica muito longe pra mim. Mas eu acredito que esse ano nós vamos ter uma grande melhora por conta das disciplinas terem diminuído. Mas isso eu digo como regente 1, porque como regente 2 eu estou até aqui de novo, porque são quatro turmas, três disciplinas por turma, sendo essas que eu tenho que aplicar prova, em quatro turmas, três disciplinas. Quantas avaliações não são? Pra eu corrigir, pra eu passar nota, tudo isso. Mesmo assim, como regente 2 eu vou estar cheia de trabalho. Mas não sei como poderia mudar isso (risos). Aumentar a minha carga de trabalho não! (risos).

E: Eu trouxe outras duas reportagens que eu vou te pedir para ler e, da mesma forma que a anterior, me dar sua opinião sobre os casos.

T: Então, o que eu vejo aqui? Que é o que a gente já falou desde o começo. Que é a base, é a família. O que falta lá reflete nisso aqui. Então, se faltou mesmo tudo isso eu acho que acontece, porque o menor se revolta, porque faltou limite do pai, da mãe, da família. Então, realmente tudo o que a gente vê que está acontecendo nessa sociedade é reflexo de uma falta de base, de estrutura que é a família.